CEFET/RJ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

NOITE DAS ESTRELAS: A CRIAÇÃO DE UM ÁLBUM DAS ESCRITAS PERFORMÁTICAS, AS COSMOPOÉTICAS E FUGAS FEITAS POR AMORES DE INSUJEITAS

Wallace Gonçalves Lino

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Relações Étnico-Raciais.

Orientadora: Profª. Drª. Fátima Lima

Rio de Janeiro
Maio de 2023

NOITE DAS ESTRELAS: A CRIAÇÃO DE UM ÁLBUM DAS ESCRITAS PERFORMÁTICAS, AS COSMOPOÉTICAS E FUGAS FEITAS POR AMORES DE INSUJEITAS

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais do Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, CEFET/RJ, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de mestre em Relações Étnico-Raciais.

Wallace Gonçalves Lino

Banca Examinadora:

_____

Presidente, Professora Drª. Fátima Lima (UERJ) (orientadora)

_____

Professora Drª. Luciana de Fátima Rocha Pereira de Lyra (UERJ) (Membro externo)

_____

Professora Drª. Cíntia Guedes (UFBa) (Membro externo)

_____

Professora Drª Flávia Pinheiro Meireles (CEFET/RJ)

Suplentes:

_____

Professora Drª. Vanessa Ribeiro (UFRJ)

_____

Professora Drª Talita de Oliveira (CEFET/RJ)

Rio de Janeiro
Maio de 2023

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do CEFET/RJ

L758 Lino, Wallace Gonçalves
Noite das estrelas: a criação de um álbum das escritas perfomáticas, as cosmopoéticas e fugas feitas por amores de insujeitas / Wallace Gonçalves Lino. — 2023.
161f. : il. color. , enc.

Dissertação (Mestrado) Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2023.
Bibliografia : f. 157-160
Orientadora: Fátima Lima

1. Negras. 2. Transexualidade. 3.Intelectuais negros. 4. Favelas. 5. Arte. I. Lima, Fátima (Orient.). II. Título.

CDD 305.48

Elaborada pela bibliotecária Tania Mello – CRB/7 nº 5507/04

AGRADECIMENTOS

Concluir um programa de mestrado é um feito que na minha trajetória é impossível ser atravessado sozinho. Nessas curvas do meu trajeto são tantos a dedicar estes feitos, pois ele significa mais que uma conquista individual, ele confirma que é possível criar rupturas no sistema branco vigente. Eu já tinha certeza no feito ao entrar e concluir o ensino superior, agora no mestrado ser um dos 0,84% brasileiros com este título além de muito investimento pessoal é imprescindível reconhecer que é construído por muitas mãos. Por isso, quero agradecer a pessoas que foram cruciais para este acontecimento. À minha mãe Kátia Gonçalves de Oliveira, por me ensinar que o amor é um dos saberes mais nobres que existe, investindo como uma leoa em meus sonhos e sobrevivência. À minha tia Rosangela Gonçalves de Oliveira, pela presença efetiva na minha formação. Os gibis que lia quando eu era criança foram estímulos inimagináveis para isso tudo. Ao meu irmão Paulo Victor Lino, por fazer da revolta minha calmaria e juntas tecer as fugas que moram nossos sonhos. Ao meu irmão Wagner Bonfá, por fazer da gentileza sua arma. Ao meu pai Jorge Luis Lino, por me mostrar que a ausência também ensina e ama. À minha família, tias, primas e amigos que me permitem saber e viver que amo a favela e suas multidimensões. Nega você foi um arraso, sem palavras pra ti meu amor! Agradeço à CAPES, pelo apoio à minha pesquisa e à minha desorientadora Fátima Lima, por comprar minhas brigas com as ideias acadêmicas. A todos da Cia Marginal, Geandra Nobre, Isabel Penoni, Jaqueline Andrade, Rodrigo Maré e Phellipe Azevedo. Ao Grupo Atiro, Desireé Santos, João Paulo Rodrigues, Paulo Victor Lino, Matheus Affonso e Wellington Oliveira. Aos artistas e colaboradores do Entidade Maré pela possibilidade de se criar com armas que só se constroem em quadrilha.

Ao meu amor João Pedro Zabeti por me mostrar que um ser de luz na performance negra, mata o herói e corre livre pelos campos com os seus na curva do tempo espiralar. A Érika Ravache e Marcela Soares por compartilharem suas memórias e sabedorias das experiências dos antigos shows nas décadas de 80 e 90 na Maré e tornar o desejo do filme e desta pesquisa um material em nossa realidade. As Atrizes David Almeida, Dominik di Calafrio, Jaqueline Andrade, Livia Laso e Marcos Carvalho. É uma honra trabalhar com vocês MÁXIMO RESPEITO, a gente vai tá amarrada pra sempre uma na outra. A equipe do filme, que na sua feitura firmaram um lugar fundo no meu coração de que o impossível Existe. Erika Candido, Gabriela Freitas, Jv Santos, Lais Dantas, Gustavo Ciupryk, Ludmyllah de Souza, Luis Otávio da Silva, Rodrigo Maré, Estúdio Reurbana, Tainã Miranda, Zenin Multimidia, Matheus Affonsso, Luciano Caten, Joa Assumpção, Mauro Ferreira, Syl Oliveira, Priscila Alves, Jonas Rosa, Alessandra Ramos Makkeda e Nyara Wassa. Às Bonecas da Maré, Rosangela Oliveira, Rafaela Oliveira, Rafael Bento e Marcos Diniz

as Gatinhas e todos os amigos que emanam afeto diariamente que de alguma forma foram fundamentais nesse processo, a Gilmara Cunha pela amizade e apoio do Conexão G, primeira instituição a abraçar nosso sonho.

Aos amigos Diego Deleon, Pedro Bento, Peterson Oliveira, Adrielle Vieira, Camila Rocha, Nádia Lúcia, Paulo Victor Leite Lopes, Juliana Farias, Eliane Gomes, Thiago Rodrigues, Vanu Rodrigues, Carlos Marra, Bruno Duarte, Caio Chacal, Daniele Moura, Leonardo J Melo, Rodrigo Reduzino, Matheus Ribeiro, Juliana Longuinho, Iury de Carvalho Lobo, Luana Lessa, Caju Bezerra, Lais Laje, Carolina Caju, Juliana Soure, Renato Linhares, Alessandro Conceição, Tatiane Santoro, Mariluce Nascimento, Priscilla Monteiro e Diogo Victor. Aos revisores Moisés Nascimento, Nilson Nunes e Vitor Felix. Ao Grupo de pesquisa Ôrí em especial Clátia Vieira, Cecília Izidoro, Luana Fontel e Andreza Jorge. Aos meus amigos do Mestrado e agora da vida Carol Michaella, Marco Fera, Viviane Santos e Giselle Jacob. Agradeço especialmente aqueles que se encantaram e deixaram nas suas existências os rastros que compõem o nosso hoje.

RESUMO

Noite das Estrelas: a criação de um álbum das escritas performáticas, as cosmopoéticas e fugas feitas por amores de insujeitas

Este trabalho de dissertação tem a perspectiva de apresentar a “Noite das Estrelas”, antigos shows criados por LGBTQIA+ do bairro Maré, no Rio de Janeiro, durante as décadas de 80 e 90 numa encruzilhada onde a costura de pensamentos de intelectuais negras e negros, das mulheres da minha vida e meu percurso artístico em grupos e coletivos como a Cia Marginal, Grupo Atiro e Entidade Maré forjam a feitura da criação do álbum visual LGBTQIA+ Noite das Estrelas e da escrita desta pesquisa para estabelecer a Noite como material vivo das grafias e explosões do amor, cosmopoéticas e memórias negras insujeitas faveladas.

Palavras-chave: negras; LGBTQIA+; favela; arte; performance

ABSTRACT

“Noite das Estrelas”: the creation of an album through performative writings, cosmopoetics and escapes made by the loves of insubjects

This Master thesis has the perspective of presenting “Noite das Estrelas”, former shows created by LGBTQIA+ people from Maré, a brazilian neighborhood in Rio de Janeiro, during the 80s and 90s, at a crossroads where the embroidering of thoughts of black intellectuals, of the women in my life and my artistic journey in groups such as Cia Marginal, Grupo Atiro and Entidade Maré manufacture the visual album LGBTQIA+ Noite das Estrelas. Also the writing of this research establishes the "Noite" as a living material of the writing, composition experiences and explosions of love, cosmopoetics and nonconformity black memories from favelas.

Keywords: black women; LGBTQIA+; favela; art; performance

LISTA DAS ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Fotografia - Maré vista de cima. 10
Figura 2 – Fotografia palafitas da Maré. 15
Figura 3 – Fotografia. Maré, Nova Holanda. Ano desconhecido. 18
Figura 4 – Fotografia – Cópia de arquivo cedida pelo conexão G. Na foto, Carlota, no show da Noite das Estrelas na Quadra do Mataram meu Gato. Ano desconhecido. 23
Figura 5 – Fotografia cedida por Marcela ao Entidade Maré. Fim de show na Praça do XVIII, Na Baixa do Sapateiro. Marcela, Sergio Pantera, Marcela, Danda, Djalma e seu namorado, Valeria, Valquiria e Rebeca. Fonte: Arquivo pessoal de Marcela. Ano desconhecido. 41
Figura 6 — Fotografia Matheus Affonsso — Cena que abre o albúm visual. Nas sombras David Magalhães, Dominick de Calafrio, Jaqueline Andrade, Lívia Laso e Marcos Carvalho. 202. 43
Figura 7 – Fotografia – Érika Ravache em sua casa antes de um dos shows. Arquivo pessoal cedido por Érika
Figura 8 - Fotografia- arquivo pessoal de Marcela num de seus aniversários na Boate Cabaré Casa Nova, ano desconhecido.
Figura 9 – Cartaz do filme “Noite das Estrelas”, 2021. Designer Nyara Wassa 51
Figura 10 – Fotografia – Luciana num show no Brizolão (CIEP Presidente) Samora Machel, na Nova Holanda. Fonte: Arquivos do Conexão G cedido ao Entidade Maré. Ano desconhecido. 53
Figura 11– Fotografia de Jv Santos – Érika (Érica Ravache) e Marcela (Marcela Soares), no bar das Minas, Instituto Trans, Na Vila do Pinheiro. Comemoração do dia da visibilidade. 11 de fevereiro de 2022. 54
Figura 12 – Fotografia – Marcela e Menga no final de um show na quadra da escola Gato de Bonsucesso. Ano desconhecido. 56
Figura 13- Fotografia - Érika Ravache na gravação da cena de seu aniversário do filme Noite das Estrelas. foto Matheus Affonso 2021. 61
Figura 14 - Fotografia- Primeiro show de Marcela aos 17 para os 18 anos. Imagem de arquivo cedida por Marcela ano. 66
Figura 15 - Fotografia- Preta Quen B Rull e Marcela na cena do filme Noite das Estrelas 2021. 67
Figura 16 – Fotografia - Gravação do filme. Laís Dantas, uma das diretoras de fotografia durante um enquadramento de imagem 2021. 71

Figura 17 – Fotografia – Autora: Marcia Bellotti, 2013 – Foto de Marcia Bellotti da manifestação feita em 2013 no Largo do Machado. 71
Figura 18 – Fotografia – Arquivo pessoal de Maria Poubel, cedida a Cia Marginal. Na foto, a Pombagira de Derley. 76
Figura 19 – Fotografia – João Penoni. Cena do espetáculo “Qual é a Nossa Cara?”, 2005. 76
Figura 20 – Cartaz – Matheus Affonso. Cartaz do curta “Entidade”, 2020. 78
Figura 21– Fotografia – Arquivo pessoal de Jaqueline Andrade. Na foto Jaqueline e Caju Bezerra em 2013. 83
Figura 22– Fotografia – Arquivo do Conexão G. Na foto, Moranguinho na Quadra do Brizolão. Ano desconhecido. 88
Figura 23– Fotografia – Matheus Affonso, 2021. Na foto, Dominick di Calafrio, Jaqueline Andrade e Livia Laso na gravação do filme, na Nova Holanda, 2021. 89
Figura 24 – Fotografia – Arquivo pessoal. Eu e Paulo Victor Lino na estreia do filme, na 14ª edição do Festival Internacional de Cinema Negro Zózimo Bulbul. 2021. 90
Figura 25- Fotografia- Arquivo pessoal de Nega. Pinduca, Dila, Katia, Nega. Na fileira da frente, Marcia e Carlinhos. Ano desconhecido. 94
Figura 26 – Fotografia – Arquivo pessoal. Tia Dila e Kátia, minha mãe, grávida do Paulo Victor enquanto conversavam na rua 4, Nova Holanda. Ano de 1994. 97
Figura 27 – Fotografia – Arquivo pessoal. Integrantes da Cia Marginal: Phellipe Azevedo, Jaqueline Andrade, Rodrigo Maré, Wallace Lino e Geandra Nobre. Apresentação do Palco Giratório em Fortaleza. Ano 2018. 111
Figura 28 – Fotografia- Arquivo do Entidade Maré- Pré estreia do filme Noite das Estrelas só para convidados no Galpão Bela Maré 2021. 117
Figura 29 – Fotografia – Arquivo do Entidade Maré, foto Matheus Affonso. Na foto, parte da Equipe da Noite das Estrelas na estreia do filme, na décima quarta edição do Festival Internacional de Cinema Negro Zózimo Bulbul. 2021, no cine Odeon. Jv Santos, Marcos Carvalho, Erica Candido, Tainã Miranda, Syl Oliveira, David Magalhães, Paulo Victor Lino, Zenin, Matheus Affonso, Lais Dantas, Gustavo Ciuprik, Dominick di Calafrio, Gabriela Freitas e Wallace Lino. 118
Figura 30 – Fotografia- Arquivo do Entidade Maré. Na foto Marcela performando na Mostra Bixaria Negra o cinema de Marlon riggs 2022. 119
Figura 31 – Fotografia- Arquivo do Entidade Maré. Na foto Dominck performando na Mostra Bixaria Negra o cinema de Marlon riggs, no Bela Maré 2022. 120
Figura 32- Fotografia - Dona Firmina Pedra Ramos, cedido por sua filha Neide. 125

Figura 33 - Fotografia- Arquivo Pessoal. Cindy Bella Boneca. Ano 2014. 125
Figura 34 - Fotografia arquivo pessoal. Guiomar Marta Desidério. 2018. 125
Figura 35 - Fotografia arquivo cedido por Nega. Jorge Luiz Lino, Wanessa Barbosa, Dona Fiinha e Érica Batista em seu colo. Ano desconhecido. 125
Figura 36- Fotografia arquivo pessoal. Wallace, Dila e Iury de Carvalho. Ano 2016. 134
Figura 37- Fotografia, arquivo cedido por Raphaela sua neta. Dona Maria Joventina (Dona Jovem). Ano desconhecido. 134
Figura 38 – Fotografia – arquivo pessoal de Rosangela filha de santo de Derley. Na foto, Derley em seu terreiro em uma das cerimônias religiosas. Data desconhecida. 150

SUMÁRIO

A Bixa mais bonita da Maré, a Maré e as imagens gravadas que não podem passa **10**

Porque escrevo na encruzilhada enquanto uma clave teórico-metodológica **27**

Grito: Exu urbano **44**

Grito: Noite das Estrelas, elas explodem o universo **50**

Grito: *Noite das Estrelas*, seus multiversos e ressonâncias **71**

Grito: Matando Caim e Abel **90**

Grito: Luzes, closes, câmera e as perfurações das artes insujeitas **98**

Diante do espelho **125**

Considerações
Grito: aquela que venceu a morte **136**

Referências bibliográficas **157**

A Bixa mais bonita da Maré, a Maré e as imagens gravadas que não param de passar

Figura 1 – Fotografia – Fonte: Site Rio watch. Disponível em: Acesso em 13 de junho de 2022.
http://www.rioonwatch.org/?p=29572#prettyPhoto



Maré vista de cima

Eu sou a Bixa mais bonita da Maré. Na primeira vez que me nomeie deste jeito, foi pra me defender de um xaxo[1] da Leo[2], que me gongava dizendo não entender eu ser como era (se referindo a minha aparência) e ter namorado. Respondi, tá doida, se manca viado eu sou a bixa mais bonita da Maré! Nunca vou esquecer Jaqueline[3] dizendo que eu

[1] *Xaxo*- ofensa disfarçada de brincadeira.
[2] *Leo*- Leonardo Souza- Uma amiga que conheci na época do vôlei. Nessa época ela brigava com todo mundo, adorava falar que não abaixava a cabeça pra ninguém. Ainda somos amigas ela nem parece que era aquela demônia. Numa de suas brigas ela esbravejava que era negra que a avó, tinha um pai preto e a avó indigena. O bonito disso é como ele eternizava ela em sua pele.
[3] *Jaqueline Andrade:* Multiartista, Mestranda em Artes da Cena pela UFRJ, sapatão preta macumbeira. Faz parte do elenco do Filme Noite das Estrelas. Nos conhecemos na adolescência e forjamos laços de melhores amigas até hoje.

era apaixonada pelo filho do diácono nos poucos segundos em que ela presenciou ele e eu nos cumprimentando. Ela codificou nos meus poucos gestos, sons e movimentos emitidos no cumprimento, meus sentidos por outro boy[4]. Naquela pressão do mundo evangélico, ela foi a sapatão feiticeira que me descobriu e ouviu segredos guardados nas minhas entranhas, me arrancando de vez da abominação desenhada pelo plano de salvação que me matava, ela vasculhou minha própria intimidade fecundando a possibilidade de uma nova existência, apavorado com a descoberta. Meu sussurro tinha gosto de asas, palavras aladas na minha boca diziam "eu gosto dele" veio à tona junto da frase o reconhecimento que fracassei da compulsória heteronormatividade. Aquilo transformou o meu Eu demonizado no meu Eu universo que ama e goza como uma bixa preta e favelada.

Dominick de Calafrio[5] diz que só pude me chamar assim depois que eu recebi as travas[6] na minha intimidade. O que não discordo, pois só na intimidade com Gilmara Cunha[7] que foi possível abrir sentidos para as noções profundas de sua constante afirmação, quando diz: "Apesar dos avanços das pautas LGBTQIA+[8], a população LGBTQIA+ favelada ainda não pode lutar pelo casamento, pois elas estão lutando pela sobrevivência". Através de seus modos de enfrentar o cotidiano de se fazer vivo no terreno da morte, sendo a matéria sepultada da história oficial, fecundando outras realidades de existir. Quando li o livro "Vidas rebeldes, belos experimentos histórias íntimas de meninas negras desordeiras mulheres encrenqueiras e queers radicais", de Saiydia Hatman, passei a enxergar esta apresentação como uma gostosa sensação de me enunciar navegando nas radicalidades transgressoras pretas que emanam da minha

---

[4] *Boy*: garoto em inglês, utilizado como gíria sob os mesmos signos.

[5] *Dominick di Calafrio:* Puta atriz negra travesti retinta. Integra ao elenco do filme "Noite das Estrelas". Ela criou uma dinâmica na qual muda seu nome de acordo com as estações do ano. Sendo assim, é chamada de *Dominick Ciliany, Dominick di Calafrio, Dominck di Radássa e Verão.*

[6] *Travas*: Termo utilizado para se referir a travestis na intimidade, muito parecido com o que acontece na lingua americana com o termo "nigga", onde utilizado por alguém de fora da comunidade atribui ao termo signo de ofensa.

[7] *Gilmara Cunha:* Gilmara é ativista e moradora da Maré, primeira travesti negra favelada condecorada em 2015, com a maior honraria do Estado, a medalha Tiradentes. Criadora do *Conexão G*, primeira ONG LGBTQIA+ em espaços de favela e coordenadora do Centro de Promoção de Cidadania LGBTQIA+ do Estado no Conjunto de Favelas da Maré. Nos conhecemos na igreja Batista em Nova Holanda, onde fomos proibidos pela liderança de andar com ela por representar uma ameaça aos valores cristãos.

[8] *LGBTQIA+*: Insiro a sigla como representação das existências lésbicas, gays, travestis e outras existências. https://www.fundobrasil.org.br/blog/o-que-significa-a-sigla-LGBTQIA+/
Acesso em : 13/05/ 2022

simples existência. Pois acredito no que ouvi de Megg Raiara[9] dizer na banca de qualificação da Marco[10], "A bixa preta escorrega" e nesse escorregar da minha corpa[11] brinco com as bordas dos encruzos existentes entre importância, ausências, necessidades e enclausuramentos da representatividade num país que ama e retroalimenta em seu cotidiano as vísceras da escravização, brutalizadas no dia dia sangrento e genocida para pessoas pretas e indígenas.

Na lutinha com o filho do diácono, eu fui ganhando forma, pulso, sangue, nervura, punheta, boquete, língua, cu, mão, pau, desejo, aos pés da cruz, na cama, nervoso, queimando, eu, ele, espelhos negados, moídos e quebrados de uma forçada normatividade que nos lançava do inferno. Depois da mulher do diácono me pegar comendo o filho dela, contou pra minha mãe, que, tentando arrependimento do meu desejo, me disse que a apunhalei pelas costas. Eu traidora a abracei e soprei no seu ouvido que identidade é amor-próprio. Eu nasci desse sopro como um som que rasga os tímpanos, mesmo treinado por toda uma vida pra falar grosso.

Desde então, eu sou vista até escondida, jogo na cara de quem for o seu atraso. Eu sempre olho com arrogância porque sei que o desejo do mundo é arrancar meus olhos. Eu sou a fúria e a repulsa. Eu sou a que grita "é garota" quando cumprimento a outra. Minha corpa é uma bandeira ambulante que é fuzilada diariamente pelos que juram amor à nação. Eu sou a que nunca vai pedir licença para porra nenhuma. Onde boto o pé, faço qualquer coração envenenado de ódio a mim e ao meus, engolir minha presença diariamente, seca, indigesta, intragável. Essa vida inaceitável, que gargalha de felicidade vendo o seu mundo acabar. Vida que desde novinha[12] tem intimidade com a morte, por isso ela não me leva a lugar nenhum. Perturbações involuntárias escritas na minha maneira debochada de vencer as mortes e arquitetações que espreitam ver minha corpa tombada.

---

[9] *Megg Hayara:* Primeira travesti negra Doutora em Educação no Brasil

[10] *Marco Fera:* Bixa preta, multi artista e professora. Conheci ela em 2017, quando eu participava do Festival Palco Giratório do SESC Nacional em 2017. Ao entrar no PPRER a reencontro, minha amiga e salvação das burocracias acadêmicas.

[11] *Corpa:* Ouvi o termo pela primeira vez através de Julia Santos, uma travesti negra artista militante, que assim como outras travestis, utilizam do termo "corpa" para designar suas performances desconstruindo na palavra corpo a performance dominante masculina utilizada na língua portuguesa para representar performances diversas. Grada Kilomba (2019) na versão portuguesa do seu livro "Memórias da Plantação" insere uma nota chamando atenção para a quebra deste domínio, exclusão e da binaridade nas entranhas da língua portuguesa.

[12] *Novinha:* Termo utilizado para se referir a pessoas mais novas.

Eu sei desde ereia[13] que as escolas me odiavam, então ficar sozinha, em solidão ou isolada era o tráfego das minhas experiências nas instituições de ensino, e quando estavam comigo eu tinha voz, gestos, jeitos, boca e cabelo minuciosamente passado pela conduta vexatória. O que trás para esta pesquisa a vingança que alcunha uma escrita emancipatória, onde não se tenta caber nos modelos acadêmicos, nem tampouco ignorá-los mas colocar posições no mundo filiadas à escrita performativa, destacando a imprevisibilidade como parte do jogo da escrita. Indico a escrita acadêmica performativa como caminho nas artes pretas nestes grifos:

> Percebo que estamos diante de um momento nodal no desenvolvimento da pesquisa em artes. As metodologias construídas por um viés qualitativo e quantitativo enquadram o que é admissível, contudo, não atendem ao grande contingente de pesquisadoras e pesquisadores conduzidos pela práxis, especialmente nas artes, que, acredito, buscam no caminho performático, legitimar a natureza de suas experiências. Evidente que optar pelo *caminho da floresta* da performatividade incorre em desafios, o primeiro deles, a meu ver, é construir um imbricamento entre 'objeto' e 'sujeito' de pesquisa, implodindo com a ideia de distanciamento do que se olha, do que se estuda para imprimir *um lugar sentido das coisas* que se vive. (Lyra, 2020, p. 6)

Lyra, ao destacar a natureza das experiências de pesquisadores como legitimação das metodologias construídas pela práxis, para implodir o distanciamento do que se olha, do sentido das coisas, coloca minha experiência articulada a experiências de outros pesquisadores e pesquisas em torno das artes. Aqui nesta escritura, minha própria corpa é o caminho dos vestígios, da concretude de criações que se interpenetram, de uma experiência de uma bixa multiartista pesquisadora, de algo pulsante da escrita e a performance também existente entre o jogo trançado entre imagens e palavras, num rumo autoetnográfico nada concluso. Esta pode ser considerada uma tentativa de cartografar a imaginação como matéria de encontros aglutinados de vozes, que perturbam as ideias neutras das pesquisas acadêmicas, nas quais o pesquisador busca um distanciamento do "objeto pesquisado".

Como estou totalmente amarrado na memória, como alguém que olha para a Maré como mareense[14], como alguém que é e que habita nela, transpassada pelas arquiteturas, paisagens e ecologias, percebo múltiplas vozes, conectadas à minha corpa. Elas contam e tecem a possibilidade de registro sobre algumas das transformações ouvidas e vividas por moradores e artistas que constroem o bairro Maré, a resistência de seus lugares e direitos.

[13] *Ereia*: Êre no feminino, nas religiões de matriz africana são entidades crianças.
[14] *Mareense:* Termo para se referir aos moradores da Maré.

Por isso que as palavras de abertura desta pesquisa são importantes, para saber de quem escreve. Eu trânsito por esta cidade Maré como um Exu urbano, entre vozes tempos, vidas, dimensões e imagens, algumas feitas antes do meu nascimento, mas que fomentam meu viver, com contradições, afetos, brutalidades, sonhos e esperanças de uma performance viva, que o bem e do mal não sustentam. Tive meus olhos como testemunha do poder das águas e dos milagres que podem ocorrer quando elas abraçam um povo.

Na minha cabeça a Maré é uma terra que é minha bússola. Nessa terra, mar, mangue, está a prova do que pode ser feito, esculpido e moldado na negação da existência. Esse lugar, que encontra na presença das águas a confirmação de que elas seguem se movimentando ainda nos dias atuais. Isso é possível ver nas paredes das casas de primeiro andar, onde a umidade revela infiltrações que vem do chão, os anos, o tempo, a história, a regeografização do território, os aterros de terra e entulho não mata as Marés, porque as suas águas correm no subterrâneo aterrado, cimentado, que seguem escrevendo nas casas a memória de muitas Marés aqui imanentes. Abraçada às águas, aqui permaneço, por um efeito simbiótico. As Marés estão escritas na corpa, assim como as paisagens nela própria se imbricam, e assim a ecologia só faz sentido no terreno onde corpa se funde à paisagem como amálgama. Elas me navegam como imagens que não param de passar; eu me levo nos seus destinos.

Pra quem não sabe o que é a Maré, deixa eu te atualizar, pois, será impossível colocar algum sentido nessa escrita sem saber o chão em que ela pisa. Oficialmente, a Maré é um bairro da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, à beira da Baía de Guanabara. O bairro é composto por um conjunto de 16 favelas, sendo elas: Baixa do Sapateiro, Bento Ribeiro Dantas, Conjunto Esperança, Conjunto Pinheiros, Conjunto Marcílio Dias, Morro do Timbau, Nova Holanda, Conjunto Nova Maré, Parque Maré, Parque União, Praia de Ramos, Parque Roquete Pinto, Parque Rubens Vaz, Conjunto Novo Pinheiro (Salsa e Merengue), Vila do João e Vila do Pinheiro.

Figura 2- Fotografia – Fonte: https://rioonwatch.org.br/wp-content/uploads/2016/12/palafitas.jpg



Antigas palafitas da Maré

O nome do bairro é fruto das primeiras ecologias que formam o território, as águas. Digo isso, porque muito do chão nesta terra já foi água, águas guanabaras, mangue ou ilhas. Terras que foram de Tupis, Guaranis, invadidas por portugueses: "vários nomes da região da Maré até hoje denotam a presença indígena na região, vide palavras como: Inhaúma, Timbau, Sapucaia, etc" (Araújo, 2012, p. 100). É de suma importância numa pesquisa que se propõe a olhar o terreno pelas perspectivas performáticas pretas não estabelecendo o saqueamento das existências de muitas culturas influenciando, construindo, destruindo e refazendo as existências do Bairro. Segundo o último

recenseamento inédito em periferias do CENSO[15] Maré 2019, o bairro abrigava 140 mil moradores, dos quais um entre 4 moradores é nordestino, além disso, 51% desta população é mulher e 62,1% é preta e parda, sendo este um ajuntamento populacional maior que 96% dos municípios brasileiros[16] em números absolutos. Até 2010 a Maré abrigava a maior população indígena urbana do estado do Rio de Janeiro. Este mesmo levantamento não apresenta na malha de seus dados as existências LGBTQIA+ do território, dinâmica espelhada nos pilares coloniais de um modelo binário de vida, uma das revoltas que provocam esta pesquisa a imprimir uma contranarrativa às narrativas das existências destas corpas.

Nesse sentido, o conjunto de favelas da Maré encontra-se indissociável do processo histórico, urbano e racial na cidade do Rio de Janeiro onde as atividades e os ciclos econômicos sempre foram determinantes nas principais transformações geográficas urbanas do Rio de Janeiro e a economia girava em torno de atividades que se davam a partir da exploração da mão de obra negra. Vale atentar para um sistema que é fruto do que o livro *O Genocídio do Negro Brasileiro* denomina como "parasitismo imperialista" (NASCIMENTO, 2016, p. 58). Apesar de não desenvolver o termo citado, Abdias Nascimento, ao longo do livro, transcreve este parasitismo na relação genocida que o racismo estabelece historicamente às vidas pretas. Essa relação escrita na brutalidade de séculos de escravização, que coloca a performance da vida negra submetida às subalternidades impostas pela brancura. Esse racismo é o fomento direto do projeto de remoção estabelecido como política pública por força do braço do Estado mediante um projeto arquitetural moderno da cidade que expulsa vivências negras, e as empurra cada vez mais longe das vistas da humanidade.

Foi a partir da década de 30 que surgiram os primeiros moradores do que hoje se chama Maré, devido a vários fatores. A primeira comunidade a surgir foi no Morro do Timbau e sua primeira moradora lendária se chamou Orosina. Essa já era uma região ocupada, como já escrevemos anteriormente, pois ali se localizava o Porto de Inhaúma.

---

15 *CENSO:* Constitui a principal fonte de referência para o conhecimento das condições de vida da população em todos os municípios do País e em seus recortes territoriais internos, tendo como unidade de coleta a pessoa residente, na data de referência, em domicílio do Território Nacional. Acesso em: 22/03/2001 https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/rendimento-despesa-e-consumo/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=o-que-e

16 https://www.redesdamare.org.br/br/artigo/171/uma-cidade-chamada-mare-censo-populacional-2019 Acesso em: 23/01/2023

O nome Timbau significa do tupi-guarani “entre as águas. A história quase épica conta que D. Orosina foi fazer um passeio e ficou encantada com a beleza da região. Começou recolhendo as madeiras que vinham com a maré e construiu um barraco. Logo depois o Morro do Timbau foi sendo ocupado, seus terrenos eram pantanosos e não urbanizados. Paralelamente começa-se a construir a “Variante”, nome dado à Avenida Brasil. “(Araújo, 2012, p. 108-109)

Orosina é expressão afirmativa de que a cidade é meu país. A encruzilhada é minha casa; dela, eu vejo um universo, movimento feito das peles e sonhos escritos antes do meu nascer, no movimento que move uma multidão. Elas, as minhas, aquela multidão que conta com vivos, ancestrais, mortos, e encantados… me olham, molham e regam meu corpo-sonho. Quem vê de dentro a Maré é forjada da aglutinação de muitas culturas, tal qual Silva (2006) apresenta em sua dissertação:

> Filha de pai aposentado e mãe dona de casa, nasci em 1966, e, até os 32 anos morei na Maré. Vivi a infância e a juventude nesse lugar, andando livremente pelos becos, ruas e pontes de madeira sobre palafitas; correndo atrás de doces no Dia de São Cosme e São Damião; fugindo apavorada dos “homens mascarados” da Folia de Reis; sambando nos ensaios do bloco carnavalesco Corações Unidos; indo de arraial em arraial, vestida de caipira para dançar quadrilha; visitando as casas dos vizinhos durante as noites de Natal e Ano Novo; fazendo trabalhos escolares nas casas dos colegas... (Silva, 2006, p. 8)

A “Maré das palafitas era símbolo da miséria nacional, como retrata a música “Alagados”, do Paralamas do Sucesso” (Araujo apud: Oliveira, 2012, p. 106). Escrevo a Maré como um quilombo suspenso. Sobre a ideia de quilombo, Beatriz Nascimento vai discorrer:

> Quilombo é uma história. Essa palavra tem uma história. Também tem uma tipologia de acordo com a região e de acordo com a época, o tempo. Sua relação com o seu território. É importante ver que, hoje, o quilombo traz pra gente não mais o território geográfico, mas o território a nível (sic) duma simbologia. Nós somos homens. Nós temos direitos ao território, à terra. Várias e várias e várias partes da minha história contam que eu tenho o direito ao espaço que ocupo na nação. E é isso que Palmares vem revelando nesse momento. Eu tenho a direito ao espaço que ocupo dentro desse sistema, dentro dessa nação, dentro desse nicho geográfico, dessa serra de Pernambuco. A Terra é o meu quilombo. Meu espaço é meu quilombo. Onde eu estou, eu estou. Quando eu estou, eu sou. (Nascimento apud Ratts, 2006, p. 59).

Nessa relação, o quilombo se forja na reivindicação a presença, signo, ocupação revelando a resistência de uma época, de um lugar dentro do sistema, de afirmação de existir esburacando a realidade nos caminhos que espiam outros mundos. Na história da Maré, a expulsão de outras áreas da cidade gera uma migração de volta para as águas,

águas guanabaras que vêm do atlântico, um percurso diaspórico que historicamente nos força a fincar estacas de resistência. Na Maré, o gesto que craveja as estacas das palafitas está nos pertencimentos dos moradores, que fazem suas moradias em cima da água, as águas Atlânticas voltam a ser lugar de morada na Maré, está instalado um quilombo suspenso. Lélia Gonzalez, ao fazer a transferência das relações existentes entre os quilombos e as favelas afirma que:

> Que são esses quilombos senão as nossas favelas de hoje, com sua estrutura própria, seu movimento (eu falo em termos Rio de Janeiro), que nos apresenta situações concretas extraordinárias? Quando de repente, por exemplo, para resolver a questão da água nas favelas, são os próprios favelados que elaboram seus planos de colocação de cano e levam para a CEBRAI, o dirigente da CEBRAI, o técnico chega espantado, espantadíssimo [...]E nós vamos perceber isso dentro da interligação entre essas favelas e os quilombos, que continuam até o dia de hoje. (Gonzalez, 2018, p. 263-264)

As palafitas, com o passar dos anos, foram ganhando mais moradores removidos de outros espaços da cidade, vidas expulsas que encontram na Maré espaços de vida e de recriação do território, que anos depois, foi aterrado, ganhando saneamento básico. As palafitas dão lugar às casas de alvenaria, e depois de tantos incêndios, passaram a ser feitas de tijolos, com lajes batidas. Havia aquela multidão de gente pra mexer o cimento que seriam nossos tetos, lajes. Suas múltiplas dimensões de convívio que juntam na massa o sonho de moradia, um vem e vai de muita força articulada, que surge desde a força braçal usada pra virar a massa, encher os baldes, puxar as cordas para que a massa chegue até a parte superior da casa, e o nivelamento do cimento lá no andar acima, quanto da força que descasca alimentos, tempera e cozinha a comida para aquele batalhão de gente. Colocar uma laje mobiliza muita gente, suor, e a imaginação de ter uma morada, é uma festa que começa de manhã bem cedo e acaba com todos comendo o cozido, caldo, feijoada e nos dias de riqueza churrasco e cerveja.

Figura 3 – Fotografia – Arquivo pessoal. Sem data.



Maré, Nova Holanda

A invenção da laje mora na relação que os moradores de favelas estabelecem sobre os estilhaçamentos do domínio hegemônico das arquiteturas coloniais da cidade do Rio de Janeiro. A laje é a transformação do teto da casa como arquitetura atribuída a outros signos e simbolismos. O teto não perde as suas representações arquitetônicas e simbólicas que carrega, tais como: a proteção de agentes e ações externas, o tempo, chuva, bichos, etc. No entanto, a sua utilização a partir do posicionamento humano altera e agrega novos sentidos para o chão como objeto. Na dimensão do teto o objeto está sobre nossas cabeças, na laje o teto está sob nossos pés. Essa dinâmica estabelecida pela movimentação humana estende o jogo que Sodré articula à ideia de território:

> Território é, assim, o lugar marcado de um jogo, que se entende em sentido amplo como a promotoria de toda e qualquer cultura: sistema de regras de movimentação humana de um grupo, horizonte de relacionamento com o real. Articulando mobilidade e regras na base de um "fazer de conta", de um artifício fundador que se repete, o jogo aparece como perspectiva ordenada da ligação entre o homem e o mundo, capaz de combinar "as ideias de limite, de liberdade e de invenção". (Sodré, 2002, p. 23)

Desde que li o livro "Becos da Memória", a Escrevivência tem sido um operador epistemo/metodológico para escrever na minha performance artística em terrenos onde é possível ver as mulheres de minha vida, mulheres diversas, diferentes e atrevidas, que interrompiam em suas experiências familiares a exclusividade do laço consanguíneo. Ser "família" é a notória invocação da irmandade, um desenho afetivo desdobrado de uma profunda parceria. Através dela vimos as diversas dobras existentes na relação de irmãs, feitas de sangue, sonhos, desejos e compartilhamento de existências, investimentos diários e dedicação para nutrir nas nossas casas a educação e o direito aos acessos básicos necessários à vida. Minha amiga Fontel[17] um dia me disse que, na sua cultura, ser mãe é um ato de irmandade: toda comunidade cria as crianças juntas. No caso da minha família, essa responsa era designada às mulheres. Os homens sempre foram coadjuvantes das decisões, eventos, ideias. Em qualquer situação, da festa ao luto, elas estavam na frente e no comando. Diante da Escrevivência é possível borrar imagens da brutalidade

[17] *Fontel*- Luana Fontel é papa-chibé do Estado do Pará e descendente do povo Guaraní Anambé. É professora de Língua Portuguesa formada pela UFPA, mestre e doutoranda pelo Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UFRJ. Atualmente vive uma imersão político-científica realizada na Amazônia Atlântica que dialoga com mulheres racializadas sobre questões que atravessam o exercício da maternidade/maternagem. Além do ORÍ, também participa do Coletivo de Estudos em Letramentos Contemporâneos da UFRRJ Nova Iguaçu e do Projeto Mães na Universidade UFRJ.

vivenciadas por mulheres negras e remontá-las nas imagens produzidas em suas ações e gestos. Minha memória, o que presenciei e ouvi estão juntas nesta escrita. Na tentativa de reconhecer em seus gestos e vozes signos e gráficos de conhecimento que perfuram a realidade imposta por uma sociedade que não deixou de saudar a escravização de corpos, elas estão aqui pra acordar os sonhos injustos e apresentar a reminiscência ancestral nas margens da contemporaneidade:

> Escrevivência, em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. Pertencem, pois nos apropriamos desses signos gráficos, do valor da escrita, sem esquecer a pujança da oralidade de nossas e de nossos ancestrais. Potência de voz, de criação, de engenhosidade que a casa-grande soube escravizar para o deleite de seus filhos. E se a voz de nossas ancestrais tinha rumos e funções demarcadas pela casa-grande, a nossa escrita não. Por isso, afirmo: "a nossa escrevivência não é para adormecer os da casa-grande, e sim acordá-los de seus sonos injustos". (Evaristo, 2020, p. 30)

O primeiro edital que a Cia Marginal ganhou foi bem no período do alistamento, minha mãe estava apavorada de eu querer não servir, porque fazer teatro representava uma instabilidade financeira, além de que, pra ela, as forças armadas me dariam a possibilidade de eu ganhar uma certa postura e recusa à minha viadagem.

— **Katia**[18]: Wallace, ser artista é pra rico. Você tem que estudar e encontrar uma profissão que te dê uma estabilidade.

Entre as tretas do meu futuro falou pra eu conversar com meu pai. Na casa dele, assim que eu o vi, comecei a chorar, pois era muita pressão e meu sonho sempre foi ser jogador de vôlei. Mas agora, com o prêmio e as reviravoltas de um jovem, preto, viado neste período, passei a sonhar e a me montar na ideia de ser artista. Jorge[19], meu pai me contou uma das poucas histórias que sei dele. Do seu sonho de ser jogador de futebol, do olheiro que ia ver ele e um amigo jogando. Marcelinho Carioca, que segundo ele, jogava muito menos do que ele. Mas teve a sorte da

[18] *Katia:* Katia Gonçalves de Oliveira, minha mãe negra que já se considerou parda, já trabalhou todo tipo de coisa possível pra criar minha irmã e eu. Ela quem me contava as histórias de tudo e de todos à minha volta na infância, e nessa escuta que passo a borbulhar as feituras de outras histórias. Eu amava quando ela dizia que seu sonho sempre foi ser detetive, eu ficava horas imaginando ela em missão, a própria Carmem San Diego. Um desenho que eu amava quando era criança.

[19] *Jorge:* Jorge Luiz Lino, meu pai, um homem preto retinto que parece deputado, já que é simpático com todo mundo. É conhecido como "beiçudo" ou "beiço" desde que me entendo por gente. O racismo recreativo forja totalmente como ele vai ser visto e anunciado.

oportunidade do olheiro ver. Meu pai não pode ir ao teste, pois teve que trabalhar depois do meu avô tentar matar minha avó e seus irmãos.

— **Jorge**: Eu não quero que você veja seu sonho passando pela televisão.

Apesar do impulso dele, é minha mãe que sustenta o sonho de ser artista. Assim como Lélia aponta um outro tipo de visão da mãe preta nos vigente na formação da história e linguagem da cultura brasileira:

> E quando a gente fala em função materna, a gente tá dizendo que a mãe preta, ao exercê-la, passou todos os valores que diziam respeito prá criança brasileira, como diz Caio Prado Júnior. Essa criança, esse infans, é a dita cultura brasileira, cuja língua é o pretuguês. A função materna diz respeito à internalização de valores ao ensino da língua materna e a uma série de outras coisas mais que vão fazer parte do imaginário da gente (Gonzalez, 1979 C). Ela passa pra gente esse mundo de coisas que a gente vai chamar de linguagem. E graças a ela, ao que ela passa a gente entra na ordem da cultura [...] (Gonzalez, 2018, p. 205)

Quando li este pensamento de Lélia que pude ver a constante metamorfoseante de minha mãe, entre milhares de imagens de desenhos, empregos entre eles manicure, costureira, vendedora de roupa, trancista, empregada doméstica, vendedora de batata frita, cocada, natura, avon, auxiliar de serviços gerais, recreadora, professora e dona de uma escola pra crianças – além do sustento, ela alimentava os sonhos, no lápis da *faber castell* que ganhei na infância, pois queria ser desenhista; nos passeios que ela me levava pra contar a história do Centro da cidade, assim como sua mãe fazia com ela; no baile, pagode, museu, na macumba, na primeira comunhão, no inglês, informática, zoológico, a obrigação de estudar, até na obrigação de ir para igreja, a irreverência, a felicidade de viver, do tomar café junto, de falar pra “caraleo”; bancar da viagem que ela nunca que fez, não importa, ela dividia em 12X ou mais. Esses são alguns dos milhões de gestos de minha mãe, a base de sustento pra minha existência, na contradição e mesmo depois da minha decisão, ela sempre é quem me acompanha. O que permite que essa pesquisa seja uma devolutiva a ela e às que vieram antes e me fazem tá aqui, assim como Conceição discorre no prefácio do "Becos da Memória”:

> Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência. Por isso também busco a primeira narração, a que veio antes da escrita. Busco a voz, a fala de quem conta, para se misturar à minha. Assim nasceu a narrativa de Becos da memória. Primeiro foi o verbo de minha mãe. (Evaristo, 2019, n.p)

Na tentativa de escrever estas existências, vivências e procedimentos que escapam, que fogem, estas presenças impossíveis que vivem em bando, bebo da Escrevivência, de Conceição, "pois continuo afirmando que a favela descrita em Becos da Memória acabou e acabou. Hoje as favelas produzem outras narrativas, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções" (Evaristo, 2019, n.p). Este gesto de reconhecimento ao primeiro verbo para Conceição Evaristo é espelho do gesto em que estimo esta pesquisa. "[...] as que buscam rotas de fuga podem encontrar peças para construção de uma bússola ética, cujas setas não indicam nem o norte, nem o sul, mas o rastro dos caminhos das ancestrais do futuro e das que já vieram, comprometidas com o destino de criar raízes entre as estrelas" (Guedes apud Mombaça, 2021, p.134).

Numa dessas, todas foram para o pagode, menos minha tia Dila[20], que ficou com as filhas e filhos das outras. Acabou nos levando na rua Flávia Farnese. Lá, durante uma festa junina, vi a *Noite das Estrelas*, show que reunia apresentações performáticas, aglutinando dança, dublagem, cantos e gestos LGBTQIA+ favelades. Esse evento fazia parte de uma série de shows criados nas décadas de 80 e 90 na Maré pela própria comunidade LGBTQIA+ do território. Na festa junina um homem no microfone anunciava repetidamente que às 23h começaria o show gay, a "Noite das Estrelas". A rua estava lotada, estávamos mais pra trás da multidão. Perguntei à minha tia o que era *show gay*.

— **Dila**: Um show de "viado", de "homem que gosta de homem".

[20] *Dila ou Edilamar*- Uma de minhas tias, mulher negra cis, empregada doméstica, mais velha de seus irmãos. Apesar de não ser minha tia biológica, ela e sua irmã Nega estreitam laços materiais e afetivos com minha família. Cresci achando que elas eram primas de minha mãe, o que desde sempre me levou a pensar a ideia de família para além do fator impresso na relação biológica.

Figura 4 – Fotografia – Arquivo cedida pelo conexão G. Ano desconhecido.



Na foto, Carlota no show Noite das Estrelas na Quadra do Mataram meu gato.

Essa possibilidade de participar como público destes eventos me coloca diante de uma experiência cultural da Maré que ainda não havia visto e vivido antes. Assim, a rua é a arquitetura onde a Noite das Estrelas se faz, o lugar das artes LGBTQIA+ da Maré semelhante aos pensamentos da bacharel em Teoria do teatro, Caju (SANTOS, 2021) que ao construir o percurso da experiência negra na história do teatro brasileiro, vai apontar uma crítica ao convencionalismo do teatro, e da instituição de um pensamento social Cisnormativo que universaliza e reduz as experiências teatrais e das cenas artísticas aos dramas brancos. Chamando atenção para o fato de que rua sempre foi o palco negro.

> O drama afrodiaspórico é a representação da vida por meio de um espetáculo que não se estabelece através de uma tradição literária, nem sob

> a ótica da brancura. Enquanto o papel destinado a personagem negra na dramaturgia eurocêntrica e nos edifícios teatrais é o reflexo da subalternidade imposta também fora de cena, no drama negro da rua a oralidade é sustentação da escrita cênica de um espetáculo que confere protagonismo e autonomia. A performance negra é uma das tecnologias de enfrentamento ao epistemicídio (SANTOS, 2021, p. 13)

É no próprio espaço público que os shows eram realizados, na rua, onde é possível afirmar as tecnologias da performance cosmopoética negra LGBTQIA+ favelada sob a subversão do cotidiano na festa, tal qual Lélia Gonzalez articula o carnaval como manifestação subversiva que só se dá por conta do preto:

> E é justamente no carnaval que o reinado deste rei manifestamente se dá. A gente sabe que carnaval é festa cristã que ocorre num espaço cristão, mas aquilo que chamamos do Carnaval possui, na sua especificidade, um aspecto de subversão, de ultrapassagem de limites permitidos pelo discurso dominante, pela ordem da consciência. Essa subversão na especificidade só tem haver com o negro (Gonzalez, 2018, p. 209)

Com essa relação performática subversiva contida nas experiências pretas é que é possível articular as dimensões sociais e arquitetônicas da rua se desmaterializando e ganhando signos do palco preto, que nos shows da Noite das Estrelas, por meio de diversas performances organizadas e apresentadas por LGBTQIA+ mareenses em diferentes modos, períodos, lugares formatos, envolvendo as comunidades de moradores – do Rubens Vaz, Nova Holanda, Baixa do Sapateiro e, posteriormente, todas as comunidades da Maré, expandindo para outras comunidades de fora da Maré, como Grota e Parada de Lucas –, circunscrevia-se na reivindicação de uma estética artística específica, que recria naquele espaço uma possibilidade das corpas estarem à vista de todos por meio da performance, ação que subverte as relações de apagamento e morte, garantindo a possibilidade de outro tipo de registro desta história.

Essas imagens tecidas pela presença do espetáculo, dos gestos estabelecidos da performance abre um universo novo testemunhado pelos meus olhos, escrevendo a Noite das Estrelas na minha pele, numa operacionalização limítrofe ao que Beatriz Nascimento no filme "Orí" se refere, quando diz que "é preciso a imagem para poder recuperar a identidade. Tem-que tornar-se visível." (1989). Neste sentido, a Noite das Estrelas materializa a possibilidade de construção de imagens e sentidos transgressores para minha própria existência, nas elaborações subjetivas que interligam a sexualidade,

raça e território numa disrupção do sentido, e que nesta pesquisa, formula a tessitura elaborada conformada também por este olhar.

Esse acontecimento atravessa minha corpa e me lança para a "Noite das Estrelas", investigando ela como epicentro dessa Dissertação, num encruzilhar onde tudo se faz possível neste acontecimento. Nesse sentido, A "Noite das estrelas", enquanto acontecimento histórico, refaz empreendimentos possíveis pras cosmopoéticas pretas LGBTQIA+ faveladas.

Quando a pandemia da Covid-19 se tornou a coabitação dos dias, Paulo Victor[21] e eu criamos o *Entidade Maré* em 2020, projeto de pesquisa, comunicação e produção artística de narrativas, arquivos e memórias LGBTQIA+ da Maré. Lembro que quando criamos o projeto, um dos consultores que colaboraram com sua estruturação, Rodrigo Reduzindo, nos disse: "Vocês precisam ser canais desta história, registrar que ela está viva, a covid tá levando os nossos mais velhos, não podemos nos tornar órfãos desta história". A criação desse projeto é o que permitiu a estruturação, expansão e desenvolvimento da pesquisa de dados, imagens informações e narrativas LGBTQIA+.

Ao longo do percurso, o Entidade Maré produziu com o material levantado na pesquisa 06 produções artísticas, sendo elas: o curta *Entidade*[22], 2020; o *Experimento 10 anos de Parada da Maré, uma declaração de amor ao LGBTQIA+* da *Maré*[23] 2020, o filme performático *Noite das Panteras,* 2021; o documentário *Antes da Noite*[24]*,* 2021; o

[21] *Paulo Victor:* Minha irmã, Bixa, preta, moradora da Maré, ator, diretor, pesquisador e educador. Graduado em História na UFRJ. Vice-presidente no Grupo Conexão, em 2018. Cofundador e integrante do Grupo Atiro, em 2016, atuando como ator. Diretor do Grupo Pantera, 2018, atuando como diretor. Criador do canal de Comunicação Entidade Maré. Educador nos cursos Preparatório para o Ensino Médio e CPV na instituição Redes da Maré.

[22] Curta Entidade: Na reconstrução afetiva de um processo de desmontagem com foco na sua trajetória e personagens dos espetáculos da Cia Marginal, Wallace Lino encontra com Derlei Pombel. Registros, vozes e arquivos contam os entremeios entre, teatro, audiovisual, ficções e realidades da existência dessa lendária figura. O curta foi contemplado pelo edital Arte como respiro: Audio visual, sendo exibido no Festival Arte como respiro: Audio Visual Itaú cultural 2020.

[23] *Experimento 10 anos de Parada da Maré, uma declaração de amor ao LGBTQIA+* da *Maré:* O experimento artístico virtual, foi criado a partir da pesquisa em torno dos 10 anos das paradas LGBTQIA+ da Maré; uma declaração de amor à pessoas LGBTQIA+ faveladas. As experiências são compartilhadas, por meio de um site e redes sociais. tem como estratégia, aproveitar o alcance das mídias digitais sociais que têm sido o veículo de comunicação na expansão numérica de pessoas atingidas pelo projeto, apresentando outras perspectivas sobre pensar as histórias dessa população. Também contemplado pela Chamada Novas Formas de Fazer Arte e Cultura nas Favelas 2020, da Redes da Maré, 2020. O projeto resultou no curta: 10 anos da Parada do
Orgulho LGBTQIA+ da Maré: Uma declaração de amor

[24] *Antes da Noite:* Antes da Noite reúne as memórias sobre a Noite das Estrelas sob o olhar de duas grandes artistas dos shows, Pantera e Madame. A Noite das Estrelas faz parte de uma série de shows feitos

álbum visual documental performático, no qual se desdobra esta pesquisa, *Noite das Estrelas,* 2021; e o curta *Meu Universo Corpa*[25] 2022. criação do filme *Noite das Estrelas*. Todos os trabalhos em diversos momentos do processo a Noite das Estrelas apareceu, o que alimentou nosso desejo de fazer um espetáculo que homenageia esta memória.

O projeto Noite das Estrelas teve seu início em Março de 2021, após ser contemplado pela Lei Aldir Blanc[26]. Com o recurso foi realizada a contratação da equipe que comporia a ficha técnica. No projeto estava previsto a criação de um espetáculo teatral. Com o aumento dos casos de covid-19 no Brasil e a decretação de um novo lockdown na cidade do Rio de Janeiro, a criação passa a ser elaborada, porém, o crescimento dos casos de covid nos convoca a repensar a proposta para o sonho de produzir um álbum visual LGBTQIA+. Kaciano Gadelha, ao propor no artigo "Corpopolítica errâncias poéticas descolonizando roteiros", vai pensar uma dinâmica de questionamento às artes a fim de que se encare de frente roteiros que presentifiquem uma busca realmente democrática das diversidades, mas sem romantizar o outro.

> Ao pensar em corpopolítica, levanto a questão: que corpos estão em cena na maioria das vezes? Que roteiros se presentificam através desses corpos? Quais seriam suas superfícies de contato? No campo das artes, busco cada vez mais por aqueles corpos que não estão, ou raramente aparecem, nos lugares que intentam atrair nossos olhares. Tenho me ocupado em entender vidas subalternizadas nas suas vulnerabilidades e diversidades, enfatizando aqueles que se desviam da norma de forma errática e deambulante. Em que sentido esses corpos nos chegam, no cenário contemporâneo das artes? A partir daí, intento repensar uma outra socialidade que encare de frente, de corpo aberto, sem romantizar ou exotizar o outro, o tema da diversidade. Que democracia pode ser efetivamente realizada e radicalizada além do modelo do mesmo, do que não falha, do que retorna ao mesmo lugar, do que guarda sempre a mesma imagem de si (Gadelha, 2018, p. 44)

Com a necessidade da adaptação da linguagem desenvolvida na produção, precisamos reestruturar a equipe, incluir profissionais do audiovisual para somar na produção e elaboração das etapas, que envolvem a produção de um filme, como roteiro,

---

por LGBTQIA+ da Maré entre as décadas de 80 e 90. A oralidade traçada pelas artistas desenham histórias e imagens de LGBTQIA+QIAs no processo de formação e vivência da Maré.

[25] *Meu universo corpa* - O filme apresenta A corpa é o Manifesto do lugar seguro para LGBTQIA+ negras e periféricas. O lugar onde o feminino é expressão do amor feito de de veias, sangues, ossos e medulas numa ação da materialização dos sonhos nas geografias das favelas e periferias do Rio de Janeiro.

[26] *Lei Aldir Blanc*- A lei foi decretada em 2020 durante a pandemia após a pressão e mobilização artística brasileira, frente ao descaso e abandono do Estado Brasileiro à classe naquele período. Em 2022,o presidente, em ofício, vetou a segunda edição da Lei.

planejamento das gravações e etc… articuladas às orientações e protocolos de segurança recomendados pela OMS[27].

Neste novo formato, os ensaios passaram a acontecer de forma remota durante os três primeiros meses, quatro vezes na semana (segundas, terças, quartas e sextas), todos online. No primeiro mês, o processo concentrou-se nos estudos e temáticas que alimentaria a pesquisa. O cenário brutalizante estabelecido pela pandemia e suas combinações com o racismo e LGBTQIA+fobias não eram as aspirações que alimentavam o processo, apesar do reconhecimento de suas presenças no cotidiano. O fio condutor do processo repousava sobre o amor, e para essa articulação o primeiro close dado no processo foi o estudo dos seguintes textos, vídeos e artigos: *O amor como a prática da liberdade*, por bell hooks; *Cosmopoéticas do Refúgio*, por Dénètem Touam Bona; *Projeto de Mestrado - Noite das Estrelas, uma performance de amor aos corpos LGBTQIA+ Favelados*, por Wallace Lino; *Performances da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória*, por Leda Maria Martins; *O Nascimento de Urana*, por Jota Mombaça; *O Espírito Da Intimidade - Ensinamentos Ancestrais Africanos Sobre Maneiras de se relacionar*, por Sobonfu Somé. A cada estudo de uma temática e de outros textos lidos durante os encontros, as atrizes David Magalhães, Dominick di Calafrio, Jaqueline Andrade e Marcos Carvalho produziram performances relacionadas ao tema e se apresentaram durante os encontros. Algumas performances nasceram após o encontro com Érika Ravache e Marcela Soares, tendo um material performático do filme, produções que borram as imagens e memórias dos shows da Noite das Estrelas com as performances criada pelas atrizes, mas aí vão ter que ser jogar babado pra entender tais imbricações.

Porque escrevo na encruzilhada enquanto uma clave teórico-metodológica

O fluxo da produção desta pesquisa, como pode ser visto na introdução, vem sendo elaborado entre diversos tensionamentos, mas o PORQUÊ de fazer esta pesquisa se desdobrou numa narrativa coletiva e íntima, na qual a *Noite das Estrelas,* antigos shows LGBTQIA+ da Maré nas décadas de 80 e 90, são vistos numa encruzilhada. Mais de duas

[27] *OMS*- Sigla que se refere a Organização Mundial de Saúde

décadas de atividades, os shows reúnem em si uma série de elementos e linguagem cênicas, performáticas e da memória sócio-cultural do Rio de Janeiro. Um universo nascido do movimento de pessoas, artistas, moradores LGBTQIA+. O que instiga nesta pesquisa, a necessidade de observar a própria inscrição das performances dos antigos Shows, desenhado na criação do filme "Noite das Estrelas" a produção de performances pretas, que articulam múltiplas linguagens e recria a história dos shows como movimento cultural, estético e político de LGBTQIA+ negres e favelades e também como ação reparatória para estas populações.

Tais processos e procedimentos da produção se costuram na malha desta encruzilhada. A narrativa dos antigos espetáculos, em outras abordagens, experiências e visões, o que entendo de suma importância, serão espelhados e transcritos nas encruzilhadas da "Noite das Estrelas". Assim, é preciso dizer que o caminho metodológico desta pesquisa, se desenvolve a partir de uma investigação estruturada numa dimensão polifônica. É um aglomerado, uma multiplicidade de vozes e sons que ecoam nas malhas de um encruzo de muitos percursos. A encruzilhada é um operação que concebe um tipo específico de mundo. As cosmovisões africanas operam no assentamento da encruzilhada para que nela se reúna experiências físicas, morais, psicológicas, econômicas, sociais, gêneros, sexualidades e representativas de uma existência.

> Na concepção filosófica de muitas culturas africanas e afro-brasileiras, assim como nas religiões ali referenciadas, a encruzilhada é o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos, sendo frequentemente traduzida por um cosmograma que aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de intersecção. É assim, como pensamento e ação, *locus* de desafios e reviravoltas; compreensão e dispersão; espacialidade icônica que cartografa inúmeros e diversos movimentos de recriação, improviso e assentamento de manifestações culturais e sociais, entre elas as estéticas e também as políticas, em seu sentido e espectro amplos.
>
> Base de pensamento e de ação, a encruzilhada, agente tradutório e operador de princípios estruturantes do pensamento negro, é cartogradia basilar para a constituição espistemologica balizada pelos saberes africanos afrodiaspóricos. E nos oferece a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emerge dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e se entrecruzam — nem sempre amistosamente — práticas performáticas, concepções e cosmovisões, princípios filosóficos e metafísicos, saberes diversos em fim. (Martins, 2021, p. 51)

Conceber a encruzilhada é operar costuras e saberes elaborados em coletivo, pois a mediação opera pela força que está no entre, a encruzilhada não aponta para um único e/ou mesmo sentido. Nela, a direção habita as cosmogonias africanas e muitas outras, a

multiplicidade e diversidade são suas filhas. Nela o movimento se vai, se volta, se fica, se junta, se espalha, se comunica, se paralisa, se dança. A intelectual e pesquisadora Leda Martins, quando esteve na Maré, participando de um evento promovido pelo SESC neste ano de 2022, *Entre dança o corpo Negro* no *Galpão Bela Maré*[28] afirmou que "a encruzilhada é o lugar dos saberes onde as intermediações se estabelecem, não se exclui, elas não te dão respostas mas exige que as persiga". Nesse sentido, esta pesquisa segue as trilhas de Leda Martins e outres pesquisadores que tem definido e posicionado a encruzilhada enquanto uma clave metodológica. O que nos convida a "Sentir, escutar ri(t)mar, fazem a encruzilhada de coletivas pulsações." (Sodré apud Junior, 2021, p.48)

> Essas encruzilhadas de saberes e a produção de conhecimentos de daí derivam nos revelam e ensinam os complexos, sofisticados e refinados meios de formulação pelos quais a memória se reinscreve, imanta e repõe valores culturais de variada abrangência, significações e expansões rizomáticas. (Martins, 2021, p. 54)

Nesses meio de formular a encruzilhada repousa a estrutura do conhecimento que germina outros conhecimentos, onde a memória se formula e se reformula escrevendo e reescrevendo meios. Luiz Rufino, em nota introdutória do livro "Pedagogia das encruzilhadas", vai afirmar que:

> A encruzilhada emerge como elemento fundamental nesse processo, uma vez que a noção de restituição é ponto central na possibilidade de inscrição de uma nova história. Essa que deve vir a ser construída, implicada com a invenção de novos seres e no acabamento do mundo pautado pela responsabilidade com a justiça. Praticar a encruzilhada nos aponta como caminho possível a exploração das fronteiras, aquelas que, embora tenham sido construídas a priori para cindir o mundo, nos revelam a trama complexa que o codifica. A perspectiva analítica lançada pelo conceito de encruzilhadas me possibilita escarafunchar as frestas, esquinas, dobras, interstícios, cantar as impurezas, a desordem e o caos próprios das estripulias-efeitos elegbarianos. A modernidade ocidental como uma encruzilhada emerge não apenas para expor os limites e contradições da produção de um mundo binário, produtor de escassez e desencanto, mas se lança para reivindicar a encruzilhada como conceito para lermos o mundo, a partir das potências de Exu, que é por excelência o espírito que a encarna e a mobiliza. A encruzilhada-mundo emerge como horizonte para credibilizarmos as ambivalências, as imprevisibilidades, as contaminações, as dobras, atravessamentos, os não ditos, as múltiplas presenças, sabedorias e linguagens, ou seja, as possibilidades. Afinal, a encruza é o umbigo e também a boca do mundo, é

[28]*Galpão Bela Maré*- Inaugurado em 2011, o Galpão Bela Maré, localizado em Nova Holanda, uma iniciativa do Observatório de Favelas, em parceria com a produtora Automática.O Galpão Bela Maré é um espaço cultural ligado às artes visuais, criação, formação, difusão e exposição, eventos e festas.
Acesso em: 13/05/2022 http://capacete.org/galpao-bela-mare/

> morada daquele que tudo come e nos devolve de maneira transformada. (Rufino, 2019, p. 9)

Com isso, apresentar a Noite das Estrelas na encruzilhada é a possibilidade que a pesquisa e a própria escrita dela assuma articulações que devolvam uma fresta das muitas possibilidades de leitura do mundo. Neste território orbitam constelações infinitas nas narrativas dos shows, as mulheres da minha vida e as memórias de Érika[29] e Marcela[30]. Um jorro de ideias e vozes de permanências. As vozes das que permitem que a transcrição da memória dos shows perfure este ódio ao que é construído enquanto feminino (incorporando nos signos, artigos e combinações performáticas) nas palavras que evocam essas pessoas na escrita, produzindo no ato de escrever combinações vistas até como erro ortográfico, mas propondo uma comunicação da pesquisa, reduzindo o campo de poder masculino existente em nossa língua. Na versão brasileira do livro "Memórias da Plantação", Grada kilomba vai abrir uma carta na edição e propor outras articulações a fim de estabelecer borrar alguns termos de definições deste poder na língua:

> Não posso deixar de escrever um último parágrafo, para lembrar que a língua, por mais poética que possa ser, tem também uma dimensão política de criar, fixar e perpetuar relações de poder e de violência, pois cada palavra que usamos define o lugar de uma identidade. No fundo, através das suas terminologias, a língua informa-nos constantemente de quem é normal e de quem é que pode representar a verdadeira condição humana. (Kilomba, 2019, p. 14)

Pois as vozes encontradas na encruzilhada desta escrita não estão em análise ou manipuladas em citações sobre uma ideia ou pensamento. Todas elas se colocam junto no corpo do texto. Num exercício estilístico de escrita que propõe o cruzamento das narrativas de pessoas diversas, de tempos diversos construindo multiversos de informações, nos quais o arquivo e o documento são vistos como uma tentativa de subverter a ideia de resgate a uma memória, pois não se pode resgatar algo que está vivo. O arquivo é uma corpa viva e prática de uma escrita, uma prática do amor. É um tipo de

[29] *Érika Ravache ou Madame:* É travesti negra que reside atualmente na Itália, artista dos antigos shows da década de 80 e 90, ela cedeu entrevista para o Entidade Maré na construção do curta-metragem Noite das Estrelas. No ano de 2005 Érika foi uma das 40 pessoas entrevistadas pela Cia Marginal no processo de construção do espetáculo Qual é a nossa cara?, Essa entrevista me marcou muito ela falando da história de amor com quem ela vai chamar de amor da vida e dos shows que ela fazia. Nos encontros para o filme Noite das Estrelas ela retoma essas narrativas com mais detalhes.

[30] *Marcela Soares ou Pantera*- Moradora do Morro do Timbau, travesti se considera parda. Era uma das cabeças do shows, Érika, outra artista que topou nos encontrar para falar da Noite das Estrelas. Marcela é a mais velha e dona do acervo das roupas que eram utilizadas pelas artistas.

composição imbricada da narrativa dos antigos show LGBTQIA+ da Maré das décadas de 80 e 90, na produção do filme **NOITE DAS ESTRELAS**, no desejo de compartilhar algumas cenas e imagens contidas na criação de um álbum visual LGBTQIA+ da Maré, nelas navegam as escritas performáticas dos shows, suas cosmopoéticas e fugas feitas por amores insujeitas.

Tomo por insujeitas existências pretas, indígenas, LGBTQIA+ e faveladas, brutalizadas pelo cotidiano histórico. Estas que seguem no fluxo perfurante dos ódios às suas existências. No dicionário da língua portuguesa o prefixo "in" refere se aos signos de "privação ou negação: ilegal, inactivo, impermeável. — movimento para dentro"[31] Com isso insiro o "in" como prefixo da palavra sujeita a fim de se aproximar da revelia destas existências as ideias de sujeição, subordinação e submissão ao cotidiano, meio e sistema histórico vigente do Brasil. A insujeita identifica um lugar de recusar o que está recuso e determinado a constância da morte na paralisia colonial em curso. A ideia de insujeita é uma proposição de enfrentar o tempo descrito pela colonialidade, como também uma promoção do embate a estagnação da ideia de uma vida resvalada a brutalidade. Insujeita é as partes de pessoas/vidas que transbordam o pensamento ocidental. Insujeita é abotoadura feita na encruzilhada para fazer dela caminhos de existência que vinga o passado, desbunda o presente para afirmar que nele não se faz e nem está o fim, pois o terreno é espiralar assim como seu tempo que arma trincheiras de multidões radicado pelos sonhos, imaginações de vidas indomáveis que existem no presente não de forma subterrânea, ou na margem, como sugere o senso comum ao retratar pessoas nestas realidades. Insujeita é viver independente da audiência do outro para si, na revolta da norma, e na rasura do poder.

A partir dessa escrita apresento partículas, fragmentos, cores para narrativas que não existem nos arquivos que contam a memória da Maré. É um tipo de pista para uma consciência que habita no feito impossível, à desobediência do poder que materializa o improvável, assim o amor nesta escrita é conduta que abre espaços pra vida. Apesar da Noite das Estrelas existir imanente ao tempo, não está escrita em lugar nenhum nos espaços institucionais de memória do Maré. É o gesto cínico da normatividade forjada

[31] https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/a-utilizacao-dos-prefixos-in--e-des-/25477#:~:text=O%20prefixo%20in%2D%20pode%20referir,%2C%20imposs%C3%ADvel%2C%20irracional%20e%20ilegal. Visto em: 10/02/2023

pelo sistema colonial que encontra morada nas narrativas do cotidiano ao retratar as vidas insujeitas .

A Noite das Estrelas era muito forte na quadra do Gato de Bonsucesso pelas múltiplas articulações existentes entre os shows e o espaço. Após não conseguir registros e documentos da memória dos shows, fui atrás de alguns conhecidos que fizeram parte da diretoria da escola no passado e o retorno era que eu não encontraria registros sobre a Noite das Estrelas porque nesta época as travestis e gays eram mortos caçados, não era tranquilo pra elas por conta do chamado boom do HIV, e aí quando a gente chega na Marcela e na Érika a gente vai ter outro tipo de retorno.

— **Marcela**: Que saudade daquele tempo, que saudade da Noite das Estrelas, que saudade daquela época eu não era só tratada como travesti, eu era uma artista, as pessoas me pediam autógrafo, onde eu ia eu era reconhecida como uma artista isso por conta da Noite das Estrelas.

No livro "Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras mulheres encrenqueiras e queer radicais", no texto em que Saidiya Hartmam apresenta "Uma nota sobre o método", ela vai apontar percursos que esta pesquisa também se põe em diálogo e posição:

> [...] Criei uma contranarrativa livre dos julgamentos e das classificações que submeteram jovens negras a vigilância, punição e confinamento, e oferece um relato sobre os belos experimentos — de fazer do viver uma arte— realizados por aquelas muita das vezes descritas como promíscuas, inconsequentes, selvagens e rebeldes. Trata-se de uma tentativa de recuperar o terreno insurgente dessas vidas; de exumar a franca rebelião de dentro dos autos e desassociar como desvio, criminalidade e patologia; é afirmar a maternidade livre (escolha reprodutiva), a intimidade fora da instituição matrimonial e as paixões queer fora da lei; e iluminar a imaginação radical e a anarquia cotidiana de meninas de cor comuns, algo que não foi apenas esquecido mas é quase imaginável. (Hartman, 2022, p. 12)

Então, minha pesquisa não é apenas uma pesquisa que assenta a encruzilhada como episteme das articulações vozes e pensamentos para afirmar que a Noite das Estrelas está aqui, como também uma iluminação desta imaginação radical, semelhante ao que a Jota Mombaça fala sobre o estilhaçamento, ou melhor o movimento do estilhaço… Pois as insujeitas tem em suas vidas movimentos que estilhaçam espaços irrespiráveis, nos quais a quebra junta uma na outra:

> E nada disso é fácil, nada disso é sem dor e desconforto. Ao tatear a possibilidade de uma coletividade forjada no movimento improvável de um estilhaçamento, vai ser sempre necessário abrir espaço para os fluxos de sangue, para as ondas de calor e para a pulsação da ferida, Politizar a ferida, afinal é uma modo de estar juntas na quebra e de encontrar entre os cacos de uma vidraça estilhaçada, um liame impossível. Tem a ver com habitar espaços irrespiráveis, avançar sobre caminhos instáveis e estar a sós com o desconforto de existir em bando, o desconforto de uma vez juntas, tocarmos a quebra uma das outras. (Mombaça, 2021, p. 26)

Este movimento de quebra que é invocado os pensamentos de Denetem Touam Bona (2021), que considera em uma das suas definições da comospoética uma primeira ecologia dos sentidos de imagine-ação, em que tudo que vibra está reunido nela. Posteriormente, ele chama a atenção para a escuta dos sentidos da ressonância: a cosmopoética é o empreendimento da investigação do ambiente a partir da relação que repercute, não se encerra em si.

> Para evitar mal-entendido, esclareço que cosmopoética não é nem um fetiche nem uma marca registrada, apenas um termo, um modo entre outros de apontar para uma outra relação com o mundo que privilegie a escuta- o sentido das ressonâncias e das correspondências- mais do que a visão. (Bona, 2021, p. 11)

Este empreendimento da investigação da realidade através da escuta, da ampliação dos sentidos para além da visão do esquecimento, apagamento e morte que nos cercam. Nos faz lançar mão deste conceito também para a criação do filme, a cosmopoética nos enlaça no poder das vibrações das encruzilhadas da Noite das Estrelas. Assim, materializa a voz de travestis negras, artistas da Maré, como os primeiros pilares do filme. Suas vozes são portais sonoros para viajarmos no tempo e para o próprio tempo fazer a si próprio parar para ver o universo dos shows da Noite das Estrelas. Na cosmopoética a ancestralidade é o princípio estruturante para se produzir políticas de vida. Com isso, apresentar na pesquisa uma dimensão da performance dos shows nas relações existentes, é a reexistência na construção de outras narrativas e imagens para as culturas faveladas, periféricas, negras e LGBTQIA+ brasileiras.

Com isso, esta pesquisa é alimentada também pelo acúmulo das minhas experiências e investigações como multiartista negro LGBTQIA+ há mais de 16 anos em grupos e coletivos criados na Maré, que atrelam a este trabalho a memória, raça, gênero e território nas criações e elaborações nos projetos que desenvolvem. Nas experiências

dos processos e espetáculos da Cia Marginal[32] e no Grupo Atiro[33]. Este movimento não se trata apenas de um recurso estilístico, mas acompanha os encontros com Érika e Marcela, nos quais elas traziam seus amores e afetos para composição das memórias e narrativas. Então não dá pra falar hoje da Noite das Estrelas sem colocar a Cia Marginal enquanto um campo fundador das minhas ideias sobre performance, memória, ficção e realidade. Não dá também pra falar hoje da Noite das Estrelas sem falar do Grupo Atiro que é outro grupo que integro, é onde eu vou me desenvolver artisticamente como dramaturgo e também como diretor. Não dá pra falar sobre a Noite das Estrelas sem assumir que esta pesquisa não começou na academia, começa antes, e está atrelada ao meu percurso de vida.

Não vou fazer aqui um registro das identidades ou da afirmação delas, mas, como já foi dito, vou colocar uma posição no mundo, porque a academia me pede para explicar e faço isso ao meu modo, no modo em que a linguagem se estreita no meu dia a dia junto com as minhas. Não existe possibilidade de essencializar as múltiplas posições que as insujeitas encontram nos desenhos de sua existência, pois sua corpa é quem permite se comunicar nesta encruzilhada, onde suas vidas estão apresentadas nas margens que fecundam o sonho. A gente precisa sonhar estas vidas, criar pontes ininterruptas de imaginação e das experiências contemporâneas com nossas ancestrais, nossas contemporâneas.

Com isso, a performance é trabalhada com sentidos e conceitos para os quais a vida não é fractal, tudo se CO-FUNDE: as cosmovisões africanas, pensamentos de intelectuais negras, indígenas, minha mãe, minhas tias, as artistas, mortos e vivos; todas as partículas se põem em posição para constituir esse universo.

Assim, a metodologia desta pesquisa pode ser realizada em 3 momentos que aconteceram simultaneamente, sendo elas: encontros com Érika e Marcela, suas memórias em torno dos shows da *Noite das Estrelas,* em que foram realizados os

[32] A Cia Marginal é hoje uma das principais companhias teatrais de pesquisa do Rio de Janeiro. Composta por Geandra Nobre, Isabel Penoni, Jaqueline Andrade, Phellipe Azevedo, Rodrigo Maré Sousa e Wallace Lino, a companhia vem desenvolvendo há quinze anos um trabalho continuado e reúne em seu repertório cinco espetáculos: *Qual é a nossa cara?* (2007), *Ô,Lili* (2011), *In_Trânsito* (2013), *Eles não usam tênis naique* (2015), *Hoje não saio daqui* (2019), além de co produzir o curta *Festa* (2020) a websérie *Quintal C11* (2020) e o *livro Hoje não saio daqui* (2021)

[33] Oriundo da Maré, o grupo nasceu em 2013 das oficinas da Cia Marginal em parceria com a REDES da Maré. Ao longo de sua trajetória consolidou uma equipe e produziu 7 espetáculos: *Vai* (2013); *Família*, *Obedeça* (2017); *Ant Corpo*; *Corpo Minado* (2018); *Corpo Minado em Quarentena* (2020) e *Família Virtual* (2020)

recolhimentos de arquivos e imagens. Outro momento perpassa pela criação e produção do álbum visual e documentário performático Noite das Estrelas, onde as narrativas dos shows foram cruzadas com as das artistas "novatas", na construção da performance, roteiros, gravação e edição do documentário performático. Filhas de Beyoncé[34], minha irmã e eu queríamos fazer um álbum visual LGBTQIA+, no qual todas aparecem, em que todas fossem negras, construindo uma narrativa que não fosse sobre protagonismo, mas sobre coletividade. O terceiro momento é onde se encontra a produção da escrita da dissertação onde os traços são posto na ideia que compõe, propõe e conversam com quem vê e vasculha sentidos para mundos, onde a diversidade, à revelia das insujeitas, é o portal para se habitar esse mundo. Tudo que eu falo acima se mistura e aí que se põe a possibilidade da ficção, pois na encruzilhada da Noite das Estrelas, as memórias de Érika e Marcela, se cruzam e espelham as memória da David Magalhães, Dominick di Calafrio, Jaqueline Andrade, Livia Laso, Marcos Carvalho, Paulo Victor Lino e muitas outras, pra afirmar que a Noite das estrelas está viva, esfregando na sua cara e você vendo e ouvindo ela como clipe, música, na comemoração do aniversário de Érika (e no ato do seu discurso sobre a morte e ao seu renascimento – " Se eu passar dessa pra melhor quando eu quero voltar eu quero ser travesti novamente" – isso ela disse num dos encontros que tivemos com ela o que acaba se tornando um dos fios condutores do filme), que está totalmente ligada à cena do fim dos shows, do gesto de todas subirem ao palco para homenagear as que vieram antes e às que se foram. Isso é como olhar pra morte e fazer uma homenagem à vida, à confirmação de ter direito a memória, reafirmação de cruzamento de tempo, ao renascimento como gesto da ancestralidade negra LGBTQIA+ favelada. O filme tem essa composição de pegar essa homenagem e estirar pela malha inteira do filme. Uma engenharia de trabalhar as imagens e a relação dos tempos passado, presente e futuro a partir das ideias de Leda Martins sobre tempo para nos tempos curvos e espiralar:

> Espiralar é o que, no meu entendimento, melhor ilustra essa percepção, concepção e experiência. As composições que se seguem visam contribuir para a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presença de, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que têm como princípio básico do corpo não o repousa, como em Aristóteles, mas, sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem. (Martins, 2021, p. 23)

[34] Beyoncé: Cantora negra norte americana, revolucionou o mercado fonográfico, criando uma versão audiovisual das suas músicas do álbum *Beyoncé* em 2013.

Nesse movimento em que tempo e memória se refletem é que a *Noite das Estrelas* se encontra na encruzilhada, o que permite que a produção da pesquisa costure intermediações aqui elaboradas, não esteja restrita ao momento do evento, nem tampouco de uma narrativa única e exclusiva. Nessa dimensão só é possível falar em/de muitos, tudo pulsa nas corpas envolvidas nos shows. A *Noite das Estrelas* se coloca articulada ao caráter transdisciplinar e transcultural como operador transicional e metamorfoseador de sentidos, que reescreve a própria paisagem onde os eventos eram realizados. Tal experiência exprimida sob reivindicação da existência daquelas corpas e da performance legitimada nos shows como memória LGBTQIA+, que recompõem sentidos poéticos da Noite das Estrelas como firmamento e movimento que precisa ser integrado à narrativa cultural do Rio de Janeiro.

Neste sentido, a performance dos shows da Noites das Estrelas escrevem para além do cunho performático, são as possibilidades de troca de lentes para ver essas existências. Nessa relação, que reinstala novos sentidos disparados pelos estilhaço da normatividade, as artes negras LGBTQIA+ de favela convida todas a transicionar enquanto comunidade, perfazendo novas possibilidades de convívio, na celebração produzida pelas corpas das artistas. Dessa forma,

> Esses corpos/corpas/corpes, contudo, desassossegam as cenas artísticas institucionalizadas por questionarem uma, ou mais de uma, de suas normas, numa interseccionalidade que complexifica as posições. Elxs problematizam o gênero como imposição e questionam o desempenho de papéis sociais pré-determinados; são percebidos como racializados; desafiam a forma-corpo capaz; podem passar por processos migratórios, forçados ou não, e se enunciam pertencentes às classes populares em relação a um meio. (Meireles, 2020, p. 4)

No meio urbano as encruzilhadas são comuns vistas como ruas que se ligam ou se cruzam. Como já foi visto, a própria Maré é formada de muitos encruzos. As noções de encruzilhadas utilizadas pela pesquisa, se debruça sobre a memória de pessoas insujeitas que lutam pela vida e historicamente estão distantes e excluídas dos acessos a direitos e políticas públicas do Estado Brasileiro e dos debates nacionais e internacionais sendo atravessadas não apenas pelas relações atribuídas ao gênero e sexualidade, mas também pela demarcação sócio histórica existente entre a raça, classe e o território da Maré.

Suas interações performáticas e vozes que rompem o repertório e herança Cis-colonial rememoram em si uma escrita estilística, elaborada nas diásporas, nas intercomunicações negras comprometidas, ao substancializar a liberdade no seu mais profundo envolvimento com o existir. Assim, esse movimento aglutina mundos, escritas e o próprio do conhecimento como episteme composta pela corpa.

> Minha hipótese é a de que o corpo em performance é, não apenas expressão ou representação de uma ação, que nos remete simbolicamente a um sentido, mas principalmente local de inscrição de conhecimento, conhecimento este que se grafa no gesto, no movimento, na coreografia; nos solfejos da vocalidade, assim como nos adereços que performativamente o recobrem. Nesse sentido, o que no corpo se repete não se repete apenas como hábito, mas como técnica e procedimento de inscrição, recriação, transmissão e revisão da memória do conhecimento, seja este estético, filosófico, metafísico, científico, tecnológico, etc. (Martins, 2003, p.66)

Este pensamento de Leda Martins, atribuído às corpas do show em performance, agrega à *Noite das Estrelas* múltiplos saberes e conhecimentos distintos, que atuam de forma assíncrona ao convencionalismo diante da história ficcional inventada pela brutalidade, da escravização, do racismo, LGBTQIA+fobias, violências materiais e subjetivas, que não extinguiu de nós a experiência de sentir para além da agonia. Pois, "eles não podiam tomar conta de nós a cada minuto. Durante uma hora em que não estavam vigiando mais que jamais reconhecerão, fiz amor com ele. Ele fez amor comigo, fizemos amor juntos". (WALKER, 1990 p. 75). Esse jeito que o amor está e grafa as distorções sobre a ação de matar o romance que odeia nossas corpas.

Essa relação entremeada na performance das existências pretas são os arcabouços que compõem cenas da escravização no Brasil, cenas estas onde os cantos de escravizados e seus descendentes comungam desse traçado do som da resistência do objeto. Som que escreve na fonografia da dor a resistência do almejo pela liberdade, tendo em vista que as Américas estão forjadas nessas encruzilhadas que pulsam as complexidades existentes entre a história e o poder. Fred Moten (2020), ao observar os escritos de Frederick Douglas, que narra o açoitamento de sua Tia Hester, vai olhar para os gritos do açoitamento sob uma perspectiva que o grito da violência brutal emite comunicações que, ao reconhecerem uma fonografia imposta pela desumanização no mesmo som que ecoa pelo conhecimento da liberdade:

> Tendo sido chamados/as de volta à música pelo chamado-e-resposta [call and response, vamos preparar nossa descida; deixe que o chamado-e-resposta, o

> enunciado apaixonado e resposta - articulado na cena que Douglass identifica como "o portão manchado de sangue através do qual ele entrou em sujeição e subjetividade; articulado, mais precisamente na fonografia dos próprios gritos que abrem caminho para o conhecimento da escravidão e o conhecimento da liberdade funcione como uma espécie de anacrusis (uma nota ou batida ou palavra musicada improvisada pela oposição da fala e da escrita antes da definição do ritmo e da melodia). (Moten, 2020, p. 36)

Essa fala figurada na dor exprime por meio da ação fônica os escapes da corpa marcada por uma externalidade dominante e brutal. O grito é a produção material de uma corpa que quer escapar, que urge pela posição da liberdade. O grito é matéria de fuga do corpo que odeia a escravização. O grito desprende da língua ou racionalidade é materialidade das interações irracionais da escravização. Esse sistema impõe nas performances pretas o que Fred Moten vai chamar de mercadorias falantes. Falar é o fruto da resistência de pessoas tratadas e submetidas à violência, condição imposta forçadamente a trabalhadores tratados como mercadorias. A cena do açoitamento da Tia Hester de Frederic Douglas é o lugar que Moten utiliza para encontrar no grito de dor caminhos para perseguir a quebra, nos quais a matéria fônica da dor serve de revaloração de quem sofre a violência, o que torna a matéria fônica uma forma de uma pulsão da liberdade das performances pretas.

Tem uma coisa que eu fico pensando muito quando a gente fala de pessoas LGBTQIA+. Por conta dessa narrativa heterossexual que é implementada, a gente esquece que essa divisão de ser homem e mulher, essa ideia binarista é lançada na diáspora. A diáspora funda a ideia homem e mulher, não só no Brasil mas no mundo. Porque a diáspora é um grande intercâmbio global. É a primeira ideia que vai ser construída nos parâmetros, o que é ser civil. Então a gente está brigando com uma ideia e uma visão do mundo, de pensar o mundo, globalizado, e instaurada nessa dinâmica, na diáspora dentro dos espaços de favela onde experimentamos todas as manutenções de extermínio e de epistemicídio, o saber é eliminado, a gente é folclorizado, tudo que é promovido sobre nós de cultura é folclorizado, ou é marginalizado, tipo o funk, um exemplo muito categórico de como o funk é perseguido ao longo da história da nossa vida.

Então isso não está distante também das experiências culturais. A gente quando vai observar um movimento LGBTQIA+ do Rio de Janeiro, existe registro dessa história, e a gente não tem registro da Noite das Estrelas. Logo, existe um abismo que é territorial e tem muitas esferas de aprofundamento. Porque estamos, de fato, não só negando a

materialidade, mas a subjetividade. Porque a primeira ideia da humanidade é o sentir. Desse modo, quando não permite que o outro exista na sua sensibilidade de sentir, a gente mata um material vivo e transforma ele num material subordinado. Esta pesquisa está lutando contra essa ideia que é sistemática, é histórica. Aqui, a corpa se inscreve na festa, marcas existentes na corpa sob traços estabelecidos nas culturas negras anteriores à escravização, LGBTQIA+fobia e ao convencionalismo imposto pela colonialidade.

Essa possibilidade de olhar para a Noite das Estrelas constitui um modo de interações entre a vida presente e quem veio antes; uma fecundação na corpa e na existência umas das outras. Nas mesmas pulsões, podemos encontrar a ancestralidade da pessoa LGBTQIA+s em outros períodos, escrevendo existências *transtemporais*, assim como quando Jaqueline de Jesus revisa os documentos da inquisição e, no meio daquele jogo de palavras de condenação, traz vida ao vingar a memória de Xica Manicongo, imanente ao hoje:

> Havia na capital do país, São Salvador da Bahia de Todos os Santos, também conhecida, posteriormente, como Cidade da Bahia ou simplesmente Salvador, então colônia de Portugal, nos idos de 1591, uma africana do Congo escravizada e vendida a um sapateiro, a qual chamamos de Xica Manicongo. (Jesus, 2019, p.2)

ou como quando João Nyn escreve “Tybyra, uma tragédia indígena Brasileira”, uma dramaturgia em que, no posfácio do livro, o autor discorre sobre a dramaturgia como um novo documento que dialoga e atrita com o livro “Viagem ao norte do Brasil feita nos anos de 1613 a 1614” do frade Francês Yves Devreux, registro onde se encontra a fonte da morte de Tybyra. Nyn insere elementos e símbolos da cultura indígena que remontam à época da execução de Tybyra, grafias e signos das existências ancestrais indígenas que trazem a possibilidade Tybyra reencarnada como voz do presente:

> Mesmo sem regystro formal, mesmo sem provas fysycas concretas, grafadas na lógyca do homem branco, Tybyra tem nome-som, palavra-som. som-alma, sendo, assym. nosso documento oral. Repassado de gerações em gerações, O nome Tybyra sobrevyve, espalhado pelos ventos das bocas, de canhões a canções. De onde veyo, poderemos saber? Alguns dyzem que não é nome própryo mas é "todo yndyvyduo que se relacyona pelo ânus": outros dyzem que é o mesmo que gay. Mas não podemos nos esquecer de que não temos como saber qual letra do TLBG Tybyra yrya escolher e de que, com exceção do termo Travesty, todas as outras também vyeram de caravelas. Tybyra, nos dycyonáryos, é "vaca que dá pouco leyte" mas há hypóteses de que venha do nome "Timbira" que desygna um conjunto de povos como Apinayé, Canela Apanyekrá, Canela Ramkokamekrá, Gavião Parkatejê, Gavião Pykopjê Krahô e Krinkatí, que estão espacyalmente a oeste do Maranhão, na borda da Floresta Amazônyca, e no leste do Pará, mesmo terrytóryo onde Tybyra foy executado. Essas anályses e suposyções são todas contadas por pesquysadores brancos que

> geralmente colocam sygnyfycados na conta dos povos yndÿgenas, sem ao menos dyzer de qual etnya estão falando. Pegam a palavra, o contexto e unem ao que pode ser mays dyreto e fácyl dentro da perspectyva de sygnos. Longe das obvyedades sensacyonalystas que unem sygnyfycados de ontem com noções de agora, a semelhança sonora entre Tybyra e Ywyrá (árvore) e o conhecymento prévyo de que nossas lynguas natyvas foram deformadas pela necessydade do ato de documentar, ynycyada pelos jesuytas, fyzeram com que dentro da mynha pesquysa, Ywyrá fosse o sentydo que transpassasse mynha cryação fyccyonal da exystência dessa ancestral Nhe'é Mokõe (duas almas). Dyvydyda ao meyo, como as árvores da Amazônya e todas as outras florestas do Brasyl, nossas populações, dyssydentes de gênero e de sexualydade, seguem sendo desmatadas, elymynadas, devastadas. Quando envelhecemos, vyramos árvores, árvores são ancestrays vyvas, então Tybyra é de onde sou semente. (Nyn, 2020)

Essa cena da liberdade de corpas e narrativas fonográficas LGBTQIA+ é o que tomarei como construção do amor-preta. "Contemplar a morte sempre me leva de volta ao amor. Não por acaso, comecei a pensar mais no significado do amor conforme testemunhava a morte de inúmeros amigos, camaradas e conhecidos, muitos deles jovens, partindo de maneira inesperada" (hooks, p.36, 2020). O amor nesta pesquisa se inscreve na liberdade criada pelas próprias LGBTQIA+, que diante de uma sociedade que deseja ver a corpa tombada, o amor a existência se expressa nas ruas que são ocupadas pela Noite das Estrelas, redigindo nas articulações da morte a corpa em festa. Com isso, para redigir a escrita da dissertação rasuro o convencionalismo de escrever em capítulos e proponho a escrita feita em gritos. No dicionário da língua portuguesa uma das definições da palavra grito apresenta o termo como uma flexão da alma "voz aguda e muito elevada, articulada ou não; som muito forte, emitido pela voz humana para ser ouvido ao longe"[35]. Em alguns nichos LGBTQIA+ o grito é representação de um acontecimento que agrega ao termo valor de intensidade. — "*Bixa foi o Grito!"*

[35] https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/grito Acessado em: 18/04/2022

Figura 5 – Fotografia – Fonte: Arquivo pessoal de Marcela



Fim de show na Praça do XVIII, Na Baixa do Sapateiro. Marcela, Sergio Pantera, Marcela, Danda, Djalma e seu namorado, Valeria, Valquiria e Rebeca.

Escrevo gritos através dessa observação da *Noite das Estrelas na encruzilhada* e na investigação de algumas das infinidades de ressonâncias que me foram soadas durante a pesquisa. O grito é uma ação do som movido por sensações e sentidos da e pela corpa, perseguidos em combinações transcritas de/em palavras, perturbando, assim, a linearidade rítmica do tempo, impondo-se na urgência ritmada ao que se sente.

O traço dessa comunicação se reexamina no tracejo da memória como composição das músicas da liberdade das corpas. O som é palavra, palavra é ação, eco da propagação e evocação das audiências desta memória. Para este exercício, as ideias de pensadoras pretas, artistas e LGBTQIA+ serão estruturantes para a construção e interlocução de um entendimento das cosmovisões africanas e possibilidades de compartilhar a *Noite das Estrelas* nas cosmopoéticas pretas.

Como já foi dito, Bona aponta a escuta como um modo para se registrar outras relações com o mundo, atribuindo a possibilidade das ressonâncias do som. Nas culturas africanas o som não está separado do rito, que não está separado da ancestralidade, que não está separada do cotidiano. A comunicação com outras realidades e mundos é o que concebe a articulação dos sentidos, a escrita não é exclusividade ou se sobrepõe a outras formas de conhecimento para as grafias do pensamento africano.

> A cosmopoética é a forma primeira da ecologia: uma ecologia dos sentidos e de imagine-ação pela qual pajés, *ngangas,* mães de santo, bruxas neopagãs e outros mestres do invisível estabelecem um diálogo obscuro, tecido de metáforas com o conjunto de tudo que vibra (Bona, 2020, p.11)

Com isso, a Noite das estrelas na encruzilhada é o grito surgido nas relações diaspóricas que intermedia ainda a contemporaneidade. Assim, Paulo Victor e eu propusemos ao Rodrigo Maré Souza[36] que a Noite das Estrelas fosse cantada, que as pessoas vibrassem os timbres dos lugares que ocorriam os shows, das pessoas envolvidas com o evento, dos ritmos que tocavam o grito da Noite, apresentando em canções as memórias sob um novo jeito de performa-las nas encruzilhada da Noite das Estrelas que aqui apresento. Onde residem os traços de uma cultura que não morre, pois se remonta através das corpas. Portanto, aqui escrevo a Noite das Estrelas e seus gritos de liberdade!

Sendo assim, o grito *Eu Exu Urbano* articula Exu, que é visto a partir do movimento da episteme exuzíaca, na qual algumas de suas representações nas cosmologias africanas permitem espelhar e remontar seus signos nas corpas LGBTQIA+ e de como tais construções se dão na articulação do filme; O grito *Noite das Estrelas, elas explodem o universo* se debruça sobre os encontros realizados com Érika Ravache e Marcela Soares, dos quais se desdobraram suas vozes e memórias, possibilitando a existência de materiais de reconstrução das pessoas envolvidos com o evento, estéticas e modos fundamentais para cenas do filme que serão apresentadas articuladas às cenas constituídas pelas artistas nos encontros.

O grito *Noite das Estrelas seus multiversos e ressonâncias* vai abordar outras vozes que concebem e constroem novas dimensões ressoadas a partir do evento e também desdobradas por outras produções do Entidade Maré onde os antigos shows aparecem numa escrita performática onde a estas aparições se encontram numa festa onde outras perspectivas de quem participou do evento como público.

O grito *Matando Caim e Abel* apresenta a perspectiva da irmandade como prospecção do ubuntu que garante as existências de imagens impossíveis e radicalizadoras da realidade insujeita.

O grito *Trilhando sobre as encruzilhadas de uma arte insujeita* compartilha movimentos, procedimentos e enfrentamentos constituído nas relações autobiográficas

[36] *Rodrigo Maré Souza:* Multiartista que fez a direção musical do filme Noite das Estrelas. Rodrigo é um boy preto cria da Maré amigo e parceiro desde que nos conhecemos na Cia Marginal.

em que a vida artística é um se esgueirar, diante do conceito da dívida impagável, de Denise Fereira da Silva.

Diante do espelho são imagens de algumas insujeitas que aparecem nas narrativas que circundam as curvas e espirais desta escrita.

O grito *Aquela que venceu a morte* apresenta gestos que são feitiços que permitem a subversão da realidade necropolítica, sobre a morte o gesto escreve a conexão, a homenagem e o impossível feito de vencer a morte.

A perspectiva em torno da pesquisa, como você já percebeu, será costurada fora dos pressupostos de neutralidade e distanciamento estabelecidos como padrões de pesquisa. Sendo assim, escolhe um grito na ordem que quiser e deixa soar a leitura para onde for. Esta não é uma pesquisa sonora, mas uma provocação da escuta. Então se escute ouvindo estas palavras.

Figura 6 — Captura de vídeo — Fotografia Matheus Affonsso. 2021



Cena que abre o albúm visual. Nas sombras David Magalhães, Dominick de Calafrio, Jaqueline Andrade, Lívia Laso e Marcos Carvalho.

Grito: Exu urbano

O close e pensamento neste grito passa pela elaboração de como *Exu* é concebido nas cosmovisões africanas, através de seus símbolos e signos prescreve a corpa como Exu vivente, como matéria fundante e imanente nas encruzilhadas da Noite das Estrelas e do próprio álbum visual que homenageia o evento. Como já foi dito, tomo por insujeitas existências pretas, indígenas, LGBTQIA+ e faveladas, brutalizadas pelo cotidiano histórico, que seguem no fluxo perfurante os ódios às suas existências. Nessa escrita, apresento partículas, fragmentos e cores para narrativas que não existem nos arquivos que contam a memória da Maré. É um tipo de pista para uma consciência que habita no feito impossível, da inobediência do poder que materializa uma conduta que abre espaços pra vida. Neste grito, a insujeita é também tomada como um Exu urbano, já que os terrenos onde se esgueira estão tecidos nas relações entre a urbanidade e a cidade carioca. Nas linhas desta pesquisa a conjuntura mais íntima insujeita atravessa a possibilidade de criar visualidades da Maré, na ressonância da coexistência a Exu que revisa e profana o retrato urbano do Rio de Janeiro.

Este grito também é uma louvação a Exu na matéria das nossas vivências. Lembro de quando ganhamos a Lei Aldir Blanc, perguntei a Lívia a quem a gente agradeceria?

— **Lívia**: Olha amigo eu sou macumbeira né, fui suspensa a equede[37], eu acredito que tudo que se tem e que se é, agradece a Exu, ele é o princípio de tudo ele sem ele não existe nem gratidão.

> Sem Exu, diz Elbein, "todos os elementos do sistema e seu devir ficariam imobilizados, a vida não se desenvolveria". Mas "Cada ser humano tem seu Exu individual, cada cidade, cada casa (linhagem), cada entidade, cada coisa e cada ser tem seu próprio Exu… [Se alguém não tivesse Exu em seu corpo, não poderia existir, não saberia que estava vivo, porque é compulsório que cada um tenha seu Exu individual]... Exu é o princípio da existência diferenciada, que o leva a propulsionar, a desenvolver, a mobilizar, a crescer, a transformar, a *comunicar.* (Sodré, 2017, p. 115)

Este pensamento de Sodré, tanto como nas palavras de Lívia, a cosmologia africana apresenta uma impossibilidade de vida sem Exu, Exu está tecido na fundação do

[37] *Equede:* Pessoas que cuidam do Orixá incorporado, também não incorporam.

mundo e da vida, sem ele nada existiria. Nele, as camadas que saúdam a vida são a essência que funda, transpassa e reformula o tempo, é ele que é o princípio da existência e do desenvolvimento de tudo, a transformação é a forja do seu ser feito impulso das nossas existências; matéria possível de um outro tipo de diálogo que não está ligado ao pensar ocidental; movimento que vitaliza as energias formadoras do mundo; possibilidade de transformação que permite que a atravassebilidade cruzadas de tempos, linguagens e conhecimentos, como aponta Sodré sobre seus signos e Símbolos:

> Importa, sobretudo, a figura simbólica desse Exu circulante entre os tempos. Se "falar é existir absolutamente para o outro" (FANON, 2008, p. 33), o orixá Exu, ao ser provedor do comunicar, mensageiro ancestral e senhor das ruas, que são as vias políticas da circulação, simboliza o enlace entre a boca, órgão passível de repressão, e a vida ou a morte (social). Exu é a necessidade da palavra e da memória para que exista um diálogo, ou ainda, um confronto entre os tempos. Ao guardar a transmissão, não é à toa que, podendo circular entre o suprassensível (orun) e o natural (aiê) (SODRÉ, 2017, p. 176), Exu seja princípio ativo de movimento, e também de caos, mas sempre na abertura de caminhos para a reinvenção e transformação. (Ramos, 2020, p.167)

Exu como figura ativa e simbólica é a possibilidade que guarda a transmissão do que está além dos sentidos comuns, é nele que está a ativação do movimento que abre possibilidade de invenção do assincronismo transformativo. Assim como o provérbio africano, ou o que Sodré vai chamar de "aforismo nagô", utilizando o seguinte pensamento como referência: *Exu matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje*.

> Entretanto sem qualquer conotação literária nem explicitação de autoria filosófica, este provérbio resvala da moralidade prática, típica dos enunciados anônimos da cultura dita "popular", para um nível heurístico que o transforma em *aforismo*. Isso não faz dele um "fato" filosófico propriamente dito ou *stricto-sensu*, pois, apesar dos exemplos notáveis de pensadores como Heráclito, Schelling, Nietzsche, o aforismo pode desembarcar numa filosofia de "meia-sola" ou a meio-pau, como observam alguns exegetas dos fragmentos pré-socráticos sustentando que "não é seguro encarar um aforismo como evidência", Mas certamente transforma-o em fato de conhecimento, sinalizado junto a uma particular comunidade interpretativa como *índice* de um modo coletivo de pensamento fragmentário, Como aforismo o enunciado está e não está isolado: há um contexto alusivo maior, do qual ele é figura indiciária. Só a compreensão (prévia) ontológica do "ser nagô" autoriza a compreensão ("ôntica", na terminologia heideggeriana) ou o conhecimento semântico do enunciado). (Sodré, 2017, p. 114)

Esta compreensão aguçada pelos sentidos do pensar nagô é a possibilidade de articular na Noite das Estrelas um modo coletivo de encontrar-se na saudação de tempos que ocorrem em encontros, datas e universos distintos. Assim como Exu no aforismo, na ação de lançar a pedra, é que os shows podem ser reelaborados num filme que é fruto da

memória dos shows da Noite das Estrelas das décadas de 1980 e 90. Este espelhamento alarga, flexiona e desfaz os limites entre os tempos, onde a Noite das Estrelas pode ser vista na pedra lançada. A pedra é fluxo da ação do hoje que só atingirá seu objetivo no ontem. Presente e passado comungam da ação que vai materializar a pedra fora de uma cronologia linear. Como nos diz Leda Martins (2020):

> No contexto do pensamento que trança as diversas e diferentes culturas africanas com as culturas da diáspora, movimentos de retroação e de avanços simultâneos só podem ser mensurados e arguidos no âmbito mesmo de uma visão de mundo, de uma concepção da vivência do tempo e das temporalidades, fundadas por um pensamento matriz, o da ancestralidade, princípio mater que inter-relaciona tudo o que no cosmos existe, transmissor da energia vital que garante a existência ao mesmo tempo comum e diferenciada de todos os seres e de tudo no cosmos, extensão das temporalidades curvilíneas, regente da consecução das práticas culturais, habitadas por um tempo não partido e não comensurado pelo modelo ocidental da evolução linear e progressiva. Um tempo que não elide a cronologia, mas que a subverte. Um tempo curvo, reversível, transverso, longevo e simultaneamente inaugural, uma sophya e uma cronosofia em espirais. (Martins, 2020, p. 42)

Essas inscrições de Leda Martins em torno do tempo espiralar contida no conhecimento das culturas da diáspora, invoca a ancestralidade como matriz e visão de se pensar a existência no mundo, o mesmo modo de ver o mundo que indica que tudo é e não existe sem Exu. Estas informações articuladas possibilitam à corpa insujeita ser corporizada no tempo curvo das espirais, no traço de sua performance e existência moram signos e símbolos, humanos e não humanos, transferidos e forjados como uma episteme e canal de conhecimento refletidos na vida Exu e evento da própria ancestralidade.

> As culturas africanas transladadas para as Américas encontravam na oralidade seu modo privilegiado, ainda que não exclusivo, de produção de conhecimento. Assim como para os povos das florestas a produção, inscrição e disseminação do conhecimento se davam, primordialmente, pelas performances corporais, por meio de ritos, cantos, danças, cerimônias sinestésicas e cinéticas. Por meio delas, uma pletora de conhecimentos se retransmitia através do corpo em movimento e por sua vocalidade, desde comportamentos mais simples, expressões práticas e hábitos do cotidiano até as mais sofisticadas técnicas, formas, processos cognitivos, pensares mais abstratos e sofisticados, entre eles a cosmopercepção ou filosofia.
>
> Grafar o saber não era, então, sinônimo de domínio de um idioma escrito alfabeticamente. Grafar o saber era, sim, sinônimo de uma experiência corporificada, de um saber encorpado, que encontrava nesse corpo em performance seu lugar e ambiente de inscrição. Dançava-se a palavra, cantava-se o gesto, em todo movimento ressoava uma coreografia da voz, uma partitura da dicção, uma pigmentação grafitada da pele, uma sonoridade de cores. Do corpo advinha um saber aurático, uma caligrafia rítmica, corpora de conhecimento. (Martins, 2021, p.36)

A encruzilhada da Noite das Estrelas vista nas dimensões das cosmovisões africanas forja a corpa da vida insujeita a possibilidade de desmaterialização, dimensões e contornos, de existência na relação cronológica com o tempo. As performances das artistas propõem, nesse jogo, saberes de múltiplas culturas, sobretudo às possibilidades e à diversidade da existência, a corpa insere conhecimentos como episteme e portais para a vida em muitas dimensões da normatividade ocidental. Com isso, Paulo Victor e eu entendemos que Exu tinha que abrir os caminhos para a existência da própria narrativa e performance que abre o filme. Nossa gratidão está expressa na própria obra, tendo Exu louvado nas existências e gestos das corpas que contam a Noite das Estrelas, os símbolos e signos de Exu ecoam na corpa. Tomando isto como convicção, perguntamos às artistas: o que é Exu para você?

— **Érika**: As pessoas socializam Exu muito ao diabo, ao demônio, ao satanás e não é isso, né! Eu acho que se a pessoa for começar a ler sobre a cultura, que é uma cultura tão linda, e cada vez que você vai lendo, você vai adquirindo novos conhecimentos. Pra mim, Exu é uma energia, a energia que o ser humano tem que saber lidar com ela. Eu sou espírita, sou raspada tem dois anos, sou feita de santo, eu tenho as minhas entidades que eu cuido, tenho meus Orixá que eu cuido e depende muito de como você lida com esta energia. Até porque, todos os Exus foram ser humanos como a gente, eles foram carnais, eles viveram, né! Maria Padilha, Maria Mulambo, Tiriri, Tranca Rua, Boiadé, tchun… seu, seu Zé Pilintra, todos eles foram carnais, eles foram humanos, eles tiveram vida. Então, assim, eu acho que é uma energia, se você souber lidar com ela e cuidar. A maldade é o ser humano, é o ser humano que trás a maldade na mente, né! Eu não vejo Exu como uma coisa ruim não, lógico, pra quem não tem o, a sabedoria e o entendimento, vai falar: ah isso é coisa do diabo, é capeta, é tudo – e não é gente, porque tanto é pra nos guardar, pra nos dar segurança, pra nos dar saúde, proteção, prosperidade. Só que tem gente que utiliza pro mal, só que o mal é dividido. Lá na frente você vai pagar tudo aquilo de ruim que você tá pedindo, porque Exu é a faca de dois gumes. Ele te dá aqui e te tira aqui, ele é assim, dependendo, conforme você lida com ele. No meu ponto de vista, eu falo por mim, graças a Deus, eu sou muito abençoada por eles. Cuido muito bem, faço minhas tarefa, faço também as minhas coisas toda espiritual. Se eu fosse Exu dependeria de como as pessoas iriam cuidar de mim. Porque se eu te dou um agrado

pro mal, você vai aceitar. Exu é assim, mas também depende. Às vezes o Exu vê que aquela pessoa que você tá pedindo o mal não mereça, ele vai aceitar seu agrado do mesmo jeito. Mas ele sabe que aquela pessoa que você pediu ali não merece, mas lá na frente você vai pagar. Você vai pagar as consequências dos seus atos.

Se eu fosse Exu, eu queria ser minha pombagira auhahahahahahah… Eu queria ser Maria Padilha, aliás, essa mulher convive comigo 24 horas, né! Dito por uma outra Pombagira e amo muito essa mulher, cuido muito dessa mulher, essa mulher já me deu muita coisa na minha vida, não só ela como Mulambo, como o seu Tranca Rua, mas se eu fosse um Exu eu queria ser uma Pombagira. Haah!

Eu falo sempre, quando eu morrer eu quero virar Pombagira.

Este desejo de Érika ao falar de Exu me lembrou de um encontro que tive durante um dos lutos da minha vida. Fui encontrar uma amiga num samba, na volta para casa dela, ela recebeu Maria Padilha Rainha do Cabaré. Seu grito agudo, acompanhado de sua gargalhada, anunciava sua chegada. Este encontro rasgou na realidade uma comunicação mítica entre o tempo, espaço e matéria. A corpa naquele momento era habitada por outra durante a incorporação, trazendo para a corpa voz, palavras, gestos do encantamento e sentidos de outras realidades, tempos, espaços e mundos. Esta transmissão preta que flexiona outras maneiras de relação com o conhecimento e tempo na possibilidade de sua desconexão encontra aconchego e matéria nas religiões de matriz africana, na coletiva que resiste à morte e ao apagamento colonial ao longo dos tempos. Ali, na corpa da minha amiga, mona que estava na umbanda, estava o portal de conhecimentos:

> É claro, vale dizer que essa memória cultural sobre o tempo foi mais bem transmitida especialmente no espaço mítico-religioso, isto é, nos terreiros de candomblé. Neste território-comunidade, o corpo assume posição central para a manutenção dos vínculos com as cosmologias originárias. (Ramos, 2020, p. 165)

Maria Padilha Rainha do Cabaré apesar de ser uma entidade referida pela umbanda apresenta a relação mítica-religiosa das culturas pretas em diáspora, de cara falou que minha amiga estava cuidando da sua espiritualidade e que ela se encontrava ali por mim. Disse para eu não ter medo, e, audaciosa que sou, falei que não estava com medo e de fato não sentia. Em seguida, ela começou a me explicar o que eram os Orixás, de como eles estão intrinsecamente ligados à regência e fundamentos do mundo em sua essência e existência. Falou também da diferença existente entre Exu Orixá e Exus como

ela, entidades que em algum tempo existiu materializada como corpa na terra. Além disso, ela falou da crueldade que abrigava seu tempo de vida terrena. Sacudindo a minha tristeza a partir da memória, disse em voz firme que soou enquanto um grito:

— **Maria Padilha Rainha do Cabaré**: Lembra de onde você veio. Existe um povo muito forte atrás e junto com você. Arruma a casa! Casa arrumada é cabeça arrumada. Tudo: Exu, Orixá, Entidades e Encantados, é real. Eles não são demônios, é coisa boa, é energia, só faz bem. Você tem que estudar coisa de preto: preto só é livre quando aprende os caminhos, ser livre é estratégia.

Esse acontecimento-encontro ressoou de forma significativa em mim e, inclusive, na entrada no mestrado e no processo de estudar-pesquisar coisa de preto. Destaco que:

> Esse processo de intervenção no meio e essa potencialidade de reconfiguração formal e conceitual fazem dos rituais um modo eficaz e de reterritorialização de uma complexa pletoras de conhecimentos, dentre eles uma instigante concepção de cronos, o tempo. No caso brasileiro, os ritos de ascendência africana, religiosos e seculares, reterritorializam uma das mais importantes concepções filosóficas e metafísica africanas, a ancestralidade que "constitui a essência de uma visão que teóricos das culturas africanas chamam de visão negra-africana do mundo. Tal força faz com que os vivos, os mortos, o natural e o sobrenatural, os elementos cósmicos e sociais interajam, formando elos de uma mesma e indissolúvel cadeia significativa. A concepção ancestral africana inclui, no mesmo circuito fenomenológico, as divindades, a natureza cósmica, a fauna, a flora, os elementos físicos, os mortos, os vivos e os que ainda vão nascer, concebidos como anelos de uma complementaridade necessária, em contínuo processo de transformação e de devir. (Padilha apud Martins, 2003, p. 75)

Assim, esse encontro foi um processo de encontro com forças espirituais imanentes, ou seja, vividas na experiência. A frase "estudar coisa de preto, preto só é livre quando aprende os caminhos, ser livre é estratégia" ecoou como um caminho nas encruzilhadas da Noite das Estrelas.

> 127. Mas tinha um túnel sob o cativeiro e uma primavera clandestina semeada na floresta que margeia o Forte. O estudo preto anuncia o fim do mundo como conhecemos, e o limite. Como uma máquina de guerra o corpo preto que age à revelia de uma linguagem formal racista excede sua experiência no mundo. (Mombaça, Matiuse, 2018, p. 23-25)

Grito: Noite das Estrelas, elas explodem o universo

Este grito estrutura a voz travesti como material oral que possibilita a imaginação possível da Noite das Estrelas, a explosão do universo articuladas à experiência de quem viveu os antigos shows como artista do evento na própria pele, que, em voz, possibilitam a criação de cenas e imagens que compõem o roteiro, alguns procedimentos e métodos de criação do filme. No material fonográfico das artistas é que se transpassa o tecido emaranhado fundante das narrativas do filme *Noites das Estrelas.*

Durante o processo de criação do filme que homenageava os antigos shows, convidamos duas artistas que faziam parte do evento para conversar conosco. Érika Ravache e Marcela Soares. Inicialmente a ideia era entrevistá-las para compor um mapeamento da composição estética, narrativa e imagética que seguiria o filme. No entanto, o que tinha sido programado para ser uma simples entrevista, se transformou em outro tipo de material, primeiro porque não aconteceram entrevistas, pois, apesar de termos levado um questionário de 25 perguntas, o que se deu foram encontros que ressignificaram e redefiniram as rotas e cruzamentos da pesquisa e da criação do filme. Inclusive o que possibilitou suas aparições no filme como atrizes, a construção do roteiro e das performances de David, Dominick, Jaqueline, Lívia e Marcos, artistas que ensaiavam com a gente desde o início do processo de construção do filme.

Figura 9 – Cartaz – "Noite das Estrelas", 2021. Designer Nyara Wassa.



Anteriormente, os pensamentos sobre a criação circundavam sobre as ideias do passado da memória dos show se apresentarem a partir da ambição de construir uma estética que bebia de um video da Comissão de Frente da Mangueira de 1999[38] (no qual os baluartes da escola voltavam à vida para celebrar a memória da escola construída também por eles). Essa ideia se dava pelas informações que tínhamos da forte ligação que os shows da Noite das Estrelas tinham com os blocos e escolas de samba da Maré como o GRES Gato de Bonsucesso[39] e Corações Unidos[40].

Além disso, os estudos dos textos que foram já foram citados na apresentação desta pesquisa permitiram conversas profundas com as ideias da Cosmopoética, da Oralitura e do autoamor. Destes encontros foram levantados dispositivos de criação das performances individuais das cinco artistas que já estavam no processo como atrizes do filme. A primeira performance foi criada a partir de uma autodeclaração de amor. A segunda, de uma performance a partir de um sonho; a terceira, sobre um dia de liberdade. No questionário que criamos para fazer com Érica e Marcela existiam frases entre as perguntas, para provocar as antigas artistas à criação de imagens não tão óbvias de si,

[38] Video da Comissão de frente da Mangueira de 1999: https://www.youtube.com/watch?v=7Fz0028yT10 - Acesso em: 24/01/2023

[39] *Gato de Bonsucesso*- Grêmio Recreativo Escola de Samba Gato de Bonsucesso é uma escola de samba fundada em 16 de fevereiro de 1999. Está localizada na favela Nova Holanda, suas cores são o azul e branco. Conta-se que a escola surgiu após uma senhora furar a bola de pessoas que jogavam bola na sua porta e como vingança pegaram o gato da senhora e fizeram com seu couro a pele de de tamborins e saíram na rua com o bloco que na época ganhou o nome de bloco Mataram meu gato.

[40] *Corações Unidos*- O extinto bloco carnavalesco se localizava no Morro do Timbau e era palco para os antigos shows.

sendo elas: *Faz uma declaração de amor pra você; Um sonho, Memória inesquecível e um dia de liberdade.*

Queríamos que os encontros estivessem projetados e se desviassem das narrativas determinista de dor, objetificação, brutalidade e ódio, repetidamente articulados para as experiências pretas, LGBTQIA+ e faveladas. Esta vontade não negava as dimensões de sua existência, mas uma provocação à ideia, aliada das perfurações das dinâmicas em que tais pessoas matizam modos plurais de existir.

Logo no primeiro encontro com Paulo Victor, Matheus e Dominick, Érika solta uma letra que, quando nos encontramos, as ideias se misturaram e remontaram outros desejos para a criação.

— **Érika**: Eu que agradeço, brigada, e quando vocês forem fazer esse evento, esse espetáculo, não vou falar nem que sim, nem que não. Talvez, talvez. Ai, gente, quase cinquenta anos...

— **Paulo Victor**: Queremos sim!

— **Érika**: Mas no caso, vocês quer que faça duas músicas cada uma?

— **Paulo Victor**: Não hahahaha cada uma faz uma performance só, mas a gente vai marcar.

Após este grito de Érika, decidimos colocá-las no filme como atrizes. Elas não tinham tempo para os ensaios por conta dos seus respectivos trabalhos, o que nos levou a pensar suas participações a partir das relações com os encontros que tivemos com elas. Pensamos nas representações simbólicas das culturas pretas em que Marcela e Érika eram apresentadas como *griotes*. Em algumas culturas africanas, as griotes são representações femininas que tem por vocação a transmissão de conhecimento, histórias, saberes e mitos dos povos das culturas negras.

Para esse feito, propusemos como método a seleção de alguns trechos em que suas vozes apresentavam os shows e contextos que celebravam suas existências e a dos shows da Noite das Estrelas. Lembro de alguém que estava na sala de roteiro temer que elas

ficassem travadas com as câmeras, o que passou de longe para a realidade que se montou na gravação, pois a presença das outras artistas criavam uma relação real, na qual a memória era de fato compartilhada e a gente gritava “corta” apenas quando o fluxo de ideias acabava. Isso ampliou o tempo de ilha de edição, foram terríveis e intermináveis horas de cara no computador, mais a delícia da companhia de Jonas[41] e minha irmã Paulo Victor Lino.

Figura 10. – Fotografia – Fonte: Arquivos do Conexão G cedido ao Entidade Maré.



Luciana num show no Brizolão (CIEP Presidente) Samora Machel, na Nova Holanda.

Em abril de 2021 o trabalho foi concentrado na produção do roteiro. Para isso, A pesquisa cênica concentrou-se na produção destas performances, que contavam as histórias dos shows com o objetivo de obordar a memória cultural LGBTQIA+ do território não de uma interpretação da história de forma linear, mas outra, em que a linguagem documental propunha falar de muitos, da performance LGBTQIA+ cotidiana que perfura os eventos, se colocando em todos os lugares como peste que explode o universo das Estrelas.

[41] *Jonas Rosa:* Editor do filme Noite das Estrelas e integrante da Cafuné a Laje. Apesar de Jonas ser seu sobrenome quando ele ri, a cor da sua pele corresponde ao seu nome.

Figura 11– Fotografia – Foto de Jv Santos



Érika (Érica Ravache) e Marcela (Marcela Soares), no bar das Minas, Instituto Trans, Na Vila do Pinheiro. Comemoração do dia da visibilidade. 11 de fevereiro de 2022.

Nesse sentido, a voz e a performance se fazem materialidade epistêmica feita pelas corpas e memórias tecidas e que teceram os antigos shows LGBTQIA+ da Maré. Com isso, o texto de Leda Martins, no qual ela desenvolve o conceito, a Performance da Oralitura será matéria e lente transversal para a estruturação da estética e catapulta motriz da ideia performática do processo e da escrita deste grito, perseguida por meio do conceito de Oralitura de Leda Martins:

> O significante oralitura, da forma como o apresento, não nos remete univocamente ao repertório de formas e procedimentos culturais da tradição verbal, mas especificamente, ao que em sua performance indica a presença de um traço residual, estilístico, mnemônico, culturalmente constituinte, inscrito na grafia do corpo em movimento e na vocalidade. Como um estilete, esse traço cinético inscreve saberes, valores, conceitos, visões de mundo e estilo. A oralitura é do âmbito da performance, sua âncora; uma grafia, uma linguagem, seja ela desenhada na letra performática da palavra ou nos voltejos do corpo. (Martins, 2003, p. 77)

O termo Oralitura apresentado por Leda performa na estrutura da palavra e gestos da corpa a gravura de conhecimento e linguagem, procedimentos que apresentam repertórios de modo que oralidade e movimento estabelecem a escrita das sabedorias performáticas. No dicionário do português brasileiro, a palavra “litura” tem seu significado aferido como parte ilegível de um escrito por efeito de rasura. No entanto, a

aglutinação feita por Leda na junção dos termos *oral* e *litura*, transcreve a ideia de ilegibilidade ou rasura para e da corpa, vocalidade e seus movimentos como grafias da própria linguagem performática.

Com isso, o termo oralitura é um conceito que reconhece e vai integrar a escrita feita pela ação performática da corpa, que se exprime como portal de materialização da existência e permanência de múltiplas culturas. Na corpa se fazem vivas suas as simbologias culturais, ela enuncia e remonta épocas e contextos através da voz e do gesto. As cosmovisões africanas, como já foi dito em outros momentos da pesquisa, estabelece a tessitura que coloca a ancestralidade como camada crucial para esta performance da corpa. A presença do fator ancestral amarra conjunturalmente a poética da performance que não se faz sozinha.

Quando partimos dessas formas conceituais de ver o mundo, e nos voltamos para as corpas e performances da Noite de Estrelas é possível reconhecer a memória dos shows, a transcrição das culturas negras LGBTQIA+ faveladas ao logo dos tempos. Na mesa redonda "Ficções e Fabulações Afro Atlânticas" que aconteceu no Museu do Amanhã, Eliana Alves Cruz afirma que "A história está em todo lugar, tudo é documento, tudo fala sobre nós, os papéis e as vozes." Nesta afirmação de Eliana, a voz é colocada como elemento documental. Assim, Érika e Marcela podem ser vistas como documentos vivos da memória e universos da Noite das Estrelas. Essas constatações explodem na vibração, palavras, frases, gestos e movimentos de Érika e Marcela, na memória dos shows em vida.

Nesta produção, o conhecimento se traduz muito próximo da noção de epistemologia que a artista e pesquisadora Grada Kilomba apresenta: "Epistemologia, como eu já havia dito, define não somente como, mas também quem produz conhecimento verdadeiro e em quem acreditamos" (KILOMBA, 2016, p. 4). Desta forma, o primeiro encontro com Marcela para falar do projeto do filme se deu em abril. Falei do nosso interesse em fazer um filme que homenageia os antigos shows LGBTQIA+ de 1980 e 90. Ela de cara começou a falar…

Figura 12 – Fotografia – Arquivo pessoal de Marcela.



Marcela e Menga no final de um show na quadra da escola Gato de Bonsucesso. Ano desconhecido.

— **Marcela**: Os shows começaram lá no Rubens Vaz com o Ney[42], ele organiza a festa junina de lá e tinha umas amigas travestis que ajudavam ele a fazer as roupas, elas começaram a perturbar que queriam ter o dia delas, aí ele fez um dia só pra elas. Depois o Menga botou os shows e batizou como Noite das Estrelas.

No primeiro encontro com Marcela, Ney, em sua relação com suas amigas travestis, montaram os primeiros movimentos de criação dos shows. Na segunda vez nos encontramos na casa de Paulo e Matheus, com a presença de Dominik e minha. Além do gravador, a presença de uma câmera pra registrar o encontro. Marcela, ao

[42] *Ney*: Bixa preta, organizadora da festa junina do Rubens Vaz. Ela criou o primeiro show dentro da Festa Junina do Rubens Vaz.

narrar o início dos shows, apresenta outras imagens do tal nascimento:

— **Marcela**: Primeiro, quando começou, foi na Vila do João, né. Quem fazia muito era uma amiga minha, a Jorgete, conhecidíssima da Vila do João. Começou dentro da casa dela, num quintal, né, que tinha as festas, ela tinha umas amiga que trabalhava em cabaré, as mona que sempre organizava estas festa. Aí tinha o show das bixas, também tinha as travas e tinha as monas que fazia stripe. Aí os bofes organizava tudo, aí fervia. Eu era novinha.

Num terceiro encontro, mais novidades:

— **Marcela**: Bom, na Baixa sempre teve, quem começou a fazer esses shows foi na Vila, foi as bichas mesmo, a Djalma. Porque tinha uma gay na época, hoje ela é falecida, que ela trabalhava pro tráfico na época, aí na casa dela sempre tinha festa por causa da endolação, essas coisas. Aí quando tinha festa, tinha um quintal na casa dela e ela fazia umas festas, vinhas uns bandidos, ela chamava umas putas de boate, tinha o show das putas e as bichas faziam o show também, mas era dentro da casa. Aquilo foi prolongando, aí elas botaram na rua, mas aí as putas já não tava, só as bichas. Aí o Menga sabia, ele tinha intimidade por causa do Candomblé. Aí depois vieram pra Rubens Vaz, aí o Ney fez, o Menga tava e falou ,"bota o nome Noite das Estrelas". Depois o Ney parou, e o Menga começou a fazer e aquilo foi progredindo. Os bandidos viram que enchia a favela e começaram a pedir. Os cabeças eram eles: o Menga, o Ney, as bichas lá do Morro, a Djalma, Beni, Buzunta, que começaram com esse negócio de show.

O movimento de Marcela, de retecer a própria memória, nos colocou diante das muitas possibilidades de versões não só para o nascimento dos shows, como o próprio exercício de entrar em contato com uma memória vivida por uma insujeita. Pois, num gesto e voz incapturável, a tentativa de transcrição já se apresenta falha, faltosa da realidade que acometeu seu gestos e os ecos da reverberação de sua voz. É impossível dimensionar ou prever, o que torna a rememoração a própria feitura ficcional, porque cada vez que se lembra, se vai mais longe, se recorda um detalhe, assim como nascem novas cores e sensações de uma mesma memória.

A ficção é objeto cabal de qualquer história. No seminário discente "Políticas de Vida" do PPRER, Jade Maria Zimbra apresenta a ficção como um agente de mutação e afirma, "Eu comecei a perceber que se a ficção é uma possibilidade de fazer as pessoas acreditarem, então existe uma possibilidade de criar ficções pra que a realidade se transmute" (Zimbra, 2021)[43].

Assim como nessa experiência, a escrevivência, já citada, apresenta a ficção como um elemento interarticulado ao conceito. A própria Conceição Evaristo afirma:

> Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em Becos da memória é verdade, nada que está narrado em Becos da memória é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade. Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus. (Evaristo, 2019, n.p)

Com isso, uma das perguntas do questionário solicitava que elas narrassem um dia de liberdade. Marcela narrou uma situação semelhante a uma conversa de Jaque nos ensaios. A liberdade chegou no dia em que contaram para os pais a suas orientações de gênero e sexualidade. Com esta informação, colocamos as duas numa das cenas do filme, na qual Jaqueline prepara uma caipirinha para Marcela e dentro desta ação as duas compartilham seus dias de liberdade uma com a outra. A delicadeza surge naturalmente, e esse gesto de se "assumir" exprime um ódio social que a ativista Marjori Marchi vai atrelar ao ódio ao feminino:

> Se projetarmos a homofobia como foi dita na escola, nos meios sociais, para as travestis transexuais, é uma situação confortável. Queria eu que as travestis pudessem sofrer homofobia no trabalho. Não, elas não estão empregadas. Queria que elas pudessem ser vítimas de bullying, mas, não, elas não podem estudar. Então, a questão da "transfobia" se remete a outro tipo de preconceito, outro tipo de fundamento, não a rejeição sexual, a prática sexual, mas, sim, a rejeição às novas identidades, ao que nós estamos tratando como tema da família, a rejeição à redefinição e à rediscussão do que é gênero. Algumas pessoas acham que misoginia é aversão à mulher. Eu acredito que misoginia é aversão ao gênero feminino, haja vista que todos os homossexuais, quando crianças e são reprimidos... qual é a primeira ofensa e repressão que sofremos? "Pare de chorar. Você está igual a uma mulherzinha". Isso deixa bem claro onde está a origem do preconceito" (Marchi apud Santos, 2011, p. 69-70)

[43] https://www.youtube.com/watch?v=yw7loSewUdM&t=11s - Assistido em: 07/01/ 2023

Diante da constatação feita por Marchi e alimentada pelos diálogos e expressões cotidianas estabelecidas entre nós, pretas LGBTQIA+ faveladas, nestas interações pedimos pra elas autodeclarações. O dizer delas é carregado de imagens que escrevem um cotidiano duro que torna suas declarações a desforra de uma vida de resistência. Para Érika, a proposta provoca tecidos em que a vida se volta a subverter a vida de sofrimento, o que faz com que o ato de se autodeclarar estrapole o olhar para a reconstrução feita por uma presença insujeita.

— **Érika**: Bom, só em pelo fato de eu ser essa pessoa que eu sou hoje, eu já me amo dia após dias, porque eu já sou amadurecida. Por todas as lágrimas que eu derramei, por toda dificuldade de vida que já passei, não só aqui como fora do país, por muitas barreiras que eu já quebrei que eu não sabia que eu poderia ir muito além. Porque o ser humano não sabe a força que tem dentro de si. Você nunca pode falar 'ah eu não vou conseguir aquilo'. Você só não vai conseguir porque a necessidade não te obrigou ainda. Mas o dia que a necessidade te obrigar, você vai meter a cara e você vai superar tudo aquilo. Você vai cavando dentro de você, você vai se descobrindo. Hoje em dia, às vezes eu fico parada, pensando, eu falo: nossa, eu queria chegar até aqui, mas eu fui tanto além que eu nem acredito. Então, hoje em dia eu me amo a cada vez mais, por eu ser uma pessoa batalhadora, uma pessoa guerreira. Hoje em dia eu posso dizer que eu sou uma pessoa vitoriosa, porque eu superei muitas coisas que eu jamais imaginei na vida superar.

Então, se minha vida parar aqui, pra mim já é o bastante já é o limite, se eu conseguir subir mais um pouquinho eu só vou agradecer a Deus. Hoje em dia eu sou uma pessoa que eu posso falar assim. Eu me amo, gosto de ser como eu sou, quando eu morrer e reencarnar eu quero ser assim de novo, não tenho preconceito nenhum comigo mesma, porque muitas se entram em confronto com si mesma. Não tenho problema nenhum socialmente, eu sei entrar, eu sei sair de qualquer lugar, eu sei me por em qualquer lugar, eu sei me adequar a qualquer coisa. Se você me jogar em um lugar, eu vou me sobressair daquele lugar, então eu me amo a cada dia que passa, mais e mais ainda. E eu gostaria que muitas trans se sentissem assim também, amada, valorizada, mas que se ame, se auto valorize, eu não espero que o alheio me ame, me valorize, eu tenho que me amar, eu tenho que me valorizar. É que tá faltando muito hoje em dia, né! É o ser humano se posicionar, o que eu sou, como devo me comportar, como devo viver?

Você tem que parar em frente ao espelho e fazer uma autoanálise de si mesmo. O que eu quero pra minha vida? O que eu quero pro futuro, pra uma velhice? E o que eu sou? Quem é Erika? Tem que botar assim, ah, quem é fulano? Acho que cada um tem que ter uma posição de vida. Só que muitas não fazem esse, essa autoanálise de si própria e muitas se perdem, muitas se perdem por si próprias, entendeu?

Para Marcela, a autodeclaração revela movimentos semelhantes, e se amar é um ato de fuga das realidades sombrias, e no meio delas, um ato de celebração.

— **Marcela**: Olha que eu sou uma pessoa assim, muito positiva. Uma declaração pra mim é que eu acho que sou uma pessoa vitoriosa, uma pessoa guerreira, que tô sempre ali na luta, não desisto de nada, sempre tô botando cara a tapa. E eu me amo a cada dia mais por isso, pela minha concepção de vida, de lutar por aquilo que eu quero, ter aquele objetivo, "não desistir" através dos obstáculos, da fronteira que a vida põe em nosso caminho, mas eu tô sempre ali de pé. Hoje não deu certo pra mim, amanhã é outro dia, ergue a cabeça, sigo em frente e vou à luta. Porque hoje, a gente ser humano, aqui na terra, a gente engole um dragão por dia, a gente tá sempre na luta, a gente acorda já com a guerra a diante pra a gente seguir. E eu me amo cada vez mais.

— **Bixa Mais bonita da Maré**: A Madame, falou algo muito parecido com o que você falou, "eu me amo a cada dia mais".

— **Marcela**: É, é isso aí, tô aí com a Madame. O aniversário dela foi sábado, aí fui lá, saí de lá 10h da manhã, louca. Bixa, ela falou que era um negocinho, depois, quando cheguei lá tinha um freezer imenso de bebida e uma caixa d'água dessas calha de 1000 litro. Só de bebida que ela botou, fora que os outros trouxe, né! Nossa mãe, falei, "viado tu é maluca, né!, quer deixar todo mundo maluca aqui, né!" Saí 10h da manhã, doida, falei, "aí num volto pro enterro dos ossos não, amiga, só se eu for ficar direto aqui, que se eu subir, não vou voltar, não." Depois que deita…

Figura 13- Fotografia- Foto de Matheus Affonso.



Érika Ravache na gravação da cena de seu aniversário do filme Noite das Estrelas.

Nesta falas estão duas aparições que foram incorporadas no filme. Uma é esta que percebi no auto da declaração e chego a comentar com Marcela que Érika também havia feito da frase, “eu me amo a cada dia mais”. Outra aparição é a festa de aniversário de Érika que possibilita, na transposição da construção ficcional do filme, que esse acontecimento seja o cenário de encontro de onde saltam as memórias dos shows e das performances construídas.

Dessa forma, na cena que Érika faz o discurso do seus parabéns a frase “eu me amo a cada dia mais” é o dispositivo proposto para Érika inserir na cena, na qual faz o agradecimento, na perspectiva que a frase repetida por elas nos encontros reafirmem na performance da corpa e voz de Érika o tecido fonográfico de autoamor das duas, dentro das culminâncias de celebração de uma vida travesti. No filme, entre amigas pretas, o autoamor é celebrado pela negrura das corpas e interligado à memória da Noite das Estrelas. O autoamor preto só é possível de ser materializado e feito a partir dos encontros provocados pela artista, que individualmente concatenou esse ato na forja de sua performance singular. Do mesmo modo, bell hooks convoca o amor à negritude como resistência e forma transformadora de ver e ser:

> [..] Coletivamente, pessoas negras e nossos aliados somos empoderados quando praticamos o autoamor como uma intervenção revolucionária que mina as práticas de dominação. Amar a negritude como resistência política transforma nossas formas de ver e ser e, portanto, cria as condições necessárias para que nos movamos contra as forças de dominação e morte que tomam as vidas negras. (hooks, 2019, p. 63)

Outra imagem que salta dos encontros com as travestis é a relação estabelecida com as que vieram antes. Suas falas são constituídas de imagens e geram imagens de outras corpas que elas viram e viveram no cotidiano da Maré. Mesmo quando ser artista dos shows e projetar sua aparição como artistas em outro lugares era necessário, ainda que não estivessem integradas ao shows, as corpas das mais velhas que apontavam possibilidades de caminhos.

— **Marcela**: Porque, assim, na época que a primeira travesti da comunidade da Maré, que eu conheci quando eu era criança, era a Nena, que ainda é viva lá do Timbau, e aqui na Nova Holanda era a Catucha, entendeu, não sei nem se ela ainda é viva, foi a primeira trans da Nova Holanda, a primeira travesti. Depois que veio Carlota, Suzana, todas né, aí a Bambi, que era também de lá, morou aqui, mas também morou na COHAB.

— **Érika**: Porque, na realidade, foram elas que abriram os caminhos pra gente. Porque expandiu pelo fato de ter esse nosso show, era concursos de beleza, não era só em si os shows gay de rua, porque tinha concursos de beleza também, e tinha concurso de dublagem, que tinha em cima daquele concurso de beleza. Então tudo ia se expandindo aos pouquinhos. "Ah. mas tem show gay aqui na Principal", lotava!

— **Marcela**: Nossa!

— **Érika**: "Tem show gay no Rubens Vaz", lotava! "Tem show gay no morro do Timbau", lotava, porque não tinha essas guerras antigamente, porque todo mundo poderia passar. Porque eu sou de uma nova geração. A Pantera já veio primeiro do que eu, né! Eu ia pro show gay pra carregar a bolsa das antigas e ali eu ficava olhando, ajudava no camarim, mas eu já era daquele meio, depois eu fui me envolvendo. A fazer show, a subir, a me montar, a me produzir, mas sempre quem me produzia era ela. Aí Pantera começou a me ajudar, né! E me emprestava roupas que eu não tinha. A maioria das trans, aqui, ia tudo pra casa de Pantera pedir roupa, pedir salto, pedir peruca, pra se maquiar, então era assim.

— **Paulo Victor**: Era o acervo. Hahahahah

— **Érika**: Era o acervo! E teve o dia que ela me falou: Não, eu vou te montar e tu vai subir hoje no palco – e foi assim. Que foi lá no Menga, lá no Rubens Vaz, né! Assim, foi um show que eu não gostei, eu mesma, porque o começo de tudo é sempre muito assim. Era uma coisa muito boa porque a gente fazia desfile de misses, né! Mas esses desfiles de misses acontecia mais na Baixa, Corações Unidos. Então, todo aquele, aquele projeto todo de selecionar as meninas, de montar as meninas. Aí tinha umas trans que já apadrinhava uma menina, botava no palco, produzia tudo pra ter nome. "Ah porque é filha de fulana, filha de sicrana, eu que montei, eu que fiz".

— **Paulo Victor**: Tu é filha de quem?

— **Érika**: Bom, assim, quem me lançou nos palco foi Roberta de Samy e Pantera. Roberta de Samy já é falecida, morreu agora, há pouco tempo. Mas quem me jogou no palco foi as duas. Então, assim, madrinha de palco hoje em dia, pra mim, é a Pantera, né! Porque depois ela já fazia shows em boate, e detalhe, como eu já acompanhava ela na boate, ela me jogou num concurso de beleza, que era beleza negra, né! Nesse negócio de beleza negra a Pantera falou, "Érika", que ela me chamam de Madame, "você não quer participar?" – Eu falei não, que eu tinha medo, que eu tinha vergonha, só tava acostumada aqui, né! Só fazia show aqui, ali, aqui, ali. Portanto, ela pegou em contato com a Roberta de Samy, as duas me jogaram. Que foi até no Boêmio casa Nova, aqui no Centro da cidade, hoje em dia já não existe mais. Que era uma boate famosíssima que tinha Lona de Vison como apresentadora.

E nesse dia só era pras iniciantes, né! Que era um concurso de beleza negra, então Pantera e Roberta de Samy que me produziu toda, me maquiou toda, fizeram roupa pra mim e foi bom, tá! Que eu fiquei empate junto com a primeira na época.

— **Paulo Victor**: ôh! Hahahhahha

— **Érika**: Hahahahhaha Aí deu uma briga no camarim porque a menina que ficou, que eu fiquei empate com ela, era filha de uma, de uma trans muito conhecida e famosa. Então, por ela ser uma trans famosa, ela acharia que a filha dela, que ela produziu e montou, ela

ia ganhar porque ela tinha as costas quentes. Como saiu a contagem dos votos, deu que eu fiquei em empate com a menina. Pantera na época discutiu, Roberta na época discutiu e eu falei "gente, não esquenta de ficar em primeiro, de ficar, de ganhar não. Já foi bastante pra mim ter participado", porque ali você já passa a ter conhecimento, né!

Laura de Vison na época não quis desempatar, deixou empate. Eu gostei, eu amei. A Pantera também ganhou mais nome com isso, nas boates e dali eu já passei a conhecer Roberta de Samy, Laura de Vison, de bixas mais renomadas no mundo artístico e ali eu fui me engajando, fazendo shows nas boate.

— **Paulo Victor**: E como que era, como que era pra você depois do, depois dos shows, assim. Como que era esse processo de "acabei de fazer um show, como é que estou me sentindo"?

— **Érika**: Aí era muito gratificante, gratificante. Era gratificante porque você acaba fazendo novas amizades. Você acaba aprendendo mais ainda. Você acaba ficando um pouco conhecida. Acaba as pessoas gostando do seu trabalho, daquilo que você faz. Então, era muito gratificante, né! E eu me sentia bem, então toda semana eu tava dentro de uma boate, toda semana, toda, mesmo que eu não iria fazer show, mas eu ia acompanhar alguém. Mesmo que eu não fosse acompanhar alguém, eu tava lá só pra me divertir.

E ali tu vai pegando contatos com donos de boate, com bixas mais famosa, aí tu vai pegando novas amizades, ali tu vai pegando convites, "olha, vai ter show em tal lugar, você pensa em ir?" Então você vai pegando mais um pouquinho de nome. Mas, assim, através de Pantera e Roberta de Samy as portas se abriram bastante nesse mundo, assim, de show. Mas chegou um tempo que…

— **Paulo Victor**: Que não deu.

— **Érika**: Eu, depois eu viajei, parei com tudo, né! Até lá fora mesmo, as meninas já me conhecia, as daqui que estão lá fora faziam produções de shows às vezes queriam que eu fizesse um espetaculozinho, mas só que...

— **Paulo Victor**: Foi qual música? Você lembra?

— **Érika**: Ai, na época eu fazia esses dances, né! Essas músicas agitadas, mas não tinha muita performance em palco, não, porque primeira vez de tudo dali eu gostei assim, mesmo que não foi bom, mas eu gostei daquele, daquela essência toda e comecei a fazer. Cada show que tinha, eu também subia. Cada show que tinha, eu subia e fui engajando ali. Até você ir pegando a, um pouco de experiência, saber se maquiar melhor, saber ter presença de palco e…

— **Marcela**: Tem que ver uma música. Você tem que ficar de frente ao espelho. Você vai esquecer tudo ao seu redor. Primeiro escuta a música que tu quer dublar, você vai escutar aquela música várias vezes. Daí você vai botar um espelho na parede, você vai esquecer de tudo e você vai focar só naquilo ali, no espelho. E tu vai seguindo a música, mexendo teus lábios. Na hora você vai ver ali no espelho, focando naquilo dali e esquecer tudo, você vai pensar que você que tá cantando, entendeu?! Porque você começa a pegar o ritmo né, as paradas da música, as paradas da tua mão, que tem que jogar, o teu ato, o olhar que tem que fazer. Quando é uma coisa assim, muito melosa, uma música de amor, você tem que ter aquele ato de mostrar pro público, né, pra pessoa entrar dentro de você. Você incorpora a personagem. Tem gente que faz a personagem mesmo, que eu tenho uma amiga minha que ela é transformista e é cover da Alcione, ela se monta igual a Alcione e faz os gestos, tudo direitinho igual da Alcione. A gente pega a música e vamos dublar, não é que a gente vai ser a Whitney, a gente quer passar como se tivesse cantando aquela música da Whitney, incorpora a Whitney né, tenta imitar um gesto de mão da Whitney, o olhar, o jeito, é tudo isso. Agora tem as gays transformistas que a gente, agora a gente fala que é drag, né, com esses negócios de bate cabelo, isso tudo, mas tudo é na parada da música. Tem que focar na parada da música pra tu jogar o cabelo e voltar de novo, tudo junto com a música. Aí tu tem que ficar uma semana só treinando aquilo ali, minha filha. E quando chega no dia da vontade de tu correr, que quando chama teu nome, que tu bota o pé no palco, tu fala “agora não posso voltar atrás, agora é eu e eu” e focar pra tentar fazer o melhor. Mas é uma adrenalina boa.

Figura 14- Fotografia - Primeiro show de Marcela aos 17 para os 18 anos. Imagem de arquivo cedida por Marcela.



— **Marcela**: Tenho uma acho que tá naquele coisa ali, uma de vermelho fazendo o primeiro show na quadra da Rubens Vaz. Aí depois que o Menga deu o nome Noite das Estrelas. Tem essa foto aí eu de vermelho que eu fiz na Rubens Vaz com o Nem. Ficava horas com aquele frio na barriga, acho que todo artista tem esses babados. Até a gente que faz faculdade e vai pra frente do quadro pra falar, nossa te dá um negócio, uma vontade de mijar, dá vontade tudo na mesma hora.

Com todo este universo, movimentos e cores de informações na cena que antecede a performance que tem o nome Noite das Estrelas no filme, Érika e Marcela estão atrás de Preta QueenB Rull[44] diante do espelho, a voz de Érika narra o último trecho acima, dito por Marcela. A construção da imagem têm perspectiva de apresentar a experiência do primeiro show, do compartilhamento da experiência das mais antigas na construção dos conhecimentos que compõe a performance de Preta Queen B Rull, que ganha vida na cena sequente, que desdobra sua performance e nela articula imagens de registros dos shows e arquivos cedidos por Marcela.

[44] *Preta QueenB Rull:* Drag queen de Marcos Carvalho, ator do Filme Noite das Estrelas. Ela é aquela artista que a gente vê e é atravessado pela certeza que vai dominar o mundo.

Figura 15 - Fotografia



Preta QuenB Rull e Marcela na cena do filme Noite das Estrelas descrita à cima.

Além disso, a música cantada pela Preta QueenB Rull foi composta por rimas que apresentavam os nomes das artistas antigas e os lugares onde aconteciam os shows. E também faz uma passagem sonora e rítmica pelos estilos musicais dos eventos aos quais os shows apareceram ligados, como forró junino, samba, pagode, charme funk até chegar ao 150 BPM.

Noite das Estrelas

I love you, I love myself more each day
I love myself more each day
In front of the mirror we forget everything
Focus in the mirror, the mirror it's you
Move the lip's untill you have force to move the voice
Voice of love
In the stops play your hand
She makes cuddle in the movement
Play the gaze to rwstart the act.[45]

[45] Tradução da primeira estrofe: Eu te amo/ Eu me amo a cada dia mais/ Eu me amo a cada dia mais/ Frente ao espelho a gente esquece tudo/ Foca no espelho, o espelho é você/ mexe os lábios até que tenha força pra mover essa voz/ voz do amor/ Nas paradas joga tua mão/ Ela faz carinho no movimento/ Joga o olhar pra começar o ato

QUEEN

Peço licença aos meus ancestrais
Porque agora eu vou falar
Peço licença pro meus ancestrais AGÔ.
Sou Preta Queen.
Sou preta lá
A bixa é abusada
Hoje eu vi falar de amor
No início de tudo
Eu me escondi, mas vendo as travas dos shows
me descobri
Ter vida bandida de artista
meu palco é rua
meu corpo de bixa
Eu acreditei, eu me descobri
como um arco- íris
na Noite das estrelas
pintei

Na festa Junina do Ney,
vai ter muita trava que eu sei
Na noite do Menga dancei
No bate cabelos e batuques,
Meu corpo é feito de truques
Diante espelho o que diz
Pantera chamando as bixas de atriz
Monique chegando pro ato
Na quadra de samba mataram meu Gato
Duda, Fabíola e Marcela Nariz
da Suzana e Duda são aprendiz
Denize feiticeira
Soraya assisti da primeira fileira

No close beleza da Danda ela a mais bonita da Nova Holanda
Luciana bonita do Pinheiro elas arrastam um time inteiro
Batizaram as irmãs Lino como as mais bonitas da Maré
E eu me batizo a mais bela do cabaré

Sérgio Pantera não é diferente
Com o Pantera Gay batendo de frente
Sá e Catita de peito de fora Susana mostrou sua tora
Madame descalça dublando orgulho da raça
a coisa mais bafo no meio da praça
Rubinho de gogoboy
e no catalão só dá nós
Cindy e Dominick do lado
Sambando na cara dos machos
É tanta mulher e viado
Maré explodiu
Parada de Lucas e Grota partiu
Carlota a Pérola negra
de Zezé Mota ela sacudia
Fabíola da Baixa Bege, Buzun
É miss Brasil
Alex e seu marido não fingiram ser amigos
Denise perdeu o vestido da Francine Simpson lá na Corações Unidos
Márcia conhecida como a rata
Pra Jaque ela trouxe uma caixa
Djalma rindo Catita dançando, o povo aplaudiu
Na mesa do Brizolão na primeira vez
que Moranguinho subiu
Derley jurado destaque da quadra do gato
Chiquinho é mais nova no Parque União ela dava o recado
A Lívia nas Plumas arrumando quizumba

Dizendo que a Mauro tava de frescura
Chalote Milu piscando para dar o cu

Gilmara gritando na porta da igreja
parem de nós matar! (que assim seja!)
Valquíria de Oxumarê
ao seus orixás clama a vida com fé
Tudo nessa imagem se misturando

À época boa está aqui
Vem mergulhar em mim
Aqui tem esse mar de gente
Noite de Estrela envolvente
Meu corpo brilha esta luz,
meu corpo queima esta luz,
meu corpo é este mar de gente
Noite das Estrelas envolvente.

Com isso é preciso afirmar nas letras que findam este Grito, o material fonográfico produzido pelas vozes de Érika e Marcela estiram malhas materiais, que matizam nas imagens e narrativas do Filme uma encruzilhada onde a ficção é constituída pela fricção, articulação e cruzamentos. Esse movimento, ao longo do processo de criação do filme, reúne arquivos reais de momentos das memórias dos shows da Noite das Estrelas, seja na fagulha apontada pelos arquivos, nas corpas que narram a memória, ou nas vozes e gestos que dançam em encantamento na explosão combustível para a feitura de um álbum visual LGBTQIA+, o documentário performático Noite das Estrelas.

Figura 16 – Fotografia



Gravação do filme Laís Dantas uma das diretoras de fotografia durante um enquadramento 2021.

Grito: Noite das Estrelas, seus multiversos e ressonâncias

Figura 17 – Fotografia – Autora: Marcia Bellotti, 2013



Foto de Marcia Bellotti da manifestação feita em 2013 no Largo do Machado. Essa mania de manifestar, de insistir na rua como um espaço de mobilização começou cedo e foram muitos. Entre eles, a Rede Maré Jovem[46] e o Bloco se Benze que dá[47]. Foi neles que conheci a Marielle Franco e muita LGBTQIA+ ocupando as ruas assim como fazia a Noite das Estrelas. A Maré é um dos poucos territórios do Rio de Janeiro que tem duas Paradas LGBTQIA+, a primeira vez que beijei um boy nas ruas da Maré foi aos 31 anos. Estamos falando de barreiras invisíveis impostas pelo tráfico, pelas políticas públicas, estrutura política que nos restringe dos nosso afetos ocupar a rua é se espalhar pela imanência da liberdade.

[46] *Rede Maré Jovem:* Rede criada por jovens mareenses sem relação com instituições com intuito de lutar pelos direitos do bairro.

[47] *Bloco Se Benze que dá:* Bloco criado por moradores da Maré com o intuito de reivindicar o direito de ir e vir entre as comunidades.

Este grito toma a Noite das Estrelas a partir das suas repercussões, ecos e ressonâncias, onde a frequência de suas vibrações estabelecem um jogo contínuo de refazimento, de posições ideias, modos, paisagens e eventos a partir da ligação performática estabelecida entre agentes de seu próprio espaço e tempo. Ele nasce da impossibilidade de ordenar a transcomunicação destes retornos existentes nas encruzilhadas da Noite das Estrelas. Nesta crise percebi que, nas encruzilhadas da Noite das estrelas os ecos ocorrem ininterruptamente, habitando o mesmo espaço e tempo ao movimento que gera seu ressoar, dentro do terreno da encruzilhada ou pra fora dela. É que seus movimentos são como marés que não param, são contínuos e infinitos. Já viu viu mar em silêncio? Os ecos das Encruzilhadas da Noite das Estrelas forjam uma constelação de corpas, seres, partículas que torna fracassada a tentativa de fazer caber tal eclosão nos sistemas e padrões acadêmicos.

Radicalizo-me neste intento para que haja sentido no compartilhamento da pesquisa na forma deste grito, também assumo como método estilístico da escrita uma concepção forjada em três experiências de investigação performativa da escrita, sendo elas o *Laboratório de ficção visionária* conduzido por Jota Mombaça; a Oficina *Arte de narrar História* de Caju Bezerra; e a Oficina de Escrita realizada no Grupo de pesquisa Ori[48], conduzida por Ademiel Junior. Em todas elas a palavra é trabalhada junto a uma posição performática, que gera possibilidades de novos nascimentos e transcrições da vida para o texto, além de imbricamentos e reposicionamentos, de se ler, se pensar, comunicar e instituir o conhecimento.

Tomado desse desejo me atiro do precipício que me põe medo e dou asas que me amarram às ideias de Lyra:

> A filiação ao caminho performativo admite que existem experiências e conhecimentos fundamentais que não são compatíveis com uma única forma indutiva de ver e estar no mundo estável e universal, mas que a partir da

[48] Grupo de pesquisa Orí: Grupo de Pesquisa, de Estudos e Pesquisas em Raça, Gênero e Sexualidades, abreviado por Orí é coordenado pela Profa. Drª Fátima Lima, professora associada do Centro Multidisciplinar UFRj-Macaé. O grupo se constituiu a partir da inserção da professora pesquisadora como docente permanente no Programa de Pós Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada PIPGLA que funciona no âmbito da Faculdade de Letras/UFRJ/Fundão (Ver: http://poslaplicada.letras.ufrj.br/pt/o-programa/). No PIPGLA, a professora coordenadora desenvolve atividades de orientação de mestrado e doutorado além de ministrar regularmente cursos de pós-graduação. Faz parte também- na condição de professora credenciada/permanente - do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais que funciona no CEFET/Maracanã - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA onde orienta dissertações de mestrado e oferta regularmente curso de pós-graduação (Ver: http://dippg.cefet-rj.br/pprer/index.php/pt/apresentacao.html) .

> perspectiva autoral e deste campo pessoal em diálogo com contextos de alteridade sempre moventes, a partir da f(r)icção, se estabelecem múltiplas formas de apreensão e desvelamento das histórias, as diversas vozes, explorando a miríade de relações entre elas e provocando um topos fértil fundado no entrelugar. Esta fertilização é justamente gerada pela simultaneamente dos discursos, pelas linhas e as entrelinhas, pelo adjacente e o subjacente, pela cena e pela obscena, fazendo submergir subtextos e margens destampados através das palavras inconclusivas. (Lyra, 2020, p. 11)

Com isso, este grito se apresenta na imaginação de uma festa de onde consegui colher algumas falgulhas de ecos da encruzilhada da Noite das Estrelas. Apresento os poucos materiais que pude identificar neste incurso da pesquisa, que são postos na escrita como convidados de uma festa, emergindo nestas palavras como polifonias das marés, em que estão os convidados, todos juntos num único lugar, de muitas conversas, de muitas danças e descompassos. Nessa festa a encruzilhada da Noite das Estrelas se faz na epiderme da transformação, e nela, vidas que habitaram os antigos shows são evocadas como ecos que costuram memórias do presente. Logo se desdobra em produções do Entidade Maré, das quais a Noite das Estrelas apareceu, e correlacionadas a estas há uma matéria de outro tempo, de quem não fazia os shows e que, assim como eu, foi atravessada pelas forças que vibram as performances e o evento. Agora, tente não ficar em crise de obter uma razão e fique atento a esse vem e vai, porque ele pode te levar a uma imaginação e um contato com os multiversos de repercussões da Noite das Estrelas .

Os convidados foram chegando bem na semana que Lívia Laso e eu começamos a trabalhar numa investigação cênica para colocar em editais e festivais culturais de emergência. Após três encontros virtuais, chegamos à proposta de criar uma performance na qual eu desmontava o processo de construção de algumas personagens que fiz nos espetáculos da Cia Marginal. Logo na primeira personagem se abriu uma encruzilhada de memórias e informações onde a Noite das Estrelas aparecia novamente na minha vida.

— **Livia**: Amor, volta para os arquivos da entrevista de 2005 e se pergunta: o que foi esquecido?

Foi quando, nessa encruzilhada, encontrei a Derley. Lembrei-me de que, por conta da emoção de Maria Poubel ao falar do filho, restringi-me a perguntar apenas das relações dela com a Maré e com a Pombagira na entrevista. Liguei para minha tia Juciara ou Nega,

e ela conseguiu que Fia Poubel[49] e Rosangela Oliveira[50] conversassem comigo pelo whatsapp, possibilitando a inscrição da memória da vida de Derley Poubel no registro do curta Entidade[51].

Após o questionamento de Lívia, lembrei que, por conta da emoção de Maria Poubel[52] – mãe de Derley e uma das entrevistadas – quando ela falava da gata, restringi-me a perguntar apenas das relações de Maria com a Maré e com a Pombagira na entrevista.

É aí que começaram os primeiros movimentos da festa, em meio ao agito pandêmico, isolamento, de nossas casas por meio dos aparelhos tecnológicos e do espaço virtual. Foi por esse meio que ouvimos as campainhas do aplicativo com as vozes que embalavam as memórias e sons, possibilitando a inscrição da memória da vida de Derley Poubel no registro do curta Entidade. O curta tem 5 minutos e propõe o cruzamento de cenas de arquivo do espetáculo "Qual é a nossa cara?" com as memórias de Derley através da intercessão criada pela imagem da Pombagira. Exu se colocando no meio da dança entre realidade e ficção ali juntinhas vasculhando sua existência, Derley apareceu exuberante e junto dele a memória dos antigos shows.

Impactados com a presença inesperada nos demos conta que havíamos voltado no tempo através da inscrição da memória. Uma onda forte que todos presentes sentiram. O ano era 2005. Estávamos no processo de pesquisa do primeiro espetáculo da Cia Marginal, "Qual é a nossa cara?", que teve sua estreia em 2006 na extinta Casa de Cultura

---

[49] *Fia Poubel ou Eli Creia Poubel*- Fia é irmã Derley mulher preta se disse aposentada. Falou pouquíssimo de si estava implicada nas narrativas de seu irmão.

[50] *Rosangela Oliveira*- Amiga e primeira filha de santo de Derley, não nos informou sua profissão durante a entrevista.

[51] O filme nasceu meses antes da criação do Entidade Maré. No entanto, é no seu processo de criação que aparece uma das personagens que saltam dos show da Noite das Estrelas. O filme também é responsável por reunir parte da equipe envolvida com o processo de criação da Noite das Estrelas. Por isso dar nome ao projeto Entidade Maré desenvolvido pelas irmãs Lino. O curta Entidade propõe uma reconstrução afetiva de um processo de desmontagem com foco na sua trajetória e personagens dos espetáculos da Cia Marginal. Wallace Lino encontra com Derley Poubel e com os porquês dos registros e arquivos sobre a Maré não contarem a história da existência dessa lendária figura. O projeto foi contemplado pelo edital "Arte como respiro: Áudio visual", sendo exibido no Festival Arte: Áudio Visual Itaú Cultural (2020), Cine Club tia Nilda[#] (2022), V cine diversidade (2022).

[52] *Maria Poubel*- Mulher negra, moradora da Nova Holanda, chegou na comunidade por volta de 1960, durante a remoção da favela do Esqueleto. Ela participou de múltiplas organizações de moradores pela implementação do sistema de luz, água, saneamento básico e direitos dos moradores da favela.

da Maré, hoje Museu da Maré[53]. O espetáculo foi construído por narrativas colhidas em entrevistas com aproximadamente 40 moradores da Nova Holanda.

Dentre as entrevistadas, fomos recebidos no quintal da casa de Maria Poubel, mãe da Derley. No meio das muitas plantas que ela cuidava naquele espaço, falou da Pombagira de seu filho, mostrando diversas fotos, que serviram para a construção da personagem que eu fazia e que abria o espetáculo. A paisagem de uma das fotos era o registro do terreiro de Derley e de um universo mítico costurado na esquina da rua em que cresci quem não entrava na festa do terreiro ainda assim tinha no seu cotidiano as vibrações dos tambores, dos gritos e com os cantos deste axé.

Derley, também Pai de santo, não fazia as performances dos espetáculos da Noite das Estrelas, mas participava da organização de alguns shows e também atuava enquanto jurado. Além disso, era destaque de diversas escolas de carnaval, o que o possibilitava realizar anualmente performances com características particulares, saindo com as fantasias carnavalescas e desfilando pelas ruas da Maré. A favela participava do desfile – um evento apoteótico para a época.

A fantasia era mais um adereço que preenchia a performance feita por sua corpa. No filme da Noite das Estrelas, este evento do desfile se remonta logo no início, na passarela que as atrizes caminhavam, no chão da laje ao invés do tapete vermelho uma passarela feita de estrelas, espelho do céu estrelado trazendo na textura da fotografia e do universo da noite feita nas Estrelas.

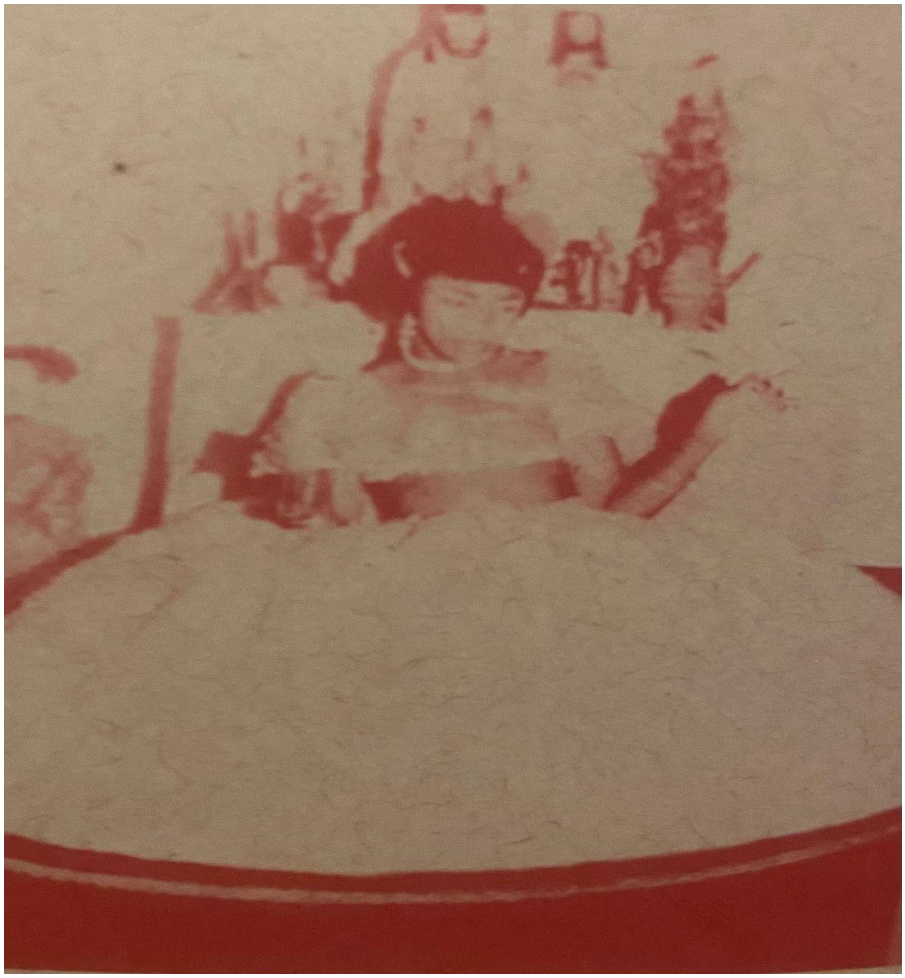
Um dos momentos mais marcantes do encontro com Maria Poubel foi quando ela nos contou como descobriu a morte de seu filho. A voz dela vibrava como a força de muitas marés navegadas.

— **Maria Poubel**: Eu passei na igreja de São Jorge para rezar pelo meu filho que tinha viajado há três dias e não tinha dado notícias. Diante da estátua de São Jorge, eu vi o cavalo piscar... E naquele momento percebi que meu filho estava morto! Foi o cavalo,

[53] Museu da Maré- É um museu social, criado por um grupo de jovens moradores integrantes do CEASM - Centro de Ações Solidárias da Maré, com o objetivo de criar uma auto-representação da favela da Maré, fortalecendo uma imagem positiva da favela, bem como a autoestima de seus moradores. O Museu foi inaugurado em 2006 com a presença do então Ministro da Cultura Gilberto Gil e passou a representar um exemplo de uma nova experiência de museu voltado para a inclusão cultural e social das populações marginalizadas no espaço urbano. http://www.museusdorio.com.br/site/index.php/museus-cidade-do-rio/area-de-planejamento-3/item/88-museu-da-mare - (Acessado em: 18/04/2022)

meu filho, e não o cavaleiro! O cavalo me avisou que meu filho estava morto.

Figura 18 – Fotografia – Arquivo pessoal de Maria Poubel, cedida a Cia Marginal.



Na foto, a Pombagira de Derley.

Figura 19 – Fotografia – João Penoni.



Cena do espetáculo “Qual é a Nossa Cara?”, 2005.

No último dia da temporada do “Qual é a nossa cara?”, Maria foi assistir ao espetáculo. Logo na primeira cena eu estava ali, com figurinos idênticos às roupas da Pombagira de Derley, os gestos da performance criados a partir das posições das fotos que ela me mostrou, cumprimentei-a.

— **Maria Poubel**: Boa noite minha filha, eu estava te esperando.

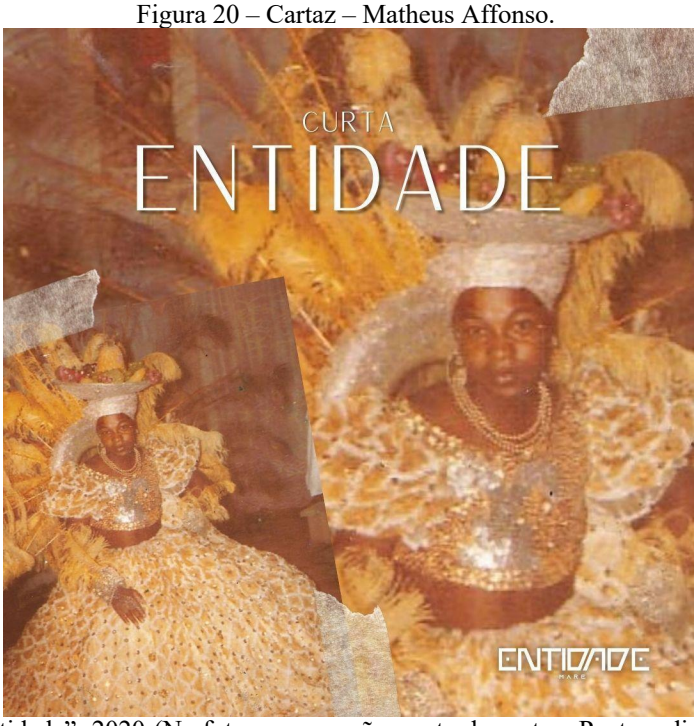
Essa resposta estremeceu a todos. Nesta altura todos na festa nem sabiam dizer onde está ressonância vibrava, era indizível e catártico até que outra convidada tomada pela euforia foi guiando a dança a festa para outros cantos, nos passos espaços que sopravam outras cenas.

— **Marcela**: Teve uma fase da minha vida que eu tive que baixar a cabeça e entrar para fazer santo, quando eu precisei, nessa época, não tinha nada. Cara, quando eu fui entrar eu só tinha a roupa do corpo. A Iyalorixá, Babalorixá que eu conhecia nessa época, eles tudo me ajudaram na minha feitura. E o Menga foi um que me ajudou muito, ele pegou minha lista e me deu quase bem dizer tudo da minha lista. Ele pegou e falou, “olha, eu não vou fazer essa Oyá, mas essa Oyá vai ser feita”. Eu sinto falta deles, entendeu? Porque foram pessoas assim, que interagiu, que fez alguma coisa pra comunidade. O Derley também era até carnavalesco do Mataram meu Gato na época, entendeu? Ele adorava aquilo: pena, brilho, paetê e pluma, e aquilo ali incentivava. As meninas tudo vinha, uma ia na porta da outra, uma ajudava a outra.

— **Rosangela**: Aí tem até uma foto que ele gostava de fazer show. Show pras crianças também, ele gostava. Ele era apresentador, ele era o jurado, ele só nunca fez performas. Performas nunca fez, ele nunca dublou, nunca gostou de dublar. Ele gostava de apresentar, né!? Ele gostava de julgar. A gente arrumava, a gente fazia muito show pros meninos… pros gays, né, na época, dublar, fazer imitação. Aí faziam muita imitação, o.. como é que fala o nome dele? Esqueci o nome dele. Ah, nós fazíamos muita programação. A gente tinha liberdade né. A gente tinha um lugar onde fazer o palco, era patrocinado. Então eles ganhavam flores, eles ganhavam dinheiro, ganhavam bebida. E assim, eu, ele, sempre fazia os shows. E na época que fazia os shows eu fui coroada a madrinha dos gays, na época eu era a rainha dos gays. Na época eu virei a madrinha dos gays porque

eu corria atrás do patrocínio, pra eles fazer uma roupa, pra eles ter um dinheiro, então eu e ele ficava patrocinando. A gente corria atrás, a gente inventava. Os meninos faziam performas né. Eles imitavam vários artistas, principalmente os artistas dos Estados Unido, tinha Ney Matogrosso… ih! Era variadas as imitações, as dublagens eram boas pra carambas, era divertidíssimo. Ele não só fazia pros amigos dele gays, mas faziam também pras crianças, entendeu!? Tem até uma foto que tá eu e ele… e a gente também fez esse show pras crianças. A gente ia pra Vila do João fazer show, a gente ia pra Paty fazer o show patrocinado, a gente procurava patrocínio.

Figura 20 – Cartaz – Matheus Affonso.



Cartaz do curta "Entidade", 2020 (Na foto que compõe a arte do cartaz, Pantera disse que foi tirada na quadra do Gato de Bonsucesso, quando Derley abriu o show como apresentador.)

Pouco tempo depois, Paulo e eu entramos numa dança mais frenética, começamos a encontrar a Noite das Estrelas em outras batidas e criamos o Entidade Maré com os recursos da chamada *Novas Formas de Fazer Arte e Cultura nas Favelas,* de 2020, uma parceria entre o Itaú Cultural e a Redes da Maré. Recebi uma nova notificação no facebook onde a Soraya[54] que é uma travesti da Maré que não participava dos shows, mas

[54] Soraya Maria: Travesti preta retinta que assistia os shows. Em uma edição da Parada LGBTQIA+ da Maré, Soraya aparece de branca de neve. Ela fala que é pra debochar da princesa.

assistia, lançava uma braba na postagem[55] que fez "Aí que saudade dos shows gay na Favela?". Era lançado assim o convite da festa pra quem quisesse chegar. Nos comentários. Muitas vozes que nem conheço mas chegaram pra festa bem animados trazendo ecos, melodias e melancolias em saudosismo nas encruzilhadas dos antigos shows.

— **Érika Ravache**: AI NEGA NEM FALA EU ADORAVA UM CAIXOTE KKK SHOW DA MENGA NOITE DAS ESTRELAS NOSSA TEMPOS BONS QUE NÃO VOLTA MAIS

— **Soraya Maria**: Érika ravache poxa que pena que saudades…

— **Michelly Lessa**: Era tudo

— **Larissa Soares**: Sdd!!!!

— **Ronaldo Matias**: Também gostava muito

— **Soraya Maria**: Ronaldo Matias sim

— **Kathita Gringa**: Só as fortes sabem o que era subir nos caixotes e fazer as performances
kkkk tempos bons ...

— **Soraya Maria**: Kathita Gringa Lucian Brian era tudo kkk

— **Kathita Gringa**: Soraya Maria kkk Felipe Brayan kkk era tudo de bom ainda mas quando fazia as performances de casal ohhh. saudades da PÉROLA NEGRA.

— **Lorani Sabatelly**: Kathita Gringa Joel e Suzana ! A minha cara rsrsrs

[55] Video com a postagem de Soraya. Acesso em 26/01/2023
https://www.instagram.com/tv/CExxfCRHyn9/?igshid=YmMyMTA2M2Y=

— **Patrícia Teixeira**: Aillii Jovelina pérola negra, Danda, Walqui ... nossa viajei no tempo legal

— **Soraya Maria**: Patrícia Teixeira eterna Suzana, Katucha é outras estrelas?

— **Marcio Ribeiro**: Nossa época boa que só quem viu tudo isso sabe como era bom, a comunidade parava pra esperar as estrelas, Valquíria, Suzana, Carlota Duda Vaz Esthefani.

— **Luciana**: Lorrane Sabatela , Dayana woytusque era tudo

— **Lorani Sabatelly**: Marcio Ribeiro poxa!! Que saudades!! Sentíamos. mas abraçadas. Pelas comunidades, passávamos o pessoal perguntava né vai ser o show esse final de semana!! Poxa! Quantas saudades de nossos caixotes e de nossos elencos! Lorani Sabatelly A gente podiamos nos organizar!! que tal.. Deise Rocha Vocês são amigos no Facebook Estudou na instituição de ensino UNISUAM Mora em Rio de Janeiro

— **Deise Rocha**: Boa noite, não sei vc vai lembrar de mim, morava na Rua Flávia Farnese. Eu e minha irmã Sheila, adorávamos VC. Fazia show, dublado Marisa Monte, vestida de Sereia. Saudades, me aceita no face

— **Nildo Guedes**: Lorani Sabatelly São coisas que ninguém esquece né irmã, e foi coincidência pois estávamos falando sobre show de rua mesmo.

— **Lorani Sabatelly**: Nildo Guedes

— **Laura Alves de Viterbo**: Verdade Concordo com as apresentações das divas a vida era bem mais colorida era muito bom confraria das trans.

Atrás das existências dessa e de outras confrarias LGBTQIA+s da Maré é que nasceu o Projeto Entidade Maré. A primeira batida começou com *Experimento 10 anos*

de parada na Maré, uma declaração de amor aos LGBTQIA+ da maré. O Experimento é a produção que inaugura as ações do projeto a partir de recursos da chamada *Novas Formas de Fazer Arte e Cultura nas Favelas 2020*.

As narrativas pesquisadas durante o período de quatro meses foram coletadas a partir de arquivos do Grupo Conexão G[56]— primeira ONG de garantia de direitos humanos LGBTQIA+ em espaços de favela, atuando desde 2006. Através de fotos, vídeos e matérias para imprensa, diversas artistas que participaram da Parada LGBTQIA+ da Maré são apresentadas, por meio de um experimento onde o usuário acessa conteúdos disponíveis em redes sociais, e assiste ao documentário lançado em 2020, durante a décima edição do evento.

Como se pode ver até aqui, os reflexos das encruzilhadas da Noite das Estrelas aparece na sua força nas batidas que articulam as ondas de sua repercussão em muitas vozes, assim como nas que se fizeram presentes na criação das paradas LGBTQIA+ da Maré. Chega ela, então, na festa, toda poderosa – Gilmara Cunha nos dá as primeiras fotos que o Entidade Maré reúne dos antigos shows. Dentro do experimento é apresentado um documentário criado por nós e que traz Gilmara Cunha, ativista e moradora da Maré, primeira travesti negra favelada condecorada em 2015 com a maior honraria do Estado, a medalha Tiradentes, também criadora do Grupo Conexão G e Coordenadora do Centro de Cidadania LGBTQIA+ na Maré.[57]

A presença de Gilmara Cunha é inebriada pela história LGBTQIA+ da Maré e com a própria Noite das Estrelas. Durante sua entrevista nos contou que a criação da Parada LGBTQIA+ da Maré nasceu da busca de trazer de volta a memória da Noite das Estrelas. Ela também mencionou que a Noite das Estrelas apresentava para ela, ainda criança, a possibilidade de uma existência performática de trânsito entre os gêneros.

— **Gilmara Cunha**: Uma cena que muito me marca é que, pequena, eu assisti, né, ela pá pá pá e aí uma delas abaixou e eu vi o saco, aí eu não entendia e eu fico ué, ela tem saco!

[56] *Grupo Conexão G*- O Grupo é a primeira organização da sociedade civil voltada para os direitos humanos e a promoção de saúde LGBTQIA+ em território de favela.Criado em 2006, há 16 anos vem atuando pela minimização das fobias e violências para a população LGBTQIA+ da Maré. Acesso em: 13/05/2022

[57] *Centro de cidadania*- O centro faz parte do *Programa Rio sem Homofobia,* do governo do Estado do Rio de janeiro, foi criado em 2021 e está localizado na Nova Holanda, uma das comunidades da Maré.

Essa memória trazida por Gilmara possibilita vislumbrar as multidimensões de quebra sistemática nas experiências dos shows da Noite das Estrelas, através das corpas das artistas que atuavam na produção material e imaginária da existência de "mulheres com saco", apresentando para aquela criança novas possibilidades de interações e performatividades e existências de gênero. Além de prescrever nas Paradas LGBTQIA+ da Maré a homenagem e a escrita feita pelos shows da Noite das Estrelas na memória de Gilmara Cunha. Nesta ideia a performance preta LGBTQIA+ que se coletiviza e se aprofunda nas articulações e pensamentos, é possível ver um tipo de movimento por meio de onde a performance dos shows que aponta um outro tipo de luz, que nos direciona para as possíveis formas de como vamos existir no futuro.

> 741. A luz negra como outra possibilidade de ler o mundo como conhecemos. A luz negra postulada na forma generativa, um conhecimento que demanda outras ferramentas para ser apreendido. A luminosidade da luz negra revela o que está oculto, transparente em conformidade com a norma. Trazer esse pensamento nos tempos de hoje é um exercício de experimentação sobre o fazer futuro e o mundo; uma experimentação implicada nos rastros para a ancestralidade. (Matiuze, Mombaça apud Ferreira da Silva, 2019, p. 15)

Nessa perseguição dos rastros das ressonâncias para o futuro, Paulo e eu começamos a perceber as ausências das lésbicas e das bis na festa da encruzilhada da Noite das Estrelas. Perguntamos a Marcela, de cantinho, e ela mandou um papo que nos fez tomar a decisão de mudar a rota da dança das encruzilhadas na Noite das Estrelas.

— **Marcela**: As mulheres não faziam shows, não. Tinha umas amigas nossas que andava com a gente, que era do fervo, que o pessal ficava falando "a mulher-viado", que só anda no meio de viado pra cima e pra baixo. Aí a gente escolhia, montava ela pra apresentar o show, ensinava todo truque a elas, entendeu?! Aí elas montava o show, apresentava.

Esse relato dá muito sentido às ideias de Jaqueline quando, no meio a toda falação, dança e felicidade, fala de sua relação com os espaços LGBTQIA+. Quando lançamos o Entidade Maré ela fez uma publicação[58] que dilata a realidade que se faz nestas ausências.
— **Jaqueline**: Os espaços LGBTQIA+s não costumam ser espaços muito acolhedores para mulheres como eu. Nunca vista, nunca desejada, que só ficava com alguém no fim

[58] Publicação de Jaqueline. https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=10207863097610733&substory_index=0&id=1694449991&mibextid=Nif5oz – (Acesso em: 26/01/2023)

da noite. A muito tempo deixei de frequentar esses espaços, incluindo Paradas LGBTQIA+s. Apesar de gostar do clima de festa, sempre odiei o modo como me sentia no dia seguinte: pequena, invisível, feia... O processo de me respeitar e entender que eu não preciso de certos lugares, situações e coisas para me sentir bem nunca termina. Contudo a Maré é o espaço em que eu sempre me senti confortável e sem medo. Tudo na Maré me inebria, me traz felicidade. Lembro que a primeira vez que estive na parada LGBTQIA+ da Maré foi trabalhando. Depois do trabalho fiquei e do início ao fim a alegria que via era intensa. Eu me sentia em um lugar que era feito pra mim, para onde eu olhava eu me enxergava. As pessoas me conheciam... A parada LGBTQIA+ da Maré exala amor! A dança, a festa, a música, as vozes, o cheiro de cerveja, o beijo, a sintonia de vozes, o barulho, o trio elétrico. Naqueles momentos eu me sentia visível e o melhor eu estava visível. A Parada LGBTQIA+ da Maré acontece há 10 anos. Vem sentir o amor transpirar... Vem sentir a nossa visibilidade vibrar [...]

Figura 21– Fotografia – Arquivo pessoal de Jaqueline Andrade.



Na foto Jaqueline e Caju Bezerra em 2013 – ano das manifestações – participei de um *beijaço*[59] no Largo do Machado. Os membros da igreja católica saíram do templo e começaram a formar uma roda. Rezavam contra nossa presença demoníaca na praça. A manifestação foi para a porta da igreja e, posteriormente, se juntou a outras manifestações que caminharam até o palácio Guanabara. Uma patrulha da polícia parou bem atrás de nós. Jaqueline e Caju, Iury de Carvalho e eu nos beijamos, cada um a seu casal, um pegação

[59] *Beijaço*- Manifestação política que geralmente ocorre em manifestações de questionamento ao Estado por algum tipo de ação de restrições ao gênero e às sexualidades.

lésbica e bixa sentados no carro da polícia. A polícia recuou, gritamos muito naquele dia, éramos imbatíveis. Fomos muito felizes no que aconteceu, botamos a polícia pra correr aos beijos.

E a gente vai traçando, passinho por passinho, ampliando o número de corpas da festa desta encruzilhada da Noite das Estrelas, com elas juntas. Lembro que, na sala de roteiro propusemos que suas cenas fossem a ressaca, tendo as três mulheres alí, sobre a ideia de outro amanhecer, um amanhecer que a festa continua com cerveja, banho de mangueira na laje, onde as memórias dos shows vibram junto com o dourado-preto de suas peles.

Este movimento que vem e vai das encruzilhadas da Noite das Estrelas segue embalando as corpas em suas vibrações e chega em outra reverberação desta festa. Na escolha de compartilhar parte do processo dos ensaios da criação do filme Noite das Estrelas nas nossas redes sociais, como uma forma de divulgação do trabalho, aproximou-se do interesse de outras instituições. O *Grupo Pantera*[60], foi convidado para participar da *Mostra SESC Regional de Artes Cênicas Zona Norte*[61], em 2021. Apenas um integrante não estava envolvido com o processo da Noite das Estrelas. Com isso, integrantes do grupo entraram em consenso de exibir na Mostra parte do processo de audiovisual em construção, firmando então a parceria do Grupo Pantera. Na proposta de fazer uma abertura de processo das cenas que estavam em processo de construção para o filme Noite das Estrelas, o SESC não topou, exigindo uma obra pronta e inédita.

Com isso, Paulo e eu estruturamos algumas das performances já trabalhadas com as artistas e estruturamos um roteiro. A produção resultou na criação da Noite das Panteras, um documentário performático na qual as artistas articulavam o amor às suas corpas como dispositivos centrais das suas performances, vinculando em suas performances as narrativas dos antigos shows. A Mostra contava também com a orientação de algum profissional da área artística durante um mês para auxiliar na

[60] Grupo Pantera: É um coletivo de jovens artistas LGBTQIA+ moradores do conjunto de favelas da Maré, Zona Norte do Rio de Janeiro. O coletivo nasce de um laboratório teatral desenvolvido em 2016 pelo ator e ativista Gabriel Horsth. A parceria entre o Centro de Teatro do Oprimido e o Grupo Conexão G de Cidadania LGBTQIA+ de Favelas deu origem ao Laboratório LGBTQIA+ de Teatro do Oprimido, o espaço utilizava o Teatro do Oprimido e outras metodologias teatrais para desenvolver alternativas criativas frente a situações de opressão que atravessam a população LGBTQIA+ moradoras de favelas da cidade do Rio de Janeiro.

[61] https://www.sescrio.org.br/programacao/artes-cenicas/mostras-regionais-de-artes-cenicas-2021-zona-norte-noite-das-Marcelas/ - (Acesso em: 13/05/2022)

construção do trabalho. Convidamos o ator, diretor e coreógrafo Kleber Lourenço[62], que acompanhou todo nosso processo de execução no formato online.

Tínhamos acabado de firmar uma parceria com o *Conexão Saúde*[63] para a realização dos testes de Covid-19, o que possibilitou o primeiro encontro presencial dos ensaios, sendo gravado neste único dia. No filme de 19min e 47seg as performances se desenrolam como homenagem aos Shows. O documentário estreou no dia 23 de Junho no canal do Sesc Rio, ficando em exibição durante um mês. Além da Mostra Regional SESC Zona Norte 2021, o filme foi exibido na abertura do Terreiro contemporâneo[64] em 2022, no Manifesting Black Queer Futures Séries [65] 2022 e da Mostra Ifé Amor sem Fronteiras[66], em 2022.

A festa virou um alvoroço no dia da Gravação do documentário *Noite das Panteras* o camarim para das artistas foi montado na casa de Paulo e Matheus[67] e ficava

---

[62] *Kleber Lourenço*- É uma bixa preta, ator, bailarino, coreógrafo, encenador, arte-educador e pesquisador em artes da cena. Doutorando em Artes pelo PPGArtes da UERJ, bolsista CAPES e Mestre em Artes pela UNESP, encenador na Capulanas Cia de Arte Negra e diretor artístico do Visível Núcleo de Criação. Integra o grupo de pesquisa MOTIM – Mito, Rito e Cartografias Femininas na Arte (CNPq/UERJ) e a Descentradxs – Red Descentrar la Investigación em Danza. Seus trabalhos concentram-se nas linguagens da dança e do teatro atuando nas áreas de coreografia, encenação e formação pedagógica.

[63] *Conexão Saúde*- O projeto, pioneiro em favelas e periferias brasileiras, se baseia em ações de Testagem em massa, Telessaúde, apoio para Isolamento Domiciliar Seguro e Comunicação voltada para moradores. Estratégias que envolvem as unidades de saúde e organizações do território (como ONGs e associações de moradores) e a produção de dados sobre a pandemia na Maré e em Manguinhos completam as ações. Parceria entre Redes da Maré, Conselho Comunitário de Manguinhos, Dados do Bem, SAS Brasil, Fiocruz e União Rio, o Conexão Saúde vem apresentando resultados relevantes no combate à Covid-19 nestes territórios. https://www.redesdamare.org.br/conexaosaude/ - (Acesso em: 13/05/ 2022)

[64] *Terreiro Contemporaneo*- Fundado pelo bailarino e coreógrafo Rubens Barbot e o coreógrafo e diretor Gatto Larsen, criadores da 'Cia Rubens Barbot', primeira companhia de dança negra contemporanêa do Brasi,l que conta com 25 anos de carreira, o centro cultural funciona visando acolher, lapidar talentos negros por meio da arte e manter o legado negro na cidade. https://www.facebook.com/terreirocontemporaneo/ - (Acesso em: 13/05/2022)

[65] *Manifesting Black Queer Futures Séries*- O evento foi realizado pelo Amherst College. É o primeiro de uma série de eventos ao longo do semestre da primavera, explorando a vida e os futuros queer negros, apresentando pesquisa, ativismo e arte nos estudos da diáspora negra queer. A série, emergindo de um Seminário de Pesquisa da CHI, considera as possibilidades de negritude e estranheza em meio ao nosso 'ressurgimento' do COVID-19 e nossa navegação contínua de culturas de turbulência e desigualdades. Acesso em: 13/05/ 2022

[66] *Mostra Ifé Amor sem Fronteiras*- É uma Mostra de cinema online e gratuita que reúne obras audiovisuais produzidas por realizadores ou coletivos negres e indígenas de diversos estados do Brasil. https://mostraife.com.br/ - (Acesso em: 13/ 05/ 2022)

[67] *Matheus Affonso*- Pesquisador, fotografo, designer gráfico, videomaker, Artista multilinguagem, ativista LGBTQIA+ e produtor cultural, é técnico em Comunicação visual pelo SENAI-Maracanã. Atuou como professor de Designer Gráfico e Fotografia do Instituto Vida Real e de teatro na Escola Municipal Bahia e na Lona Cultural Hebert Vianna na Maré. É co-fundador e integrante do Grupo Atiro, FAVELAMONA, Projeto Eeer e do Grupo Marcela de Teatro do Oprimido. Já expos seus trabalhos na Mostra Transcendências do Galpão Bela Maré, no Museu do Amanhã em parceria com a ONU Brasil e Imagens do Povo, e produziu a 10° PARADA LGBTQIA+ da Maré em parceria com o Grupo Conexão G onde lançou o projeto Entidade Maré.

a muitas quadras da casa de Vitor[68]. Uma das cenas do roteiro era prevista para ser gravada na rua O, e no fim dela rumamos para a casa da gay. O deslocamento gerou um burburinho por onde a gente passava. As pessoas queriam saber onde era o show, gravação, a festa.

Tem uma coisa que é importante, um detalhe que não pode ser esquecido, é que ao pensar no passado, observamos que a Noite das Estrelas começa dançando a festa junina do Ney, no convívio de LGBTQIA+ lá, como convivemos hoje, aqui. Uma performance natural que vai se dando à medida que vai chegando gente pra ver, aquela multidão de gente. E a partir disso, elas se expandem. O tráfico da década de 1980, na figura do Jorge Negão, vê isso, começa a convidá-las. – Lembro que, durante a pesquisa, fomos orientados por uma liderança da Maré a não contar que os traficantes financiavam os shows, para que a imagem das travestis não fosse marginalizada. Mas, logo após, pensei: quando na história essas corpas precisaram de motivos para estabelerem sobre elas, as lógicas brutais que as marginalizam? – Os shows que aconteciam na década de 1980, um atravessamento a múltiplos espaços, múltiplas experiências. A respeito disso, Jota Mombaça diz:

> Espancamentos públicos, omissão médica, espetacularização das mortes, naturalização da extinção social, genocídios, processos de exclusão e violência sistêmica formam parte da vida diária de muitas pessoas trans*, assim como sapatonas, bichas e outras corpas dissidentes sexuais e desobedientes de gênero, especialmente as racializadas e empobrecidas. Todas essas formas de violência e brutalização são de fato parte de um design global, que visa definir o que significa ser violento, quem tem o poder para sê-lo, e contra que tipos de corpos a violência pode ser exercida sem prejuízo à normalidade social. No marco desse design global, a violência é gerida para ser mortal para muitos e lucrativa e/ou prazerosa para uns poucos. No marco desse design global, a violência cumpre um programa e opera em favor de um projeto de poder anexado a heteronormatividade, cissupremacia, neocolonialismo, racismo, sexismo e supremacia branca como regimes de exceção (Mombaça, 2016, p. 9).

Com isso, a Noite das Estrelas se faz e refaz como uma espécie ruptura da normalidade, por meio da qual circulam conspirações que conjuram esta dinâmica apresentada por Mombaça. Pois, saber que em 1980 a comunidade LGBTQIA+ da Maré estava lotando as ruas com shows e remuneradas, nos soa surreal ou impossível aos dias

[68] *Vitor Felix:* Doutorando em Estudos Literários Neolatinos pela UFRJ, Artista visual independente, Educador popular na Redes da Maré, escritor, dono da casa onde filme *Noite das Panteras* foi gravado e um dos revisores deste texto. É dela também a festa que vai ser gravada uma performance entre as convidadas que vamos usar como referência da performance da música "Manifesto" do filme Noite das Estrelas.

de hoje. Recentemente teve um baile da Penha, Baile da Gaiola com uma edição LGBTQIA+, apesar de ser um único dia exclusivo de uma festa que acontece semanalmente, o evento soou como uma conquista para as comunidades LGBTQIA+ de favelas. A repercussão do evento não inaugura este feito apenas no baile da Penha. É isso, o baile[69] funk com a Furacão 2000 que aconteceu junto a Noite das Estrelas é imaginável que se tenha feito.

— **Marcela**: Aí foi a Furacão 2000 mesmo, gato. Jorge Negão botou a Furacão 2000 na Texeira Ribeiro com a Noite das Estrelas. Um palco luxuoso com aqueles negócios com fogos, jogo de luzes, fumaça, tinha uns babado assim que saía, tipo de estrelinha, aqueles chuveirão. Aí todas faziam o show ali, depois íamos pra rua dele, quando ele não arrumava uma sala no Brizolão, era ali mesmo na rua dele, onde a irmã dele mora, aí ali era o nosso fervo. Era aquele mesão com tudo, com bebida, comida, droga, e ali tu se fazia.

De repente após esse batidão todo todas da festa se olharam e perceberam que aquilo se tratava de uma experiência ou de algo muito profundo, para além das nossas histórias, de tudo o que estamos tentando estruturar e reivindicar, estabelecer. A gente ainda não dimensiona o que é, porque somos um outro momento da Noite das Estrelas. Todos entendem que estamos embriagados de um movimento inesquecível. De repente as travestis antigas começam a criticar as paradas LGBTQIA+. Mas é doido que em todos os shows das Paradas, elas estão lá. Tem um conservadorismo geracional de que aquilo virou festa, mas, aquilo já era festa quando elas estavam fazendo. Eu fico pensando em como esse lugar da festa faz sentido frente ao apagamento cotidiano na nossa vivência, resolvo ir pra casa com a sensação de que a Noite das Estrelas tem essa relação cultural, um movimento imprescindível e acionador de tecnologia cultural e artística se renovando, assim como a oralidade. Estamos tocando nesses aspectos cosmopoéticos que as ancestralidades se atrelam às dinâmicas nas culturas africanas. Então essas histórias vão se cruzando, formando outros aspectos e visões dos antigos shows. A Noite das Estrelas está aqui, esteve e sempre estará de diversas formas… A história do movimento

[69] Materia sobre o baile da Gaiola: https://www.vice.com/pt/article/pa77n7/a-primeira-parada-LGBTQIA+-no-baile-da-gaiola-foi-um-sonho-trailer – (Acesso em 28/01/ 2023)

LGBTQIA+ no mundo se inicia na década de 1950, e em 80, numa favela da Maré, a gente tem a Noite das Estrelas pleiteando a corpa LGBTQIA+ viva no espaço público.

Figura 22– Fotografia – Arquivo do Conexão G.



Na foto, Moranguinho na Quadra do Brizolão. Ano desconhecido.

A "Noite das Estrelas" é paisagem de um multiverso revolucionário, entornos e contornos que colocam humanos e não humanos em diálogo com construções de outras realidades. Até chegar a Noite das Estrelas, em que essas pessoas estão nesse lugar e, de repente, nós também estamos, mas vivendo de um jeito muito diferente. Porque eu via os shows, nós éramos crianças vendo aqueles shows acontecendo. E aí a gente se encontra na Noite das Estrelas, nessa ideia de criar esse filme como um álbum visual LGBTQIA+ preto e favelado que fala sobre esse grande evento da Noite das Estrelas. Que eram essas pessoas todas. Que montava palco em cima de mesa, de caixote, e tinha show, dublagem, lip sync, figurino, peruca, tinha tudo. E era muito intenso, e era o tempo inteiro. E isso se expandiu pela Maré inteira e extrapolou a Maré, indo para outros lugares, outros espaços. E como que a gente, nesse lugar aqui, hoje, está criando novas policromias da Noite das

Estrelas. E isso é bonito, conviver com imaginação das pessoas que estavam lá, vivendo aquele momento, se conectam com a gente, com esse novo coletivo que está revivendo essa história na dimensão pluriversal, à revelia da morte social e epistêmica ao constante estado de violência e morte a qual a população preta, indígena, LGBTQIA+, favelada, vive. É um torno de experiências alargadas para uma noção de viver, num diálogo que perfura e pode ser visto para além do perigo. Viver um impossível é viver um sonho insujeito.

Figura 23– Fotografia – Matheus Affonso, 2021.



Na foto, Dominick di Calafrio, Jaqueline Andrade e Livia Laso na gravação do filme, na Nova Holanda, 2021.

Grito: matando Caim e Abel

Figura 24 – Fotografia – Arquivo pessoal.



Eu e Paulo Victor Lino na estreia do filme, na 14ª edição do Festival Internacional de Cinema Negro Zózimo Bulbul. 2021.

Este grito, antes de tudo, é uma declaração de amor às irmandades e às possibilidades da criação poética das fugas existentes nos emaranhados dessas conexões. O nascimento deste grito está enleado na relação com minha irmã Paulo Victor Lino na criação do projeto de Filme Noite das Estrelas. A irmandade é abordada na costura das narrativas das mulheres da minha família, do próprio nascimento dos shows da Noite das Estrelas, de pensamentos de intelectuais como fluxos de sustento, produção, consolidação da criação, nos processos de captação de recursos para a produção do filme Noite das Estrelas. Além disso, o capítulo persegue uma ação performática que coloca a irmandade como um dos elementos e elo afetivo que materializa na fuga, a junta que funda sonhos, vinga a morte e mata o homem existente nas epistemes sistemáticas brasileiras.

Durante um momento obsclaro[70] da adolescência, minha mãe, que é evangélica até hoje, usava trechos da bíblia para orientar a educação e valores estabelecidos nas relações de lá de casa. Havia uma história que ela amava repetir quando Paulo e eu brigávamos. A história de Caim e Abel apresenta dois irmãos, filhos de Adão e Eva, os que vão protagonizar o primeiro homicídio registrado na bíblia. Abel era pastor de ovelha e Caim agricultor. A história é encontrada no capítulo quatro do livro de Gênesis e conta que, ao oferecerem suas oferendas para God, Deus se agradou da oferenda de Abel, o que deixou Caim doida do cu dela matando, então, seu irmão. Como castigo, foi amaldiçoado e marcado junto com suas gerações pelo feito.

O livro de Gênesis é composto por 50 capítulos que vão narrar a criação do mundo e o povoamento da terra, as relações históricas ocidentais e contemporâneas vão estabelecer uma leitura dos mitos ali descritos a partir de uma perspectiva histórica. O mito é visto a partir de uma relação laboral sobre os pensamentos (que os torna fatos de uma lógica monoteísta), na qual Deus é a divindade única, exclusiva, que rege e determina as relações terrenas. Gênesis faz parte dos livros pentateucos ou livros da lei, sendo eles cinco livros. Neles, a morte e a brutalidade compõem as narrativas das relações desse povoamento que assenta a ideia teocêntrica na existência do homem, ou seja, da relação sistematizada entre o binarismo que perfila padrões impostos às relações dimensionais de gênero, raça e território.

No início do artigo "Discursos racializados e epistemologia étnicas", Billings (2010) vai apresentar duas perspectivas epistemológicas. Nessa relação, ela ilustra as visões posicionadas a partir de seus princípios estruturantes. A Euroamericana é uma das visões citadas e, segundo Billings, possui em sua espinha dorsal as noções de conhecimento que estão ancoradas na ideia de que a mente individual é estabelecida como fonte da existência. Já na outra visão, que aborda uma noção de conhecimento a partir das relações Africanas, a construção de conhecimento e existência está constituída na relação com o outro, "[...] onde o ditado africano 'Ubuntu', traduzido para 'existo porque nós existimos' afirma que a existência (e o conhecimento) do indivíduo é dependente das relações com os outros (Billings, 2010, p. 259)".

[70] *Obscuro*- Neologismo do termo obscuro que inventei para me referir um momento que estava ligado a uma instituição religiosa famigerada pela brancura.

Com a popularização das produções epistêmicas negras, alguns conceitos têm sido esvaziados de suas gêneses e sentidos, servindo de moedas mercantil para aprisionamentos das experiências negras, nas quais o "Ubuntu" passa a ser articulado como uma espécie de expressão utilitarista, na criação de heróis, num desespero desenfreado que tornam a relação com o outro *lobbies* de vivências: o existo porque você existe é catapulta para o sucesso de um. Assim, a essência de formação dos quilombos é transformada em dispositivos de apropriação e roubo de ideias, exploração e submissão da existência alheia se instalam.

> Possivelmente, se um africano fosse chamado a explicar a palavra, ele não ia explicá-la sob os mesmos termos nossos, contaminados por uma formação europeia, também, por filosofia grega. Mas, quando se diz *ubuntu,* o homem estando junto aos outros, nós estamos também junto aos europeus. Não existe essa história de um território poder se abstrair do resto do mundo e encontrar forças apenas em si mesmo para existir. Nós estamos juntos: junto aos vizinhos, junto aos condôminos, junto aos habitantes da cidade aos estrangeiros também, aqueles estrangeiros que não querem nos destruir. Então, *ubuntu*, portanto e a ética são o imperativo de responsabilidade que cada um de nós tem para com todos os outros. Nós somos responsáveis por nós mesmos e por todos os outros. (Sodré apud Souza, 2021, p. 9)

Esse lugar ético onde olhar pros outros é um dos fatores e elemento designante (e fundante) das irmandades alimentadas pelo ubuntu, ao ponto em que matar Caim e Abel, só é possível a partir de uma percepção com o mundo na qual o outro te afeta. O fator diferença é reconhecido através da relação de inclusão do outro. Uma inclusão que não está atrelada a retornos ou ganhos de uma relação, mas articulado pela percepção social de indivíduo enquanto elemento transparente de uma dinâmica social, que não está encerrada em si ou numa visão de mundo constitutivo da solidão. No ubuntu não é possível viver só e consequentemente não se mata o outro, irmão ou quem quer que seja.

Com isso, não pretendo dissertar sobre o mito da narrativa de Caim e Abel, ou o impacto dele nesta pesquisa, pois não me interesso pela morte, nem por relações entre irmãos e a família a quem ela seduz. Aqui, a irmandade almejada tem como fonte nascente o ubuntu, formado das juntas que se tramam e fogem da morte. Essa irmandade que é impulso tecnológico da fuga nos sonhos da libertação.

Minha mãe é uma exímia contadora de história e, antes de ser evangélica, ela me contava muitas sobre seu passado. Ela dizia que os mais velhos tinham muita dificuldade de contar suas experiências por causa da vida sofrida. Por isso, só é possível pensar na

nossa família e árvore genealógica a partir das minhas avós. Que o pouco que sabia sobre sua família, era a vinda de minha avó, sua mãe, Waldemira – Biruca ou Dodo para os mais íntimos, junto com sua irmã, Celina, vieram do Recife em busca de uma vida melhor. Minha tia Nega me disse estes dias enquanto eu lia minha dissertação pra ela que eu só tô pesquisando a Noite das Estrelas porque Dodo era viciada nos shows, era só falar pra ela que ia correndo pra ver. Minha mãe mora até hoje na casa em que nasceu, outra coisa que eu ouvia muito dela é que antigamente as parteiras eram figuras muito importantes na Maré, já que o deslocamento e acesso às redes de saúde eram complexos, por isso, elas eram irmãs constitutivas para as mulheres de favela. Muitas histórias que anelam existência e resistência histórica da Maré, mas isso era "antes do passado dela ficar para trás"[71]. Hoje, a cada três palavras, duas tem Jesus no meio, mas tem uma que durante a escrita da minha monografia, ela me recordou para narrar a Maré:

— **Katia**: A favela não é feita só de histórias ruins, o problema é que as boas ninguém conta. Eu mesma já vivi muitas coisas bonitas... Eu lembro que Nega e Dila eram minhas vizinhas. Numa obra, o padrasto delas fez um buraco na parede do banheiro que dava pra minha casa. Na casa delas, a alimentação tinha muitos legumes e verduras, na minha tinha muita carne. A gente complementava a alimentação uma da outra pelo buraco do banheiro. Com o tempo, a gente era da mesma família. Minha mãe se tornou tia delas e a mãe delas se tornou a nossa tia. Hoje elas são suas tias: Zanha, minha irmã de sangue, e eu somos tias dos filhos delas. Essas histórias de amor e família ninguém conta sobre a favela.

[71] Expressão utilizada por evangélicos para se referir a conversão, nascer de novo é esquecer o passado.

Figura 25- Fotografia- Arquivo pessoal de Nega.



Na fileira de trás: Pinduca, Dila, Katia, Nega. Na fileira da frente Marcia e Carlinhos. Ano desconhecido.

Essa imagem do alimento atravessado pelo buraco é materialização do sustento elaborado nas estratégias das irmandades, que forja, não só o cotidiano de minha mãe e minhas tias, mas percorre relações de todas as histórias das comunidades da Maré. Essa junção de atrevimento amalgamado a vivência. Com isso, tomo o conceito de atrevivência, de Ademiel Junior para propor a corpa em eco das reelaborações do deslocamento do domínio da morte prescrito nos cotidianos para mulheres pretas faveladas. Esse atrevimento em viver, mesmo sob a ronda ininterrupta da morte supervisionada pelo racismo do Estado, encontra fissuras ou buracos passíveis da ação do gesto da coletividade das que decidem viver:

> [...] Exercícios de atrevivência, conforme os experimento aqui são vocalidades que escorrem do corpa, não somente pela dicção: aposto nas composições de gestos e performances que se afinam desde os encontros coletivos destas vozes pretas na diáspora que, juntas, escorrem poéticas e políticas, como atos de deslocamento e reexistências. (Junior, 2021, p.23)

Esta performance que traça responsabilidades para existência a partir de uma ética de vida, que só se faz com o outro, é a força propulsora das relações que fundam os shows da Noite das Estrelas, como dito anteriormente. As corpas encontram nas expressões culturais da Maré os buracos para atravessarem as paredes das casas e estabelecerem seus e gestos, closes e dublagens nas ruas e becos da Maré. O rompimento

de uma bolsa atlântica, negra, LGBTQIA+ favelada, um parto humanizado feito por irmãs.

Em maio de 2020, o isolamento social marca a profundidade das relações coloniais escritas no contemporâneo. Com os cancelamentos dos trabalhos artísticos sob os efeitos da pandemia, as áreas das artes sofreram o impacto desta realidade, do abandono econômico, da incapacidade gestora e governamental em sua posição genocida, no qual o capital se mantém como precursor e protagonista do idealismo nacionalista brasileiro, para o qual morrer é movimento do lucro.

> Essa intersecção de fatos que produzem a manutenção de um sistema de exclusão estrutural que, na pandemia, reforçou seus tentáculos de opressão e/ou eliminação, na verdade, revela algo historicamente perverso e sobre o qual é preciso adequadamente nomear. Trata-se de uma política racial que investe no gênero, e vice-versa, seus contornos do horror fazendo do racismo genderizado uma política singular, estrategicamente reiterada por um conjunto de racionalidades no cerne mesmo da política do brutalismo. (Silva apud Mbembe, 2021, p. 4)

Neste período fui passar uns dias na casa da minha irmã, Paulo Victor Lino, a bixa mais marrenta da Maré. Lá traçamos uma nova rota para escapar desta realidade. Passamos dias conversando sobre como a morte era um desenho arquitetado nas conspirações coloniais e contemporâneas para as corpas LGBTQIA+ negras faveladas. Em um país onde o racismo, a LGBTQIA+fobia, as políticas públicas para a cultura ainda não são estruturadas, as rasuras das nossas existências nas pesquisas, nos CENSOs, escritos e documentos da memória de construção e formação da Maré são apenas somas e materiais do pacto social que nos mata. As não audiências não são frutos do acaso: é o traço fundador da colonização, que persiste no contemporâneo comprometida em nos desmaterializar.

Essa ideia escapar está constituído em nossas veias, pois a fuga é o que permite a projeção de novos quilombos, na semeadura de outros mundos, é assim que o projeto continua produzindo outras obras que, consequentemente, vai agregando outras narrativas, composições e registros e alguns segredos que envolvem os processos que atravessam esta pesquisa dos shows da Noite das Estrelas. Mas também de escrever nesta narrativa meu amor por minha irmã e outras que tramam comigo os golpes na normatividade criando milhares de imagens de nós vivas que não param mais de passar. O amor de irmãs lançado no infinito do amanhã para o tempo que faz curva.

Fugimos em bonde,[72] contando com colaboradores moradoras, artistas, pesquisadoras, comunicadoras, técnicas das tecnologias e informática para criar o Entidade Maré através das cojecturações que tecem as metodologias e etapas de criação do filme estão articuladas no trabalho continuado e como expansão do projeto. Sobre a fuga Dénetem Touam Bona vai discorrer:

> A fuga não é transgressão ilusória em direção a um fora transcendente, mas na secreção de uma versão subterrânea — clandestina e herética — da realidade. Pois construir uma fuga não significa ser posto para correr. Pelo contrário, é fazer o real escapar, operar nele variações sem fim para contornar qualquer tentativa de captura. (BONA, 2020, p. 47)

Esta mesma dimensão da fuga pode ser permeada pela irmandade da relação existente entre Ney e suas amigas permite que as performances dos shows encontrassem audiência de novas parcerias, em múltiplos formatos e estéticas. A Noite das Estrelas não se estabeleceu como atividade exclusiva das ações performáticas das LGBTQIA+ da Maré, pois eram realizados inúmeros shows e eventos como Noite das Panteras, Pantera Gay, Concursos de beleza e etc, nos quais as performances LGBTQIA+ estão no coração dos eventos, através de estratégias das coletividades negras como forças empoderadoras e revolucionárias.

Ser revolucionário é existir. Existir como LGBTQIA+ nesse território é rebeldia descarada. Não é uma existência simplória, é radical. Eu fiquei lembrando como Beatriz Nascimento traça uma relação do Atlântico, de como ela constrói nossas experiências. E em algum momento do filme Ôrí ela começa a traçar a fuga. De como "a fuga é o primeiro movimento de um homem que não quer ser dominado"(1989). E na fuga está o desconhecido instigante da subjetividade de alguém que não quer deixar de sonhar.

Uma fuga é violenta, não é tranquila, se você for pego você morre, mas, ainda assim, é um querer alcançar o imaterial. São experiências distintas para cada um, não tem um modo único. Quando a gente retoma essa experiência coletiva, permitimos aterrar a diferença como um pilar da relação e pensamento que evocam vida interligada a possibilidade de ampliação dos estabelecimentos e rastros do afeto. Este legado das experiências pretas torna a *Noite das Estrelas* uma explosão de amor que estilhaçam e debocham a normatividade. É um parar do tempo fruto do movimento feito por muitas

[72] *Bonde*- Gíria de favela para se referir a grupo, pessoas que andam juntas.

mãos, mãos carnais e invisíveis, antes das invenções da escrita, do poder, da modernidade, da corpa servir como capital. Antes que as diferenças fossem reduzidas a imagens únicas de viver numa contínua costura de ideias e mundos ao longo dos tempos. Na tessitura habitada no dia a dia, nos sonhos, estrelas e do se fazer junto, pois estão vivas nas fugas que ubuntu possibilita ser feito nos movimentos de irmãs uma magia negra que nos abriga nos planos e fugas onde a pretitude não para de amar pra renascer. Pois

> “531. O Plenum se precipita pelas brechas do mundo como conhecemos. A pretitude é uma brecha. Uma brecha é um portal e todo portal depende de um campo de força. Se a modernidade é um regime de constrição telepática, a performance preta (criadora de portais e campos de força) é uma rebelião contra esse limite.(Mombaça e Musa apud Ferreira da Silva, 2021, p. 17)

Figura 26– Fotografia – Arquivo pessoal.



Tia Dila e Kátia, minha mãe, grávida do Paulo Victor enquanto conversavam na rua 4, Nova Holanda. Ano de 1994.

Grito: Luzes, closes, câmera e as perfurações das artes insujeitas

Esse grito nasceu das muitas conversas, questionamentos, convívios, trocas coletivas, íntimas e profundas com artistas favelados e periféricos, nos liames das discussões entre ser artista, que reside em corpas e territórios historicamente ditos e vistos como "marginalizados". O modo de pensar que articula a existência das margens, também articula a existência de uma ideia de centro. Desde a margem traço neste grito uma contra resposta à violência material, não como centro mas como encruzilhadas: "mas já não escrevo para despertar a empatia de quem nos mata" (Mombaça, 2021, p.13).

Faço aqui um compartilhamento perigoso ao apresentar uma espécie de dossiê da raiva. Pois, tô ligada que "A raiva é útil para ajudar a entender nossas diferenças, mas é uma força cega, não pode criar futuros" (Lorde, 2019, p. 92). Para não deixar que esse sentido se sobreponha aos escritos da encruzilhada da *Noite das Estrelas,* apresento manobras de algumas produções que participei, tentando traçar na minha experiência artística alguns rompimentos com as repetições normativas das artes e seus espaços institucionais que nos põe em constante exclusão e submissão.

As manobras atravessam a narrativa, construções e modos de produção da Noite das Estrelas, que servem de composição de uma cultura subterrânea às malhas que forjam a Maré, a fim de criar uma rede de intersecção entre as performances e as possibilidades que inventam imagens, palavras e perguntas que saltam, na tentativa de continuar seguindo a pergunta, "Quem forja as artistas e artes insujeitas?".

Como já foi dito, tomo por insujeitas existências pretas, indígenas, LGBTQIA+ e faveladas, descartadas pelo dia a dia, historicamente. Estas, que seguem no fluxo perfurante os ódios às suas existências. Nessa escrita apresento partículas, fragmentos, cores para narrativas que não existem nos arquivos que contam a memória da Maré. É um tipo de pista para uma consciência que habita no feito impossível, a desobediência do poder. Para isso, abordo alguns closes da minha própria formação e trajetória na Cia Marginal, no Grupo Atiro e Entidade Maré, brechas abertas por artistas pretas, indígenas, LGBTQIA+ faveladas, os que escritos não podem ser vistos como sujeitos, pois carregam em si uma herança imposta por uma dívida impagável.

Aqui, a escrita vai continuar descompassada, com sua própria linearidade e inspirada no tempo espiralar, no qual memória e tempo se espelham, e, ainda, na escrevivência, na ideia de que a "[...]esperança, continuam fermentando o pão nosso de cada dia. E quando a dor vem encostar-se a nós, enquanto um olho chora, o outro espia o tempo procurando a solução" (Evaristo, 2018, p. 123). Ali, onde muitas vozes se co-fundem e atravessam o texto pelas relações estabelecidas nas articulações e negociações, processos, metodologias e procedimentos construídos da fazedura desses profissionais da arte. Desse modo, o manejo de viver em subversão, se desdobra também na criação do filme entre dívida em suas vivências e os fluxos múltiplos, que tornam o ser artista uma posição de ruptura social e particular em diálogo com as realidades, que estão forjadas nas relações entre raça, gênero, sexualidade, território e outras dimensões relacionais estabelecidas nestas bases. Além disso, apresentar articulações em algumas situações de modos e feituras vivenciadas na produção dos antigos shows nas décadas de 1980 e 90, nos ensaios, na gravação e lançamento do filme, fazem destas experiências artísticas um exercício de projetar diálogos das impossibilidades.

Os aspectos abordados, de alguma forma, me fazem passear neste grito por pistas e fugas da insujeição e, assim, coletivizar com as que vão vasculhar no sonho de ser artista através das rupturas com uma repetida falácia que criam métodos e engenharias artísticas ensimesmadas em desenhar as experiências artísticas culturais brasileiras às maneiras brancas. O racismo e as fobias são aspectos que demarcam a diferença como modo operante e constituinte de um perverso sistema seletivo e piramidal, que alcunha valor entre experiências artísticas múltiplas. Uma espécie de pensamento neoliberal entre as culturas. Manifestações taxativas e seletivas que tentam aprisionar as artes das vidas insujeitas, assim, suas culturas são alvos sufocados pela constante espetacularização da violência. Vítimas do cotidiano arraigado da colonialidade, as insujeitas se viram elas mesmas e dão conta desse apagamento histórico, simbólico e material. Pessoas que não têm qualquer tipo de direito garantido a valer ainda na contemporaneidade.

Logo, a abordagem feita não é sobre o poder, mas sobre as voltas e botes que as insujeitas dão para existir, artistas que acabam dando a este grito aspectos de manifesto, denúncia ou (como o que um professor da graduação da UNIRIO chamou) de desabafo. Ele não conseguiu avaliar meu trabalho que falava do racismo na estrutura formadora do ensino público, após pixarem "pretos fedem" nos banheiros do prédio do Centro de Letras

e Arte da UNIRIO. Era uma audácia minha falar disso numa disciplina de teatro do século XIX, com um branco que aprendeu a fazer e dizer o que era teatro apenas nas leituras de livros. Fiz a burra, viado! O que a frase “pretos fedem” pode ferir em brancos que concebem o teatro do século XIX como masturbação intelectual hoje? Pode ser que o grito seja também considerado mais um texto feito do famoso “mi-mi-mi”, pois qualquer pessoa insujeita já entendeu que a expressão está ligada pela frieza de como a audiência é arrancada de nossas existências. O que torna o fazer artístico, nestes casos, atos que transcrevem os motins de muitos filhos das veias abertas das colonialidades: artistas, filhas e filhos das empregadas domésticas, garis, pedreiros, padeiros, desempregados, ambulantes, putas, garçons, porteiros?

— **Marcela**: Cabeleireira, cozinheira e é isso aí que dão pra elas. Mesmo com formação, você pode ter o que for, tu pode ter o quesito pra preencher aquilo ali, quando tu chega “ah é travesti? Não, desculpa”. Eles falam “ah não tem”, “já tá preenchido”, “você não tem o perfil da empresa”, toda essa coisa, né. Um sonho é eu trabalhar na minha área ou construir algo melhor.

— **Mais Bonita**: Quais os sonhos você já realizou?

— **Marcela**: Poucos. Me formar. Ser objetiva naquilo que eu quero e isso aí.

— **Mais Bonita**: Um sonho de artista?

— **Marcela**: Queria ser conhecida no meio da moda.

—**Mais Bonita**: E você trabalha com o quê?

— **Marcela**: Sou mil e uma utilidades. Trabalho com bolos artísticos de festa. Cabelo. E outras cositas a mais, né, como garota do sexo, tiro um dinheirinho, porque tá braba a situação, com a covid então, a gente tem que se virar nos trinta. Nem mais nos trinta, nos sessenta, porque o trinta não tá dando mais, não.

— **Mais Bonita**: Me fala sua renda mensal?

— **Marcela**: Agora tá brabo, gato, se a gente conseguir tirar uns seiscentos/setecentos por mês é muito. E se eu fizer bolo pra fora eu consigo tirar mil, mil e pouco. Dependendo do bolo. Eu não tenho uma renda certa.

Assim, entre sonho e sustento, tiveram seus talentos subtraídos ou entregues como definição de superação. É que não nascer como corpos herdeiros é a própria retextualização descendente e dos tratamentos recebidos por povos, línguas, culturas e nações brutalizados pela colonização. A pandemia deixou explícita em escala ampla estas mazelas impostas na ideia fundante desta terra chamada Brasil, país que, nas relações institucionais, forja o poder, sempre tomando a arte brasileira como tentativa nobre de adequar o país à exclusividade das culturas brancas europeias, mais recentemente norte-americanas, em suas aspirações de superioridade tomando-as como o eixo de valor, padrão, avaliação e qualitativo universal das artes brasileiras.

Em 2019 participei de uma palestra que tinha o título "Como produzir em tempos de crise?". A palestrante, uma famosa produtora branca, falava da importância da formação de um pensamento das artes cênicas na produção cultural e na conjecturação das lentes do empreendedorismo, visando cada vez mais a profissionalização do setor. Estas dimensões exigem que pessoas artistas articulem o olhar e relações com o domínio de certos conhecimentos além dos que são exigidos pela área nos campos da atuação, performance e criação, como: conhecer a legislação, direitos autorais, administração financeira, planejamento, marketing, contabilidade, negociações, liderança, logística, organização dos métodos e público-alvo. Na abertura das perguntas para a plateia, perguntei, “onde está o racismo nisso? Pois pessoas pretas vivem esta experiência como marco que antecede as relações estabelecidas com outras pessoas nas artes”. Ela elogiou meu questionamento e disse que achava que nós (pretos) tínhamos que nos organizar para que essas informações fossem levantadas. Me deu o contato dela, porque ela tinha em casa coisas sobre. Falei com Desiree[73], que estava do meu lado, “quer ver que ela só tá

[73] Desiree Santos. Diretora, sapatão retinta, macumbeira e mãe da Sofia. Conheci Desirré no processo de Corpo Minado. Ela dirigiu junto comigo o espetáculo Corpo Minado e Corpo Minado em Quarentena. Foi amor à primeira vista, confirmado em nossa cerveja e na parceria de longa data.

fazendo a linha, a mona não deve ter nada". Pra confirmar o que disse a minha amiga. No meu retorno ela disse ter se confundido, mas que talvez achasse algo no CENSO.

As insujeitas não participam das figuras pictóricas de receita da produtora, pois para estas existências não estão garantidos acesso à receita e desenvolvimento das habilidades para vencer a crise ministrada pela gata. Estes corpos enfrentam uma crise que perdura há séculos, ela se chama racismo. Como produzir diante dessa crise? Como produzir sendo remelados das experiências brancas, experiências em que o empreendedorismo e talento são mantidos à revelia da herança sanguínea? Como ter tudo isso, sendo seu próprio empreendedor (sem qualquer tipo de capital econômico), produtor, captador financeiro, artista? Qual a crise cabe às vidas dos artistas pretos, principalmente os que residem em espaços de favela e periferia?

Mona, esta cegueira cínica que opera sem pretensão da realidade cotidiana de fora dos seus apartamentos, quilômetros de andares, corações cimentados pela colonialidade contemporânea, a forja da democracia de fazer-nos sentir pertencente de algo que nunca foi alçado nem pelos gestos que antecedem seus pensamentos. Tem uma coisa que amo é quando minha desorientadora fala que nós, pretos, não temos o privilégio da ignorância. O caso a que recorro, sobre a oficina "Como produzir em épocas de crise?" se desdobra como reflexo de uma alma chafurdada na alienação de outras realidades que não as suas. A projeção de que o outro é a partir de si, esse contexto operandi de discussões do próprio umbigo, que encontra semelhanças da ideia de conquistar, expandir, uniformizar, tornar moderno, deixar de ser selvagem, sentidos da colonialidade. As estratégias dessa crise são métodos que fabulam os "heróis brancos", pois duvido que, quando a gatinha jogou no meus peitos o CENSO, tenha passado por sua cabeça a luta e organização de pretos para estar nele. No entanto, se a pessoa for também LGBTQIA+, como já foi dito, segue apresentada nas linhas do CENSO como heterossexuais; mesmo no Censo criado em 2018 por instituições da Maré, que traziam experiências específicas ao território das favelas, lá nós não estávamos.

De alguma forma meu questionamento apresenta uma dimensão que se conecta ao abandono das relações e portais nunca fechados entre os fios da "Lei áurea", curso histórico, o CENSO e a fala da produtora, contextos que atravessam diariamente as vidas artistas que se encontram neste arranjo dos sistemas das artes. Então, quem é que vem sobrevivendo em todo o tempo a esta crise? Pessoas que não estão orçadas nas óticas e

aspirações não só da produtora, como também da sociedade, pois elas são filhas dessa configuração que a tal chamada história marca nas ideias de "descobrimento", nas quais a corpa ganha legalidade de ser morta, subjugada, animalizada.

O Brasil traceja imposições redutíveis às vidas insujeitas. No livro *A dívida impagável*, cenas da escravização vão ser abordadas por Denise Ferreira da Silva nas concepções da dívida, termo que ela vai chamar de descritores e pilares do pensamento moderno para anunciar poéticas da negrura que perfuram, deslocam e desmaterializam tais relações. Em outras palavras, a poética negra é a própria quebra da compreensão das formas, espaço e tempo, do entendimento, quantidade, qualidade, relação, modalidade, onde as outras categorias são consideradas relevantes ao conhecimentos, principalmente determinabilidade, conceitos formais são resultantes da produção do entendimento e utilizado para determinar formas institucionais da vida, nas quais a

> Dívida impagável, aqui mobilizada como uma ferramenta da poética negra feminista, guia uma leitura simultânea da cena ética e da cena econômica do valor. Esta mostra o capital financeiro como configuração mais recente da matriz moderna de poder e que por isso se sustenta com dispositivos de conhecimento (conceitos e categorias), uma gramática ética (princípios e procedimentos), e arquiteturas jurídico-econômicas (práticas e métodos). A força destas deriva da maneira pela qual a necessidade (necessity), concebida como o critério para a verdade e a figuração do poder, opera através de separabilidade, determinabilidade e sequencialidade. (Ferreira da Silva, 2019, p. 155)

A vida preta é capaz de atravessar o materialismo histórico como efeito decolonial. A personagem que Denise trabalhou para construir os descritores é negra, e viaja no tempo para salvar seu antepassado branco – no início do livro criança e, posteriormente, senhor da fazenda onde seus antepassados negros eram escravizados. Dana, ao ser transportada para esse passado colonial, sofre as violências interpessoais e institucionais marcadas pelas dimensões de gênero, raça, capital e fundamentos cispatriarcais da escravização, nas quais a realidade desmaterializadora não anula a personagem de experienciar sua poética e ação na contravivência feita diante desta dívida impagável. Denise vai encontrar em Dana material da negrura que escorrega da dominação e escreve na vida preta a fuga como a solidificação da existência do impossível, pois segundo ela as vidas pretas colapsam o texto moderno, do mesmo jeito que escapam da estrutura do pensamento moderno e suas jurisdições de morte e extração do valor do trabalho escravizado:

> Contudo, ao continuar viva Dana não se livra da dívida com seus antepassados porque, novamente, na atualidade, devido ao tempo linear, eles são responsáveis pela sua existência. Quando Rufus, seu pai/dono, a ameaça com violência total (estupro e morte), ela paga a dívida – livrando-se da obrigação de mantê-lo vivo e, paradoxalmente, rompe a relação por causa da necessidade de autopreservação. Eticamente, a dívida de Dana é uma dívida impagável: uma obrigação moral que carrega, mas que não deveria saldar, pois a relação refigurada pela mesma é mediada por uma forma jurídica, um título, que não se aplica às relações entre pessoas (parentesco ou amizade), isto é, entidades morais (iguais e livres) modernas. Economicamente, a dívida de Dana é impagável pois a forma jurídica do título que rege a relação econômica (propriedade) senhor-escravo autoriza o uso da violência total de modo a extrair o valor total criado pelo trabalho escravo, o que resulta em descendentes de escravos vivendo na escassez ou defasagem econômica. Portanto, sim, Dana possuí a dívida (eticamente), mas não lhe cabe (economicamente) pagá-la. (Ferreira da Silva, 2019, p. 152-153)

A personagem de Octavia Butler é a representação ficcional das experiências pretas em países que tiveram a escravização como forja dos fundamentos da ideia de nação, mas também vai estruturar de forma global as relações dos negros com esta dívida impagável produzida pela brutalidade da colonialidialidade de uma vida relegada. A concepção da dívida é outorgada pelo sistema escravocrata e preservada através dos pilares do pensamento moderno, suas imposições estabelecidas na manutenção sistemática que a negridade seja vista como outra e aferida de violência.

Esta dinâmica é tão perversa que está instaurada nas relações formadoras das instituições dos países através da manutenção social do Estado, da dívida para os descendentes destas populações. Apesar da instauração de regimentos, a seletividade é um recurso que manobra a própria lei maior do seu regimento.

O Art. 215 da Constituição Brasileira, a saber: "o Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais".[74] No entanto as interações do estado para com a população favelada se faz na reencenação da brutalidade e morte. O estado financia e se instala como um agente de terror dessas vidas através das mazelas da dívida impagável abordada por Denise Ferreira da Silva, que nos mantém no fluxo da brutalidade desta dívida paralisando continuamente o cotidiano sócioeconômico e cultural das favelas e periferias no investimento pesado, amarrado ao terror nas ações de segurança pública.

[74] Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso em: 13 de Junho de 2019.

> Entre 2017 e 2021 aconteceram 132 operações policiais e 114 confrontos entre os grupos armados nas favelas da Maré. Juntos, estes 246 momentos de conflito causaram 157 mortes e interromperam, por 94 dias, o funcionamento das unidades de saúde, e por 70 dias as aulas nas escolas da Maré.
> Diferentemente do que é amplamente divulgado, a violência armada no Rio de Janeiro não é fruto de polos opostos combatendo numa guerra. Depois de décadas, essa estratégia oficial não apresenta nenhum resultado positivo, nem no combate ao tráfico internacional de drogas e muito menos na diminuição dos conflitos locais, mas alimenta uma lucrativa indústria bélico-militar que toma toda a agenda e o orçamento público do Estado do Rio.[75]

De novo na UNIRIO, durante um período de greve, um professor da disciplina de Leitura dramatizada que, além de furar a greve, o cínico marcou a prova na sua casa, que ficava na Lagoa Rodrigo de Freitas. Na Maré rolava mais um dia de terror financiado pelo Estado, dia de operação policial. Ao mandar no grupo de whatsapp da disciplina o que acontecia, recebi como resposta que se eu não fosse, eu ia ganhar zero. Meu drama não coube na sua leitura. Minha mãe, meu irmão e meu boy da época insistiram para eu não ir. Eu, que estava louco pra terminar e não olhar mais pra cara daquele professor de merda, esperei acalmar um pouco e fui. Ao chegar lá ainda na porta ele me diz.

— **Professor de merda**: Ah nem tava tão perigoso assim.

— **Mais bonita**: Mona eu fiquei paralisada, entrei e fiz a prova, mas eu estava quebrada

> Não há nada que seja singularmente maléfico nesses destruidores, ou mesmo nesse momento. Os destruidores são apenas homens que fazem cumprir os caprichos de nosso país, interpretando corretamente sua herança e seu legado. É difícil encarar isso. Mas toda a nossa fraseologia – relações raciais, abismo inter-racial, justiça racial, perfilação racial, privilégios dos brancos, até mesmo supremacia dos brancos – serve para obscurecer o fato de que o racismo é uma experiência visceral, que desaloja cérebros, bloqueia linhas aéreas, esgarça músculos, extrai órgãos, fratura ossos, quebra dentes. Você não pode deixar de olhar isso, jamais. Deve sempre se lembrar de que a sociologia, a história, a economia, os gráficos, as tabelas, as regressões, tudo isso acabará atingindo, com grande violência, o corpo. (COATES, 2015, p. 21)

O contraste entre a vida da Lagoa Rodrigo de Freitas e a da Maré mostram os abismos entre as águas da Lagoa e as da Maré. No riso fetichista do tal professor à minha realidade, um sarcasmo que pixava na minha alma a rasura que insiste em catingar nosso

[75] https://mareonline.com.br/a-violencia-armada-na-mare-em-2021/

dias. Um olhar às realidades das insujeitas forjadas no agenciamento das muitas guerras há diferença, um tipo futurístico e antigo de caça e abate de pessoas pretas, indígenas, LGBTQIA+s e faveladas. Acredito que isso está tecido nas minhas experiências e passagem por todos os tipos de espaços social, institucional e de ensino, pois sendo eu uma bixa preta favelada, conheço todo o tipo de manifestação que marca na corpa insujeita a carne da existência odiada. No entanto, a realidade das travestis é ainda mais vulnerável e complexa, a exemplo da citação abaixo:

> Ao isolar os dados de educação em relação ao recorte de identidade de gênero, essas desigualdades aumentam consistentemente, revelando algo profundamente assustador e que ao mesmo tempo parece ser um (triste) comum na realidade de travestis e transexuais que vivem em favelas: a escola não faz de sua realidade, na medida em que 76% dessas meninas não concluíram o ensino fundamental. Esse número escancara dinâmicas específicas e singulares do que estou tratando como racismo transgenderizado, cujas engrenagens operam a partir do engendramento de uma série de processos de eliminação que, a partir da raça (Silva, 2021, p. 10).

O artigo que traz a citação acima de Mariah Rafaela Silva apresenta, além desses dados, a mobilização feita por travestis para garantir cestas de alimentos para outros LGBTQIA+s na Maré no período da pandemia.

Dominick é, como já foi dito em outro grito, uma puta atriz semianalfabeta, retinta, favelada e PCD. Não possuía documentos. A falta de sua documentação foi uma saga que atravessou todo o processo de criação do filme Noite das Estrelas. Uma demanda para além de ter a documentação no seu nome, mas garantir que ela recebesse seu próprio dinheiro e seguir futuras articulações de trabalho com mais autonomia. Entramos em contato com a ONG Pela Vidda[76], que agilizou o processo. Lembro que nós duas fomos juntas.

— **Dominick**: A gente tem que comemorar a vitória da travesti!

No processo do trabalho do filme da Noite das Estrelas com ela, para garantir uma intimidade e o menor movimento possível de exposição em relação a leitura com o texto,

[76] Pela Vidda: ONG do Rio de Janeiro (GPV-RJ) foi fundado em 24 de maio de 1989, pelo escritor Herbert Daniel. Trata-se do primeiro grupo fundado no Brasil por pessoas vivendo com hiv e aids, seus amigos e familiares. as ações e iniciativas são garantidas pela intensa dedicação de voluntários e de profissionais engajados na luta contra a epidemia no país. Acesso em 19/12/2022: http://www.pelavidda.org.br/site/

realizamos os encontros além dos ensaios. Alguns com Rafinha[77], que ia lendo para ela e discutindo os sentidos de seu texto no roteiro. Depois de ela decorar, os encontros passaram a ser com Paulo e eu. Fomos trabalhando as propostas de movimentos para suas cenas. Paulo lembrou que antes da paralisia de seu lado direito da corpa, Dominick era ginasta.

— **Paulo Victor**: Vamos pela corpa travesti.

— **Mais Bonita**: Me conta uma memória que seu corpo dançou.

— **Dominick**: Eu tinha 15 anos e no Dia das Mães eu cheguei em casa e falei. "Oi mãe!!!! Vim te dar mais uma filha de presente!" Mas o dia mais feliz, de liberdade mesmo, foi quando eu me hormonizei. Mona, foi babado; o hormônio me rasgou como asa.

Onde caberia o teatro do século XIX e a receita, a prova em dia de operação da crise, nessa dança? Uma vez numa mesa fui questionada sobre quando a minha arte passou a ser política. Em resposta disse que se não fosse política, ela não existiria, pois seria uma artista alienada da minha realidade, de onde vim e quem sou, seria uma artista desligada ao mundo, debruçada sobre a crença que no meu umbigo cabe toda democracia necessária para "salvar" o mundo.

Aos 19 anos de idade, para fugir dos programas de orientação ao primeiro emprego que me mantinham por mais de 12h horas entre transporte, tempo e exploração do trabalho, preso em sua função com o salário de 200 reais, entro no projeto *Adolescentro*[78], que formava multiplicadores para ações voltadas à promoção de saúde e custeava uma bolsa de 100 reais, o que me ocupava apenas algumas tardes, oferecendo inúmeras formações entre elas a oficina de teatro com carga horária três vezes menor que a experiência anterior. Embora a função do teatro no projeto fosse puramente instrumental – preparar os jovens para falar em público –, a oficina se tornou um espaço de múltiplos cruzamentos de conhecimento e capital cultural, onde me saltava os olhos

[77] Rafael Bento: Bixa, preta trabalhou no filme como mídia social. Pediu para acompanhar os ensaios para está por dentro do processo. Primeira bixa que chamei de filha, tumulteira, chacoteira, amor pra vida inteira.
[78] Adolescentro: Projeto de promoção de saúde em parceria da secretaria municipal de saúde com a ONG CEASM (Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré).

Geandra Nobre, Jaqueline Andrade e Priscilla Monteiro tecendo nos encontros e convívios um espaço de investigação artística, na alcunha de outros conhecimentos refletidos e elaborados nas relações do ativismo, raça, gênero, orgulho da identidade favelada, os direitos humanos, o reconhecimento do território da Maré na forja de múltiplas culturas. Já as professoras da oficina de teatro – Joana Levi e Isabel Penoni – eram atrizes formadas pelo teatro de grupo, vinham trabalhando alguns anos em oficinas e experiências com outros atores moradores da Maré, no próprio desejo de formar um grupo de teatro, o que nunca havia vingado por uma série de fatores.

O espaço da oficina possibilitou a conjecturação de uma metodologia que trazia como pilares o trabalho com a memória do ator, o treinamento físico, jogos cênicos e o desenvolvimento de pesquisas territoriais, espaciais, de documentos, livros e artigos para o aprofundamento das montagens, pilares estes também utilizados na criação do filme Noite das Estrelas. Após quatro anos, as pessoas envolvidas com a oficina decidem romper com aquela estrutura e criam a Cia Marginal, num terreno onde as dimensões que constitui o encontro, trabalho e pesquisa forjado por encruzilhadas.

Assim como já foi abordada no texto desta pesquisa "Porque escrevo na encruzilhada enquanto uma clave teórico-metodológicana" É imprescindível ver esta experiência pelas lentes da encruzilhada tecida por Leda, que toma a encruzilhada como lugar do conhecimento de muitos fluxos e desmistificar a ficção do conhecimento instituído por um único movimento, pessoa ou evento. Nesse caso das pessoas geralmente brancas que vem de fora para trabalhar nesses territórios de favelas e periferias. É o racismo histórico que coloca o teatro e outras linguagens artísticas como a experiência salvadora para as vidas insujeitas, uma grande oportunidade para os jovens favelados.

Eu perdi as contas das milhares de vezes que tivemos que responder o que o teatro mudou em nossas vidas, a todo tempo anunciamos o trabalho da Cia Marginal como coletivo e colaborativo, o que era preciso ser refeito exaustivamente por conta da tara das pessoas se referirem a Isabel[79] como grande heroína responsável pela da criação do grupo. Como um dia em que fomos convidados para uma matéria que divulgava o teatro preto. Quando saiu a matéria na legenda da foto do jornal, a companhia só aparecia com o nome

[79] Isabel Penoni: Diretora, branca, professora, atriz, recém professora da UNIRIO e Mãe da Lúcia.

dela e do Phellipe[80], os brancos do grupo; os pretos tinham a legenda "atores da companhia" ou, como em outro dia desses, quando fomos convidados para receber um prêmio enquanto grupo pelos anos de trabalho na cena carioca, no auge da pandemia: as gatas saíram de casa no meio do caos instalado, gravamos e, na exibição da entrega, fomos apresentados como jovens moradores da Maré coordenados pela diretora Isabel. Assim seguiram na mesma ladainha para os atores que tinham quase quarenta anos da peça "Solano Trindade". Com certeza as gatas se esqueceram de ler Lélia Gonzales, na verdade nem devem conhecer nas correntes antirracistas que dizem ocupar:

> Ora, na medida em que nós negros estamos na lata de lixo da sociedade brasileira, pois assim o determina a lógica da dominação, caberia uma indagação via psicanálise. E justamente a partir da alternativa proposta por Miller, ou seja: por que o negro é isso que a lógica da dominação tenta (e consegue muitas vezes, nós o sabemos) domesticar? E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans, é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos), que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa. (Gonzalez, 2018, p. 193)

Essa forma de tratamento que convencionaliza o racismo e fobias nos retiram de nossas próprias autorias enquanto membros e fundadores do grupo, numa mão grande que dá prêmio na mesma ação que retira. Não tem esquecimento, é apagamento, cinismo colonial de retirar dos pretos suas identidades. Não é homenagem, é escárnio.

Por essas e tantas outras coisas que sempre me emociono quando ouço Geandra falar.

— **Geandra**: A Cia Marginal é minha escola.

Esta é uma afirmação que revisa a realidade histórica de negação de investimento do Estado na cultura favelada. E, diante desta constatação, criamos uma Companhia de teatro que forjou nossa escola no seio das criações do grupo. Cada processo criativo estabelecia novas conjunturas de pesquisa, metodologias, perseguições estéticas e linguagem cênica, sendo a plateia um elemento presente e determinante dos caminhos da pesquisa e da formação de público.

[80] Phellipe Azevedo: Cria do Caju, diretor, ator e integrante da Cia Marginal. Ele presenciou meu diálogo com o professor de teatro do século XIX. Na finalização do seu TCC, trouxe o embate para a cena que finaliza para o espetáculo e posteriormente o Coletivo Arame Farpado.

Uma escola que não se organiza na entrada dos atores ou da diretora no projeto, mas na encruzilhada que fomenta tais encontros em mais de 17 anos acumulados de trajetória, de onde diversos saberes, costumes, diferenças de raça, gênero, território, posições econômicas, sonhos e trajetos perseguem a construção de uma cena protagonizada por pretos e favelados, o que ao meu ver são interrogações articuladas pelas existências pretas faveladas na alva cena teatral carioca. Esse contato coletivo de anos é uma experiência artística que se forja na prática da pesquisa continuada, das colaborações que transbordam para fora do grupo.

Nossas corpas em cena não estão neutras, nem passivas. Diante da dívida não há distanciamento com as identidades, o que me lembrou de uma atriz preta que convidei para um evento e respondeu negativamente, por não fazer teatro periférico e sim negro. Eu fiquei me perguntando: deixa de ser negro por ser periférico, ou não é periférico porque é preto? – "No shay"[81].

No palco, eu sou uma bixa preta favelada, e não só por mim. O outro, a história e suas interações participam da construção dessas imagens, linhas cruzadas nas identidades. Apesar de me apresentar e me identificar, elas não me domam. Por isso me faço insujeita, pois são insuficientes para definição de minha existência e sou uma espécie disruptiva das regras e repetições brancas na cena teatral. Como diz Conceição Evaristo, eu sou uma exceção:

> É um papel de vanguarda e eu sempre chamo atenção para isso. Quando nós negros temos um papel diferenciado na sociedade, nós nos tornamos quase mitos. A exceção confirma a regra. Quando nós somos exceções em determinados espaços, podemos até nos sentir rejubilados, mas temos de perguntar que regras são essas na sociedade brasileira, através das quais os negros são exceções, pergunta… (Evaristo, 2019, n.p)

Essa exceção confirma a regra. Ela reafirma a dívida impagável amalgamada à fragilidade dos setores culturais, que sempre atingiram as artistas insujeitas, e são criadas por meio delas diversas estratégias de subversão as inexistências de convite, de captar granas pro seu projeto e sustento (quando a Cia Marginal ganhou seu primeiro edital em 2006, o prêmio Myriam Muniz de Teatro Funarte, ali se abriu um canal de comunicação com o universo de viver de teatro, de reconhecimento e visibilidade). Diante da regra, fica a constante pergunta: como criar um projeto que perfure a seletividade avaliadora da

[81] No Shay: Expressão usada pelas gatas das casas de vogue, forma abrasileirada da gíria do inglês "No fuckin' shade".

banca, da crueldade que diz o que entra e o que não entra em todas as manifestações racistas e ódio que já vimos por aqui.

A vida insujeita é impossível no que ela transpassa da sua realidade. Eu ainda fico tentando concatenar a materialização e criação do filme, pois na vivência com a Cia Marginal as complexidades já se impunham nas relações do artista e materialidade de sustento com o trabalho, violências antigas acumuladas e modernizadas de outros tempos.

Figura 27 – Fotografia – Arquivo pessoal.



Integrantes da Cia Marginal: Phellipe Azevedo, Jaqueline Andrade, Rodrigo Maré, Wallace Lino e Geandra Nobre. Apresentação do Palco Giratório em Fortaleza. Ano 2018.

No entanto, a pandemia chega como o apocalipse pra muitos, e para as insujeitas, mais um amanhecer no fim. Destas novas combinações reencenadas pelas antigas e novas asfixias de valor material da dívida impagável na predação capitalista, algorítmica, tecnológica, deixando explícita a brutalidade mais uma vez – os que usam MEI, os microempreendedores, se fuderam, como revela esta carta-conjuntura do IPEA:

> A pandemia de covid-19 afetou o mercado de trabalho de duas formas relevantes, tanto pela demanda quanto pela oferta de trabalho, como aponta a Nota de Conjuntura no 12 da Carta de Conjuntura no 49.3 Primeiro, a queda da produção em diversas áreas da economia acarretou uma diminuição da demanda por trabalhadores. Segundo, com a adoção das medidas de distanciamento social e o temor por parte das pessoas de contraírem o vírus, houve também uma redução na oferta de mão de obra. Nos meses iniciais da crise sanitária observou-se uma redução no nível de emprego e elevações nas

> taxas de desocupação. À medida que novos casos de covid-19 diminuíram e foram flexibilizadas as medidas de distanciamento social, a atividade econômica iniciou um processo gradual de recuperação e, consequentemente, o nível de ocupação registrou um aumento no final do ano de 2020 e início de 2021, quando comparado com meados de 2020, embora ainda esteja abaixo do observado antes da pandemia. Um dos setores mais impactados pela pandemia foi o setor cultural, tanto que no final de 2020 foi criado um auxílio emergencial para tal atividade, via Lei Aldir Blanc (como foi abordado na Carta de Conjuntura no 49 em sua Nota de Conjuntura no 6).4 Essa lei, além de financiar um auxílio para trabalhadores e organizações do setor cultural, procurou estimular a atividade econômica desse importante setor, que como visto na Nota supracitada, pode corresponder entre 1% e 2,6% do produto interno bruto (PIB) brasileiro, a depender da métrica utilizada.[82]

Quando a Covid chegou junto com ela o isolamento, veio dando tapa na cara das artistas como consequência do cancelamento dos trabalhos e contrato, expondo as delicadezas das relações da arte nas políticas públicas brasileiras. A fragilidade das estruturas já não eram exclusividade das insujeitas de forma global porque o mundo estava dormindo no seu próprio fim.

Os cancelamentos dos trabalhos e contratações são a ponta do ice berg dos nossos problemas. Um modo de viver isolado e o medo de morrer incentivou aos mercados uma crença em comunicação tecnológica em tempo quase que integral, clipes lançados, mídias, comunicações e canais bombardeando uma afirmação estética e linguagem, construindo uma ideia de que o futuro havia chegado junto com o fim.

Com isso, algumas instituições das artes passaram a transferir suas comunicações para os modos virtuais, o que faz surgir pequenos editais de emergências. Um grande movimento paliativo, tendo em vista que a grande maioria chegava até 5 mil por produção. O valor pelo que se vendia um dia de apresentação dos espetáculos, passou a ser o teto máximo pra entregar todo o projeto e com mais demandas das necessidades de internet, técnica, equipamentos de som e áudio visual. Além disso, ignoravam as dimensões desses acessos para artistas periféricos e das favelas. Numa conversa com um amigo, também artista branco classe média ele disse que sua piração com as tecnologias foi ganhar seu computador aos 12 anos. Paulo e eu ganhamos da minha tia Zanha[83] nos meus 25 anos, antes disso, PC só nos cursos básicos e lan-houses.

---

[82] Carta conjuntura 54: Acesso em: 15/12/2022
https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/conjuntura/220127_cc_54_nota_7_cultura.pdf

[83] Zanha: Rosangela Gonçalves de Oliveira, se considera parda, minha tia biológica por parte de mãe, já citada em outro Grito.

A qualidade precarizada de internet também é um monstro para a dinâmica do período, tendo em vista a precariedade da única internet oferecida nestes territórios. O que me faz pensar que a fagulha das estratégias de burlar essa realidade nascem antes, em 2018, no estreitamento da relação e parceria com a Cafuné na laje[84] na criação do espetáculo Corpo Minado, do Grupo Atiro. O espetáculo tinha uma proposta de unir as linguagens do teatro e do audiovisual. Iury de Carvalho Lobo[85] era quem faria o trabalho audiovisual, porém, com a chegada da notícia de sua morte, Mariluce Nascimento[86] me colocou em contato com Jv Santos[87] que articulou com a equipe da Cafuné a gravação e edição do material audiovisual do espetáculo.

Já em 2020, após a primeira apresentação no SESC Ginástico, fomos avisados que a temporada estava cancelada. Alguns meses após, o SESC retomou o contato propondo uma versão do trabalho que dialogasse com as possibilidades de produção do momento. Logo no primeiro ensaio pelo aplicativo zoom, a internet de Vanu[88] fica durante todo o tempo instável e no fim do ensaio, em lágrimas, ela pede desculpas pelo ocorrido.

Ali, Desiree Santos, Paulo Victor, que estava na assistência, e eu, bolamos um método pra atuar nesse impossível. Utilizando os ensaios apenas para as trocas e comunicações, as cenas eram gravadas pelas atrizes em outro momento, enviadas por WhatsApp, lá era o local das orientações de quadro, fotografia, atuação e texto.

A classe artística gritou e mobilizou a Lei Aldir Blanc como ação emergencial. Nos últimos anos o setor foi sendo fudido de forma ampliada com o fechamento do Ministério da Cultura, restrição dos editais e constantes ataques e fake news à Lei Federal de Incentivo à Cultura (Lei Rouanet). Com o setor agonizando, as insujeitas bolaram suas

[84] Cafuné na Laje: É uma iniciativa independente de arte e educação, idealizada por Aline Santos (in memoria) e Léo Lima que se propõe a refletir e questionar a construção da imagem, da representação e das narrativas acerca das favelas da cidade do Rio de Janeiro e de seus moradores. Atua principalmente a partir da realização de filmes e encontros de experimentação em audiovisual e fotografia junto com moradores - em sua maioria crianças e jovens - do Azul, parte mais alta do Jacarezinho. O Jacarezinho é uma das maiores favelas do Rio de Janeiro, com uma população de 37.839 habitantes segundo o último CENSO do ano de 2010.

[85] Iury: Iury de Carvalho Lobo, Bixa preta, escritora, roteirista, diretora e um dos amores da minha vida.

[86] Mariluci Nascimento: Cria da Maré, produtora e doula. Branca. Perdi as contas do quanto ela me salvou na pandemia me emprestando dinheiro pra viver.

[87] JV Santos: Bofe preto, cria da Penha, integrante da Cafuné na laje, passeia por várias áreas do audiovisual, no filme, além de assistente de direção, colaborou com o roteiro.

[88] Vanu Rodrigues. Atriz, cria da Maré, filha de angolanos, integra o elenco do espetáculo Corpo Minado. A atuação de Vanu é algo marcante a qualquer olhos que a vê.

engenharias do impossível encharcadas por muita insistência, orações, Exú. Uma engenharia impossível mas que fala sobre as brechas.

> À revelia do mundo, eu convonco a viver apesar de tudo. Na radicalidade do impossível. Aqui, onde a noite infinita já não nos assusta, porque nossos olhares comungam com o escuro e com a indefinição das formas. Aqui, onde apenas morremos quando precisamos recriar nossos corpos e vidas. Aqui, onde não cabe salvar o mundo, o Brasil ou o que quer que seja. Onde nossas vidas impossíveis se manifestam uma nas outras e manifestam, com sua dissonância,dimensões e modalidades de mundo que recusamos a entregar o poder, Aqui. Aqui ainda. (Mombaça, 2021, p. 14)

Nessa tessitura das brechas o projeto de fazer um espetáculo que homenageia a Noite de Estrelas foi escrito por Paulo Victor e passou na reclassificação, então contemplado pela Lei Aldir Blanc. Nesse mote da insistência, de não lidar com a realidade a partir de um aprisionamento, a brecha é a possibilidade de um modo estético, arquitetônico, metodológico, estilístico de se produzir. Este mote do qual os antigos shows da Noite das Estrelas estavam rasgados, à parte dessas específicas articulações da arte habitar o conjunto do cotidiano, realidade e fazer artístico. É interessante perceber um movimento que gera uma relação econômica dentro daquele território. Os shows vão movimentando o comércio em cada lugar em que ele vai acontecendo, como ele constrói outros lugares para além desse aspecto cultural. Nos encontros com Érika e Marcela elas nos povoaram de imagens dos modos que se davam as articulações artísticas e de produção da época.

— **Marcela**: Era um palco né, que eles falava que era caixote, quando não era um palco eles faziam com caminhão, agora o palco mermo, verdadeiro, que eu vi que era palco, foi quando foi a furacão 2000, né. E aquele palco ali, que é do Parque União, que é de concreto, também foi um palco né [...] o Menga dava o jeito dele, assim, ele chamava os garotos, colegas dele, arrumava tábua, arrumava essas compensado, aí os meninos coisava, pregava, fazia direitinho, arrumava o tapete com alguém né, dos morador que tinha tapete e emprestava, aí ele forrava ali. Cortina, e a gente desenhava alguma coisa, pregava assim nas cortinas, tudo isso. Era um grupo né a gente se reunia antes pra fazer os panfletos, a gente mesmo, porque eu desenhava né, eu sou formada em moda. Aí eu desenhava, aí escreviam, aí colocava nas lojas nos poste.

Já na produção do filme, um dos desafios era fazer com que os desejos e sonhos coubessem no orçamento. Ganhamos da Lei 100 mil reais que, com o desconto dos tributos, ficavam 96 mil. Contratamos uma produtora que sugeriu que levantássemos a ficha técnica enquanto ela fazia a readequação orçamentária. Isso nos gerou muitos conflitos, porque, após 3 meses de trabalho, alguns trabalhadores me sinalizaram não saber o valor que receberiam, além dela e seu assistente não terem produzido nenhuma das ações propostas no projeto. Após pressionarmos por e-mail, ela apresentou um orçamento insano, que ela ganhava 3x o valor que Paulo Victor e eu, mesmo sendo idealizadores, captadores de recursos e contratantes. Marcamos uma reunião e ela viu a ira das irmãs Lino, após alegar que a gente pedia coisas impossíveis, pois sempre solicitamos a Maré enquanto espaço que ocorreriam as atividades.

Após a reunião ela nos mandou um e-mail se desligando do projeto faltando dias para a gravação. Paulo Victor e eu acionamos a Gabriela Freitas[89], que estava na assistência de direção, ela topa e convida Erika Candido[90] pra dividir a produção com ela durante as filmagens. Paralelo a essa treta, voltamos pra sala de roteiro, definindo a laje da casa de Paulo como gravação. Gabi propõe uma única locação de 12h para caber no orçamento que restava.

A sala de roteiro teve seu início depois de eu escrever uma dramaturgia a partir da ficção criada dos cruzamentos de narrativas dos antigos shows e outras propostas das "novatas". Com isso, na sala de roteiro foi estruturada adaptações das cenas para as gravações. Paulo Victor, Jv, Gabriela e eu, ficamos na missão desta função.

No dia de gravação começam a chegar os equipamentos de luz e gerador. A rua começa a encher com a curiosidade dos vizinhos. Tainã[91] e Zenin[92], animados mesmo com aquele peso todo para o quarto andar. Atrizes sendo poupadas, o resto da equipe metendo a mão. Matheus quebrou a bica do vizinho, desligou a água. Gabi e Erika anunciam que às 16h começaríamos a rodar. Livia abre a ordem do dia Louvando a Exu,

[89] Gabriela Feitas: Mona preta, bisexual, produtora, assistente de direção do filme e filha de Iansã. Conheci Gaby na segunda temporada da websérie Quintal C11. Lembro que no último dia de trabalho da série selamos que trabalhamos juntas de novo o que foi selado no filme.
[90] Erika Candido: Mona preta, grandona produtora no audiovisual, todas batem cabeça pra ela.
[91] Tainã Miranda: Mona branca diretora de luz do filme Bissexual. Nos conhecemos no pré vestibular no grupo das piranhas do pré. É lindo como ela ilumina nossas ideias
[92] Zenin- Boy preto, assistente de Tainã, também multimídia.

entregando todas as comunicações. Jaqueline e Dominick assistem *Cater 2 you*[93] na TV, Laís[94] vê Jaque e Dominick, querem um take igual ao final do filme.

— **Lais**: Pode, ô, diretor? Por mim, a gente tem.

Começa a gravação na ordem do dia. A primeira cena seria gravada só com a equipe feminina, para as atrizes ficarem mais confortáveis com a nudez. No momento que estamos passando as informações para equipe, as atrizes sobem e tiram a roupa.

— **Jaqueline**: Por mim podem ficar.

E o dia ajudou em sua beleza no dourado que o sol das 16h dava para as suas peles.

Apesar do frio que fazia naquele dia na laje, o dia da gravação foi o fervo, mona. Plateia e Preta QueenB Rull. Durante a gravação, nas lajes em volta aconteciam diversos tipos de coisas e eventos. Tem a laje da rua N, uma das rua da Nova Holanda que tava rolando uma festa, que inclusive a música vazou pro áudio durante a cena de Jaqueline e Pantera. Tem aqueles que ficavam só de olho no que acontecia nas filmagens e tinha a laje que estava cheia de criança, que no primeiro no intervalo da gravação das cenas do desfile gritavam: viva a LGBT!"; ou num outro momento, no meio da cena, Preta QueenB Rull para de gravar pra mandar beijos pra crianças numa laje mais distante, de onde pediam seu autógrafo. Na última cena a rodar, após o primeiro take, David passa mal, mas insiste em fazer.

— **Paulo Victor**: Corta

Ali na laje mesmo começamos a beber e comemorar o feito da gravação. Durante a conversa, Erika Candido sugere que escrevamos o filme no Zózimo Bulbul.

[93] Cater 2 you: Clipe do Grupo Destiny's chid
[94] Lais Dantas- Sapatona preta, cria da baixada Diretora de fotografia e câmera do filme. Apesar de conhecer Lais no processo no mesmo dia já estava enturmada com toda equipe.

Entramos no festival e ele exige exclusividade de exibição, mas o edital exige outras quatro apresentações. Articulamos uma exibição no Bela Maré[95] às escuras, estava lotado mesmo sem ser divulgado, só convidados.

Figura 28- Fotografia- Arquivo do Entidade Maré



Pré estreia do filme Noite das Estrelas só para convidados no Galpão Bela Maré 2021.

[95] *Bela Maré:* O Galpão Bela Maré, localizado em Nova Holanda, uma das 16 favelas que compõem o Conjunto de Favelas da Maré, é uma iniciativa do Observatório de Favelas, em parceria com a produtora Automática e representa a construção de um espaço alternativo dentro do cenário das artes do Rio de Janeiro metropolitano. O espaço foi inaugurado com o objetivo de contribuir para a democratização e difusão de todos os tipos de expressões artísticas e seu amplo funcionamento comprova como é possível descentralizar tanto os equipamentos culturais quanto as possibilidades de produção, difusão, formação e fruição estética na cidade.

Figura 29 – Fotografia – Arquivo do Entidade Maré, foto Matheus Affonso.



Na foto, parte da Equipe da Noite das Estrelas na estreia do filme, na décima quarta edição do Festival Internacional de Cinema Negro Zózimo Bulbul. 2021, no cine Odeon. Jv Santos, Marcos Carvalho, Erica Candido, Tainã Miranda, Syl Oliveira, David magalhães, Paulo Victor Lino, Zenin, Matheus Affonso, Lais Dantas, Gustavo Ciuprik, Dominick di Calafrio, Gabriela Freitas e Wallace Lino.

A estreia no Cinema Odeon é um dos momentos mais lindos, toda equipe chorando e gritando a "Noite das Estrelas está aqui". Depois disso, encontramos Bem Medeiros[96] pra uma cervejinha que tava acompanhado da Rodrigo Menezes[97], João Paulo Rodrigues[98], ambos artistas e amigos. Inicia-se, então, uma conversa sobre a distribuição e Bem se integra à equipe para pensar estratégias para o filme rodar. Posteriormente, junta-se a essa força tarefa Matheus Ribeiro[99].

— **Bem**: Esse filme é lindo, precisa rodar o mundo, contem comigo na distribuição

[96] *Bem Medeiros:* Pessoa não binare branco, amigo da vida e dos bares, inimigo do fim mil e uma utilidades no audiovisual e teatro entre produtor, montador e por aí vai.
[97] Rodrigo Menezes: Bixa preta, designer, produtor. A xoxadora das academicas, no carnaval sempre tá com um maiô cravado.
[98] João Paulo: Artista com sangue de Maria bonita, amigo desde adolescência. Bixa branca nordestina.
[99] Matheus Ribeiro: Moradora da Baixada Fluminese produtora de um amor de pessoa.

Primeira participação do filme Noite das Estrelas em outro festival foi Festival de filmes LGBTQIA+ Periféricu, sendo contemplado pelo festival pela moção honrrosa *Pega a visão* (2022); Além disso aconteceu outra participação na *Mostra Bixaria Negra - O cinema de Marlon Riggs*[100] exibido no *IMS Paulista*, no *IMS Rio* e *Galpão Bela* Maré (2022); Além da exibição foram articuladas apresentações das performances de algumas artistas do filme.

Figura 30- Fotografia- Arquivo do Entidade Maré.



Na foto Marcela performando a música "Canto das três raças"[101] na Mostra Bixaria Negra o cinema de Marlon Riggs 2022.

[100] Mostra Marllon Rigs- https://ims.com.br/mostra/bixaria-negra-o-cinema-de-marlon-riggs -Visto em 29/02/2023

[101] Canto da Raça- Música interpretada por Clara Nunes, com composição de Mauro Duarte e Paulo Pinheiro. Acesso em: 29/ 01/2023 https://www.youtube.com/watch?v=dcVKb2ht6BE

Figura 31 - Fotografia Rodrigo Menezes- Cedida ao arquivo do Entidade Maré.



Na foto Dominck performando a música " I was here"[102] na Mostra Bixaria Negra o cinema de Marlon Riggs, no Bela Maré 2022. Esse foi um momento muito profundo, na letra que em sua tradução para o português, afirma "eu estive aqui", foi um impacto profundo todos emocionados cantavam e vibravam junto com ela.

Além disso, o filme Noite das Estrelas participou da 2° edição do Citronela Doc - Ilha Bela (SP) e da Ocupação Semana de Arte Favelada no RJ (2022). Filme exibido durante um mês na galeria ***GAK,*** Bremen, Alemanha.(2022).

Ontem encontrei minha mãe, tinha tempos que eu fugia deste tipo de encontro com ela, não queria ocupá-la com meus problemas . Na conversa, falei da experiência de um espetáculo que estava dirigindo, dos prazos do mestrado, do aluguel, dos dez dias sem luz.

Ela riu.

[102] "I was here" - Música interpretada por Beyoncé, com composição de Diane Warren. https://www.youtube.com/watch?v=dcVKb2ht6BE - Acesso em: 29/ 01/2023

— **Katia**: Ai, Wallace, se a gente não for assim, atrevido, a gente é atropelado.

Mostrou suas pernas, uma de suas vaidades.

— Katia: Vou operar as varizes pra ficar com as pernas lindas. Você sabe como é fazer isso pelo SUS, mas vai ocorrer na melhor época, glória a Deus. É, Wallace, às vezes fico pensando de algumas coisas que tenho de saúde, como é ligado ao trabalho de limpeza, do esforço, da repetição, tendinite, disso, varizes de ficar em pé, a cabeça pensando no que falta pra limpar, de sair cedo de casa, cuidar o dia todo da família dos outros, o que ainda vai encontrar em casa, preparar vocês, pras questões do dia de vocês, era o momento que eu tinha, né! Eu ficava sugada e no dia seguinte tudo de novo, dou glória a Deus que vocês trabalham muito, mas não precisaram passar por isso.

Essa fala dela me levou direto pra fala de um ex-boy que me disse que a pobreza não era um mal nosso! Lembro que quando ouvi essa palavra, me bateu como um bálsamo que refrescava, acalmando a ansiedade do amanhã, mas ao amanhecer, a brutalidade me mostrava novamente o valor material e simbólico da dívida impagável nessa linha tênue de viver, morrer, perturbar, perfurar brechas para escapar, permitindo ao sonho metamorfosear o real. Com isso, encerro este grito com uma das músicas do filme, o Manifesto da nossa raiva e das percepções de sentidos e perguntas que nos fazem seguir.

Manifesto

(David Almeida, Dominick di Calafrio, Jaqueline Andrade, Livia Laso, Marcos Carvalho, Paulo Victor Lino, Rodrigo Maré e Wallace Lino)

Marcos
Onde está a noite das estrelas ?
Onde está a noite das estrelas ?
Onde está a noite das estrelas ?
Onde está a noite das estrelas ?

Livia

Bofe primeiramente vamos afinar esse negócio. A Noite das Estrelas está aqui, neste papo reto, você consegue me ver, sentar e ouvir? Na celebração do seu movimento, seu corpo exalta o feminino, que você aprendeu a odiar. Qual é a audiência que tu traz pra esse lugar?

Todos

Onde está a Noite das Estrelas?

David

Aí mona, a desumanização de corpos, a mais de 500 anos. A pandemia que nos mata no Brasil desde do início do mundo. Eu olho pro lado e tudo apodrece, só de pensar meu corpo estremece, o horror da dor da saudade. Eu não consigo me acostumar. Esse vício de matar. O Brasil ainda é o país que mais mata LGBTQIA+QIA (tirando onda) Bixa Preta

Jaqueline

Eu, não sei que história é essa que tu quer se agarrar, mas eu não vim para festa para chorar. Eu sou sapatão, preta favelada mas me reduzir a isso é maior furada. Eu venho de uma família que é toda preta.. lá quem manda são as mulheres, 105 mil cabeças. A minha história de amor tá no meu corpo. E se você não entendeu eu vou cantar de novo. Seu discurso, a minha mente não entende. Tu quer que eu te ouça? Explica detalhadamente minha árvore tá aqui, todo mundo quer viver. Não quero ouvir FDP dizendo que vou morrer!

Jaqueline e Livia

A noite das Estrelas está aqui. Ela está aqui !

Marcos

Não vejo nos livros, no CENSO piorou, então cadê minha história na televisão? To falando de LGBTQIA+IA, em todos lugares e visão.

Minha comunidade morre todo dia, seja de HIV AIDS e todo tipo de fobia, esse é o país da LGBTQIA+fobia.

E o movimento LGBTQIA+QIA que segue bem branquinho. Movimento negro queremos ser livre também e na história da Maré estamos antes do fundamento só não ver quem não quer.

Livia

Amor como ato político este é nosso início não se perca nas abstrações coloniais na encruzilhada não existe frente nem trás o bem e o mal não me definirá jamais. Eu falo como uma bisexual que nunca esteve no meio do caminho. Você precisa ver que nunca andou sozinho.

David

Carreira artística sem internet, não tenho dinheiro nem pro aluguel, terapia, direito a isolamento todo dia sou entregue ao pinel. Eu vejo corpos no chão, fome, chacina na tv a repetição e o silêncio de quem é que morre todo dia. Eu não aguento mais rezar, eu não aguento mais gritar

Jaqueline

Eu não aguentaria parar. Junto em mim muitos sonhos, inclusive o meu. Esse atravessamento que envolve vida, morte e religião. A cosmopoética da vibração, rito, raça e sexualidade. Traz sentidos e razão que é minha mas não domo não. Tem uma coisa que você precisa olhar, nós temos algo que eles não conseguem matar. Sente o invisível vibrar

Dominick

A gente não veio pra brigar, vamos falar de nós cuidar do que tá em nós dançar todos os nossos sóis

TODOS

A sabedoria da travesti

DOMINICK

Atravessei o arco íris no dia das mães. Criança viada deixei travesti minhas manhãs, de noite no ponto com as irmãs sou tudo que me criei. Vou mandar o papo pra vocês, entrei na farmácia o perlutan só me dariam com RG. Falando no ouvido enfeiticei, na agulhada do boy delirei. Me rasgou como asas, eu cobra criada. Me fiz puta atriz. Meu caminho é feliz, quando você me olha. Não seja palhaça, falar de amor não é perder a navalha no peito. Vamos seguindo assim, com olho no olho, na gente e nunca no fim. Pela minha vontade eu estaria pelada, mas tinham pouco dinheiro pra pagar a trava. Já falei que se Estrela eu virar, travesti de novo quero voltar. A minha casa é aqui, dela vejo você, te abrigo pra sempre amigo. Na minha casa não existe perigo e a gente segue e dói, mas esse mundo destrói, constrói em nós.

Diante do espelho

Figura 32 - Fotografia - Arquivo cedido por sua filha Neide.



Dona Firmina Pedra Ramos. Ano desconhecido

Figura 33 – Fotografia - Arquivo Pessoal.



Cindy Bella Boneca. Ano 2014

Figura 34 - Fotografia arquivo pessoal.



Guiomar Marta. Ano 2018.

Figura 35 - Fotografia arquivo cedido por Nega.



Jorge Luiz Lino, Wanessa Barbosa, Dona Fiinha e Érica Batista em seu colo. Ano desconhecido.

Figura 36- Fotografia arquivo pessoal.



Wallace, Dila e Iury de Carvalho. Ano 2016.

Figura 37- Fotografia, arquivo cedido por Raphaela sua neta.



Dona Maria Joventina (Dona Jovem). Ano desconhecido.

Considerações

Aquela que venceu a morte

Magia Negra

(Lívia Laso e Wallace Lino)

Uh uh uh uh uh uh Uh uh uh uh uh uh
Movimento espiralar dança da criação
Nosso corpo é chave de encantamento
Asas de quem veio antes tecendo poesia do amanhã
Eu sou uma constelação encruza fértil só sentir,
me rasgo e vibro muitas civilizações

A Noite das Estrelas nasce de uma explosão
o escuro do universo refletido na minha pele
Eu atravesso o arco-íris e me abro aos meus caminhos
serpenteando os meus sonhos

Nosso lugar é retomada abalamos as estruturas,
vamos estilhaçar o sistema a morte não me contempla
A pedra foi lançada não retrocedemos mais,

minha magia é negra, negra, negra, negra

— Eu sou uma bissexual que nunca esteve no meio do caminho
— Eu sou uma bixa preta e favelada
— Eu sou uma travesti retinta da Maré
— Eu sou uma sapatão preta e macumbeira
— Eu sou uma bixa preta afeminada

O amor é um caminho sem volta
Onde primeiro como eu para depois comer o outro
Meu sabor, o gosto das rugas, olheiras, nariz, boca,
qualquer cicatriz
A pinta que dobra nas voltas de um rosto odiado.
Amar ele é uma briga de 500 anos
O sabor tem gosto de asas
eu não consigo me comer e me abandonar
Por isso me como hoje, para me ligar à uma parte do amanhã.

Inicio este grito com a música Magia Negra, invocando a cosmopoética nas imagens da ancestralidade tendo ela como um pilar fundo do amor, somente tecidos nela é que podemos invocar a vida num movimento espiralar, é nela que a memória se forja numa dança da criação, é nela que as vidas pretas se tornam livres sendo portais e chaves de encantamentos e poesias para o amanhã. Nessa constelação que vibram muitas culturas e civilizações no escuro do universo, uma magia que só pode ser tecida por que ela é

negra. Escrevo esse grito em luto, em mais um tempo em que é preciso, novamente, vencer a morte, mudar a posição, refazer a coreografia da vida. Conhecemos-nos há tempos – desde sempre travo um enfrentamento diário com essa safada. Ela é abusada, faminta e devoradora. Ter intimidade com a morte faz com que conheçamos essa escrota de diferentes modos, formas e dimensões. Uma coisa é certa: ela está sempre rondando, aguardando pelo momento oportuno, à espreita. Vejo ela, suas presas para no segundo da distração, fazer sua arruaça. Às vezes leva uma irmã muito cedo; noutras leva uma prima, no susto. Também pode ficar ali, 'remoenta', sofrida, lenta à conta-gotas, mantendo o pavor da doença que vai e volta; outras vezes explode o coração de amor ou da falta dele; há momentos em que ela se instala na mente e produz uma vida morta... Não importa como ela se apresente, ela sempre marca a morte de uma comunidade e o nascimento de um novo tempo de um desassossego que é tormenta e no meio do indizível, da sensação de anestesia e ocorrência de suspensão dos futuros de quem agora é morto, são conectados à continuidade de quem fica numa instalação permanente da saudade.

Esse grito se difere dos outros, pois ele não vasculha uma performance específica das encruzilhadas das Noites das Estrelas, ela aparece aqui, mas numa investigação do gesto performativo que ressoa das homenagens aos antepassados, dos gestos que permitem a alguém achar-se na ancestralidade diante da morte. Semelhante às ideias de Leda Martins, do tempo espiralar, no capítulo *Se a morte, não me matar tamborim,* do livro *Afrografias da memória o Reinado do Rosário no Jatobá* ao homenagear os membros do congado que se foram à resistência e manutenção da cultura dos congados:

> São agora, todos, nossos antepassados. Mas também nosso presente. Nas espirais do tempo, tudo vai e tudo volta, nunca o mesmo, mas o semelhante. Em nós ressoam seus ensinamentos, os cantos e falas que nos deram, os timbres de suas vozes, gestos, suas histórias e reminiscências, sua presença e nunca seu abandono ou esquecimento. Dificultosos têm sido os anos nos oratórios da memória. Perdas, padecimentos, lacunas, tormentas, faltas, às vezes descaminhos carecendo consertos, acertos e curas. Muitos de nós sucedemos as funções de nossos parentescos ancestrais. (Martins, 2017, p. 216)

Neste momento que escrevo, a morte chegou mais uma vez na minha casa, levando minha avó. Eu tinha acabado de combinar com minha mãe de irmos visitá-la no hospital, quando Paulo Victor me mandou uma mensagem com a notícia de seu falecimento. O que torna esse grito as linhas cruzadas de uma declaração de amor, um gesto de escrever o impossível feito de vencer a morte.

Tenho visto e vivido essas experiências desde que me entendo por gente; porém, agora, nesse grito, busco pelo gesto que eterniza a vida, numa tentativa de parar o tempo e trazer de volta a essência dos que passaram por aqui, transmutaram e inseriram sua vida nas curvas do tempo espiralar, no movimento da ancestralidade na performance, no gesto que "[...]então você lança o seu corpo na escuridão e apenas a luminosidade da luz negra é capaz de iluminar esse mergulho tão intenso no infinito"(Mombaça, Matiuze apud Silva, p.27, 2019). Busco, nesse gesto, tocar a imanência da vida procurando, nas mortes e lutos que carrego, "o lugar na escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida" (EVARISTO, 2005, p. 206).

> O amor nos convida a sofrer pelos mortos como um ritual de perda e como celebração. Conforme abrimos nosso coração e falamos sobre o luto, compartilhamos o conhecimento íntimo de nossos mortos, de quem eles eram e como viveram. Nós honramos sua presença nomeando os legados que nos deixaram. Não precisamos conter o luto quando o usamos como meio de intensificar nosso amor pelos que estão morrendo, pelos nossos mortos ou pelos que ainda estão vivos. (hoocks, 2020, p. 23)

Minha avó quase nunca falou de si. Tudo que sei sobre ela me foi dito por minha tia Sônia[103], sua filha mais velha.

— **Sônia**: Guiomar Marta Desidério nasceu em antigo São José que agora é Cidade Nova, localizada em Minas Gerais. Veio sozinha de Minas pra trabalhar, porque a família era precária, tristeza, triste. Ela veio só pra ajudar a família. Trabalhou muito em casa de família até ela se envolver com o miserável do meu pai que destruiu a vida dela, abandonando-a.

Quando Guiô vinha para minha casa ou eu ia para dela, tudo à minha volta era amor. Costela, manga, rabada, queijo. Ela sempre trazia 'queijo minas' e um abraço entrelaçado que corria o tempo em que ela estivesse. Minha mãe fala que eu sou enjoada de tanto que ela me mimou. Ela viveu 82 anos – incontáveis dias de estradas, voos, mundos, mortes, nascimentos, renascimentos, tranças de tempo e de amor. É doido o quanto que a gente celebra nas memórias de uma avó preta porque com ela eu sempre me senti tão amado!

[103] Sônia: Mulher preta, empregada doméstica, ex-mulher do falecido Jorge Negão. Era proprietária de um salão de cabelos afro, onde ensinou minha mãe a fazer tranças.

Guiô se encantou! Essa é a expressão que considero a mais bela, na tentativa de expressar um dos signos que me tocam em sua morte. Quando soube da notícia, fui até a rua 2, onde ela e parte da minha família paterna moravam. Meu peito era pedra de tanto aperto; faltava ar no espaço comprimido que agora sentia dentro de mim. Vi um tornado revolvendo destroços que me faziam *griteiros*. Estava apavorada. Ainda na rua avisto minha tia Norma[104] e algumas vizinhas. Nos abraçamos, viramos rio, mar de tristeza de quem não sabe se despedir.

—**Norma**: Minha mãe tá num bom lugar. Sua avó descansou.

As vizinhas começaram a contar do primeiro pedido que minha avó fez ao sair da sua última internação.

— **Guiomar**: Arroz, feijão, bife com batata frita.

Pouco tempo depois, no dia do seu aniversário de 82 anos.

— **Guiomar**: Dois copinhos de cerveja.

No enterro, toda a família apareceu. Me chamou atenção ver minhas tias e primas empenhadas em espantar a tristeza da morte.

—**Rejane**[105]: Gente, nada de tristeza, ela tá num bom lugar, só ela pra juntar tanta gente em festa e enterro. Ela tá vendo a gente reunida e feliz. Temos que beber sua passagem. Quem dera que alguém aqui chegue até essa idade dela, é uma dádiva dos céus morrer nesta idade.

[104] Norma: Minha tia mais nova por parte de pai, mulher preta auxiliar de serviços gerais. Ela morou um tempo em nossa casa quando meu pai morava comigo. Ela amava leite rosas, sempre lembro dela quando sinto esse cheiro, ela e meu pai são iguaizinhos, cuspidos e escarrados.

[105] Rejane:Mona preta, alegre, debochada e feliz minha prima, filha de Sonia e Jorge Negão a seguda das quatro filhas do casal. Numa de suas festas no Brizolão Samora Marchel, com o tema havaiano. Tinha uma piscina, nossos pais não deixavam entram pois eram só pra decoração. Ela falou primo finge que me esbarrou em mim pra gente tomar banho e assim foi feito, só ela e eu ficamos na festa dentro da piscina.

É intensa a cor que reluz quando a morta é uma vida preta que chega aos 82 anos. Não vibra a melancolia, apesar da dor. Mesmo sentindo perder tudo que se tem, a vida vibra, como a dizer que vai continuar se transformando. O silêncio, os beijos na testa, o passar mal da minha prima, ou o abraço de meu pai, tudo saudava minha avó e sua vida atravessadora de tempos, entendimentos e movimentos.

> Todo mundo da família sabia que a Vó Bibi iria morrer em breve, embora a mesma não tivesse nenhum problema grave de saúde, além das questões de saúde mental comum a idade, que embora seja um problema muito sério nos rendeu e rende até hoje lembranças familiares muito engraçadas. Ela morreu com 97 anos, 97... De onde viemos ter chegado a essa idade??!! Era algo mesmo para se ter orgulho e então minha família encarou esse "evento" de uma forma que me confundiu muito e conflitou com tudo que eu já tinha visto na tv ou pensado sobre a morte. Ninguém pareceu desesperado, havia uma tristeza, mas tinha um alívio, um respeito, um carinho pelo momento. E então minha tia Regina que morava comigo e cuidava de mim resolver ir na casa da Vó Bibi com a gente para dar um último adeus, meus outros tios tiveram a mesma atitude. Fomos na casa da Vó Bibi. E ao chegar lá me deparei com ela deitada. Na caminha dela. Como se estivesse dormindo, mas morta, mortinha. Minha cabeça de 12 anos na hora pirou. Lembro de me sentir inquieta, acelerada, quase todos meus outros priminhos estavam lá. Minha Vó Tina propôs que nós nos despedíssemos do corpo, dando um beijinho na testa. Todos fizeram. Eu também. Mas confesso que esperei outro clima para o momento, choros, medos... E não. Não foi assim, todo mundo deu beijinho na testa e disse "tchau" pra Vó Bibi, depois continuamos a brincar, os adultos se abraçavam, mas era um clima de carinho e leveza que fez com que o meu primeiro contato com a morte pusesse em xeque todas as minhas pré concepções sobre o morrer e sobre o luto (Jorge, 2020, p. 85-86)

Quando li o texto “A Morte”, de Andreza Jorge – minha ex-vizinha do tijolinho – , pude visualizar a força do gesto de quem se despede, de como a morte de alguém que tem seu ciclo de vida longo já apresenta a morte vencida, pois nem mesmo a agilidade capital de se matar, a veneração da morte e o poder lucrativo fechado com o racismo, não tiveram força acabar com a vida antes do longo ciclo:

> Vivemos e experimentamos a morte com rituais alicerçados nas nossas reinvenções possíveis de manutenção de uma existência de uma família racializada, pobre, favelada dizendo sobre o corpo morto de uma mulher atravessada por uma vida de dor e sofrimento (quase que inerentes neste contexto social aos seus traços identitários e sociais): Bença Vó.(Jorge, 2020, n.p)

Esta maneira de observar o gestos homenageia o ancestre apresenta na dinâmica dos espalhamentos da curvas do tempo espiralar onde a performance imprime outros campos de entendimento para a morte reverberada na corpa o que possibilita que multiversos se abram na comunicação feita pela memória que cria imagens e reconhecimentos de afetos construídos em vida: a existência da ancestralidade contida na

metamorfose da vida anunciada pela morte. Diante da destruição da perda **nasce** o gesto que **retalha** o tempo, o que permite que não se estabeleça o fim e sim um movimento de transformação da matéria: presente e o futuro; instâncias que não existem mais nas linhas intrincadas, comungam na mesma dilatação e espaço. Assim, a celebração do movimento garante o direito à memória, o fruto do singelo festejo contido na despedida – esta terrível experiência de vencer a morte.

Grafar estes verbos é vingança diante do fato, do corpo tombado, da vida tomada, da morte matada, do extermínio. No gesto renasce o louvor da vida em movimento. Constatar a morte é terrível, tocar a *corpa* fria é deserto, o corpo abatido abre janela pra alma despedaçada, as migalhas que são transformadas as pessoas que ficam. No entanto, nos gestos moram os feitiços que perfuram a realidade necrófila num diálogo entre vivos e mortos, uma comunicação que transcreve a realidade entre os tempos.

> A órbita da temporalidade ancestral, a primazia do movimento matiza os eventos, em processo de perene transformação. Nascimento, maturação e morte tornam-se, pois, contingências naturais, necessários na dinâmica mutacional e regenerativa de todos os ciclos vitais e existenciais. No movimento cíclico, há permanência e repetição em diferença. Nesse processo perpétuo de "ir-e-voltar da vida [...] não existe fim', pois a "vida é um contínuo por meio de muitos estágios [..] nos quais não existe morte nem ressurreição", pois "a vida é um permanente processo de mudança". Ou, como sintetiza Padilha: "A morte não corta a comunicação com os vivos, já que, pelo primado da força vital, todos os seres interagem, portanto, se comunicam. Tudo faz parte de uma mesma cadeia sintagmática, nada excluindo nada; a ordem dos vivos e a dos mortos se interpenetram, constituindo um universo significativo". Mesmo na morte, na dinâmica das transformações, incide o gesto profético do devir como reminiscência da metamorfose necessária para a urgência, emergência e continuidade da vida e do hálito sagrado que em tudo perenemente habita e se manifesta. Da morte nascem os ancestres, cujos rituais de passagem asseguram sua transcendência e presença. O ancestral é acúmulo de conhecimento que abrange toda a existência em seu entorno, inclusive a natureza, da qual faz parte e na qual se nutre. (Martins, 2021, p. 204-205)

No contato com esses escritos de Leda Martins pude ver minha vida entrelaçada por conhecimentos, estratégias, ligações do agora e ancestrais que me mantiveram conectado à essa matéria física chamada vida até o momento. Neste universo, mulheres poderosas, comprometidas em afastar a morte com simpatias, rezas, orações e mandingas; mulheres que chegaram à Maré expulsas de Morros como o do Esqueleto, dos centros e bairros da cidade; mulheres pretas, indígenas, nordestinas e de outros cantos do Brasil, que chegaram ao Rio de Janeiro na aventura da tão sonhada vida melhor, vidas empregadas, que encontravam nos ‘sufocamentos’ diários as magias, tecnologias das resistências de muitos tempos; senhoras avós inesquecíveis, que reavivam nossas

memórias quando chega o cheiro da chuva, da terra molhada, as fumaças expelidas no fazer do café e os segredos que revelam conhecimentos, aglutinações milenares em vencer a morte, nas sabedorias do tempo registradas em suas vozes quase sussurradas, seus rostos enrugados costurando, na pele, as histórias e a comunicação com Orixás e encantados.

Na infância eu acreditava que a morte que mais doía era a matada. Eu achava que doía menos a morte de quem morria de doença, pois de alguma forma a morte, ali, era natural. Até entender que muitas doenças levam à morte por falta de acesso, de dinheiro, ou mesmo do apodrecimento que o cotidiano gera na alma. Minha avó materna foi a primeira que eu soube que a morte levou: ela teve câncer. Eu era bastante novo. As crianças não foram levadas pro enterro; ficamos com a Gracinha[106]. Lembro-me de uma vizinha perguntando como eu estava. Respondi que estava bem porque ela morreu de doença e ninguém a matou. Percebi, no longo período da casa em silêncio, que outro tempo havia chegado.

Eu sempre vi a violência, a marginalidade e a morte serem enaltecidas nas narrativas sobre a Maré. Mas, na minha primeira experiência com a morte, ela me revelou outra realidade. Eu tinha uns seis anos quando minha mãe pediu para que acordasse minha irmã de quatro meses. Ela não acordava e eu não entendia o que estava acontecendo. Foi tudo muito rápido, mas a imagem que guardo é dos vizinhos levantando ela pro alto com orações, pedindo aos céus sua vida de volta. O que fica na minha mente sobre essa experiência não é a morte, mas a importância da vida neste lugar através dos gestos de quem compunha aquela cena.

O *start* dessa reflexão se deu bem mais tarde, na morte da minha prima Cindy. Antes de sua morte física, presenciei seu convívio, corpa, identidade e história sendo assassinados, dessa vez não apenas pelo Estado que negligenciou seu atendimento de saúde. Vi, ali, que família e amigos também matam, operando e ampliando, dentro de nós, o escárnio da morte. Isso ficou explícito durante todo o enterro da minha prima Cindy nos gestos que negavam sua existência como mulher. Foi o poder do afeto de quem ama que vi em Stheffannye, no meio do lodo, juntando as partes que não queriam ver da rainha do carnaval. Devolvendo a memória de uma travesti rainha do carnaval.

[106] Gracinha – Maria das Graças, mulher preta, sempre foi dona de casa, prima de minha mãe, que veio junto com minha avó, sua mãe e meu tio de Recife. Gracinha, teve um casamento muito chique, sempre diz que foi o dia mais feliz da vida dela, o dia que ela achou que ia ser livre.

— **Sthefannye**: Ela é dona de um sorriso estonteante que cativa o coração de quem esbarra com ela. Ela é amor e, por se amar, não negou ao mundo a chance de verem como ela se sentia, ela travesti, Rainha do Carnaval 2014. Sempre vou te amar e dar festa quando lembrar de você, porque você é festa!

Sempre que penso na morte da minha prima Cindy, sou tomado pela revolta de uma ressaca, além da saudade. Fico pensando em como a dona Firmina Pedra Ramos a protegeria. Firmina era sua avó. Uma indígena com os cabelos pretos muito compridos, baixinha de cara muito fechada, muito ativa. Não falava, agia! Quando abria a boca, a palavra que saía era como briga, mesmo sendo conselho.

Quando tive caxumba, minha mãe me levou na sua casa, na rua A. Dona Firmina pediu para sua filha Neide, mãe de Cindy, sair e levar a filha para a rua. Ficamos só ela, minha mãe e eu na casa. Eu tinha muito medo dela, o que aumentou quando ela fechou as portas. Lembro que ela pegou umas ervas fez umas rezas que ninguém ouvia direito. Enquanto rezava, tinha as ervas dentro da mão. Era como se e ela ativasse na erva a função que iria exercer. Em seguida, passou as ervas numa colher de pau e esquentou no fogão. Ela tinha dois fogões, um era igual ao de todas as outras casas e outro a lenha, improvisado. Para fazer o benzimento da caxumba ela usou o fogão a lenha. Depois disso, colocou a colher direto onde estava inchado, pressionando e repetindo o mesmo gesto por algumas vezes. Assim que me dei conta do que ela iria fazer me rasguei em lágrimas e gritarias. Minha mãe ficou tentando me acalmar, com olhos que não sei se eram de medo ou se eram para dizer que ficaria tudo bem. Por fim, Dona Firmina amarrou em volta de minha cabeça a fralda que minha mãe trouxe.

A discussão da rua invadiu a casa. Era sua filha que reclamava com a outra vizinha que não corrigiu seu filho, mesmo presenciando ele debochando e agredindo minha prima Cindy, por conta dos gestos de criança *viada,* algo comum entre mim e ela.

Assim que Dona Firmina entendeu a situação, lembrou a todos o porquê de terem medo dela: seu corpo baixo rugiu como um leão na direção da mãe do menino. Quando cansou, levantou de cima da mulher que estava machucada. Firmina, bem calma, disse que se ela não ensinasse o filho a cuidar das pessoas, ele poderia se machucar mais do que ela. Chamou minha mãe e foram para dentro da casa. Apanhou um xarope de ervas e entregou para minha mãe. Eu deveria tomar até me curar.

Desde pequeno sempre apresentei uma saúde muito frágil. Minha mãe já tinha perdido uma filha e se agarrou em tudo que podia para que eu permanecesse viva. Do lado da minha casa morava a Dona Fiinha (Maria Rosa Nunes)[107]. Mãe da Nega e da Dila, dona Fiinha trabalhava muito e, quando estava por perto, não escondia a sua predileção por Hugo, meu primo, seu primeiro neto. Era negra com uma cara de madame. Sua filha, minha tia Nega, é a cópia de Dona Fiinha.

Fiinha era uma mãe de santo que recebia uma Preta Velha que dava consultas para os da família. Todos a chamavam de Vovó. Íamos até a Vovó, levados por nossas mães, para que ela nos defumasse e desse orientações para nossas criações e curas. Minha mãe vivia dizendo que foi ali, com a Vovó, que fui curado da bronquite.

Por volta dos sete anos, numa dessas consultas, lembro que Vovó, depois de me dar uns passes e me defumar com seu cachimbo, disse para a minha mãe que eu tinha muita luz e que luz atrai olho grande. Minha mãe precisaria cuidar disso sempre que eu ficasse doente. Mesmo sendo evangélica, até hoje quando fico doente, a primeira coisa que minha mãe diz é para eu tomar um banho, pois a água limpa tudo que tem que sair.

Dona Jovem era a única que não era tão próxima. Morava na rua 5, detrás da minha atual rua, que é a 4. Ela era uma senhora negra bem retinta, baixinha, com os cabelos bem brancos que saltavam do lenço em volta da cabeça, amarrados na nuca. Sua voz era mansa, parecia fazer carinho. Ela era rezadeira. Lembro-me que ela ia batendo de leve com um molho de arruda e fazendo rezas que marcavam as batidinhas da planta. Sempre que sinto cheiro de arruda aproximo-me dela. Quando comecei a fazer pré-vestibular fiquei amigo de Raphaela. Em seu aniversário, fiquei muito feliz ao ver que sua casa era a mesma em que eu ia à rezadeira, Dona Jovem. Quando comentei, Raphaela me disse, bastante animada, que Dona Jovem era apelido de sua avó, mas que seu nome era Maria Joventina dos Santos. Falar sobre sua avó fez Raphaela diz sentir-se muito bem.

O contato com essas mulheres costurou toda minha infância, escrevendo em minha corpa a convivência com heranças da cosmogonia afro-indígena. Meus olhos foram testemunhas das elaborações tecnológicas que estas mulheres enraízam na performance das suas existências, estabelecendo nas crenças e ritos o poder das plantas e da ancestralidade como um saber que cria futuros de existência para corpas como a minha. Esses elos afetivos que constroem na corpa a rememoração de muitas civilizações, pois...

[107] Dona Fiinha é o nome pelo qual todos chamavam Maria Rosa Nunes.

> [...] Em tudo que fazemos, expressamos, o que somos, o que nos pulssiona, o que nos forma, o que nos torna agregados a um grupo, conjunto, comunidade, cultura e sociedade. Nossos mínimos gestos e olhares, as eleições de nossos paladar e olfato, nossa auscultação e respostas aos sons, nossa vibração corporal, nossos torneios de linguagem, nossos silêncios e arrepios, nossos modos e meios de experimentar e interrogar o cosmos, nossa sensibilidade; enfim, em tudo somos, e nos modos como somos, respondemos cosmopercepções que nos constituem. Respondemos também a concepções de tempo e de temporalidades, tanto em nossos rituais do cotidiano quanto nas culturas que as manifestam. (Martins, 2021, p.21-22)

Nesse movimento de nascer e morrer, o luto é uma travessia. A corpa é o próprio feito de uma pessoa que venceu as sentenças de sua morte, inclusive nos momentos em que as mesmas matam a normatividade ao seu redor. No terreno da dor, uma morta chama a outra, às vezes juntas, se revezando vão compondo um dia dia onde não se tem tempo de refazimento. Uma dinâmica cruel de remodelar a vida na dor. A rota dos estilhaços, este movimento feito sem ordenação, é a matéria da negrura que escreve nas vidas pretas a solidificação da existência do impossível, pois as vidas pretas se fazem presentes na *imorribilidade*. O mundo dessas vidas é a própria quebra da linearidade e lógica da morte. Corpos que habitam o movimento improvável.

> Eles virão para nos matar porque não sabem que somos *imorríveis*, não sabem que nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras. Sim, eles nos despedaçarão, porque não sabem que uma vez aos pedaços nós nos espalharemos, não como povo, mas como peste, no cerne mesmo do mundo e contra ele (Mombaça, 2021, p. 28)

É nesse terreno da vida *imorrível*, fecundada no impossível social, essa noção de manifestações que se fazem com e na outra descredita a noção de perpetuação de um estado de morte. Além da brutalidade, além da colonialidade, além do mundo criado pelas diásporas como marcas das experiências e narrativas das vidas insujeitas no desejo que movimenta o renascer no do gesto que repovoam as existências diante da vida que é covardemente assassinada. No dia 14 de março de 2018 vimos nascer a terrível pergunta: quem mandou matar Marielle Franco? Dia 14, dia no qual encontramos, na morte, a desesperança. Uma das experiências mais terríveis até aqui vividas. Ela chegou imobilizando e cercando tudo à nossa volta de pavor e medo. Fomos jogados num abismo onde não era possível enxergar nada além do terror. Momentos, afetos e desejos de construir uma sociedade mais justa. Sua luta e tudo o que representa atravessou a Maré. Em nossos corações a revolta. Jaqueline tem certeza de que ela seria presidente do Brasil.

Dia 14 foi um dia que o Rio de Janeiro chorou a injustiça que fizeram com minha amiga. No desabar dos céus, seguimos chorando em caminhada nas ruas e no gesto de cravar nossa urgência por justiça, caminhamos muito nas ruas pedindo, além de justiça, o selo de uma ocupação que exige que parem de nos matar. Esse luto não estanca nos que te amam e mesmo diante. Dia 14 a corpa dói.

Nesse mesmo ano a morte correu como um vento. Eu estava em Salvador**,** 20 de outubro. Foi quando eu morri, foi quando senti que meu coração parou e, como numa sucção, a vida tinha sido arrancada de mim na notícia que acharam a corpa da Iury depois três dias morta dentro de casa. O vento soprou sua idade: 25 anos. Os sonhos que tinha estavam enterrados, e minha mente ainda vibrava o grave mais terno da sua voz, Iury ali sozinha no frio e silêncio daquela casa. Olhando pra baía de Todos os santos, no desespero de recapitular os seis anos que compartilhamos, na correria de se certificar que não fosse esquecido um detalhe, lembrei:

— **Iury**: Quando eu morrer, eu não quero tristeza, quero festa, a morte é uma festa da vida.

Salvador foi o lugar do sonho da nossa lua de mel; agora era a festa mais triste que dancei. No gesto pra que sua passagem se desse tranquila, compramos fitas com suas cores preferidas e velas na igreja do Bonfim, fomos para um lugar onde a vista era paradisíaca e rezamos, tinha tempo que eu não fazia isso, depois seguimos a homenagem e, a seu pedido, fomos para uma festa em meio ao Pelourinho. Margareth Menezes embalou a nossa dor. A Bahia foi a festa do seu movimento, onde sangrei o amor da minha vida, depois disso, vivo o quinto amor da minha vida. A notícia veio rasgando uma das vidas que tive, o dia em que viajei para o universo, o dia em que morri, o dia em que o tempo se confundiu. No meio das imagens entre as quais eu estava perdido, me veio um café da manhã, um emaranhado de fibras doces que foi estalando na minha boca, o gosto da sua fruta preferida. A melancia é, para mim, a materialidade de sua doce presença, a certeza de que a morte não te desfez; a melancia é a água mais doce da sua saudade e de poder sentir que você está em tudo. Meu desespero de não te esquecer é acalmado nas águas doces da melancia!

Esses lutos, apesar de muito violentos são desmanchados pelas imagens e portais abertos pelos gestos, sendo eles fagulhas de repovoamento das formas que poderemos habitar junto com quem se foi o futuro. Na ideia do *imorrível* em Mombaça, a vida alcança outras condições de imaginário cercado das direções que pulsam as existências rebeldes nos conectando com outro. É nesta paisagem de encruzilhamento da saudade com o público, com os sentidos vivenciados pela própria corpa e do gesto que homenageia o ancestre, que a morte é visitada (e/ou revisitada). É neste *terreno-movimento* que é possível invocar as cosmopoéticas negras e seus traços nos gestos e feitiços até aqui, como também apontar tais movimentações na memória dos antigos shows da Noite das Estrelas, na medida em que se faz através da fricção da memória de uma cultura preta, suas comunidades e fluxos carregados de afeto, companheirismo ou da simples crença a quem se foi; essa memória desobediente que transmite traços de mundos nas visões da metamorfose:

> Toda paisagem é rosto. Os traços de um território remetente ao traçado de uma partitura que seus habitantes, humanos e não humanos, tocam e retocam constantemente, engendrando assim uma esfera da existência cujas as pulsações — em contraponto a uma multidão de outras esferas — Contribuem para o movimento perpétuo de inspiração e expiração da biosfera chamada terra. Pode levar em conta a infinita pluralidade dos pontos de vista não humanos, a cosmopoética nos imerge num pluriverso ondulante. Nas cosmologias ameríndias, aborígenes ou bantus, o sonho não se opõe a realidade; antes constitui sua dimensão mais profunda: os contornos e categorias se esvanecem para dar lugar ao curso das metamorfoses. (Bona, 2021, p. 12 - 13)

A presença das religiões de matriz africana pode ser considerada um dos traço presente nas relações interpessoais das pessoas integradas ao show da Noite das Estrelas, fazer esta afirmação só é possível pela quantidade de narrativas que desdobram o axé na vida dos integrantes da cena que compõe o shows. Estas costuras as vivências do cotidiano permitem a forja de um pensamento em que as performances estão preenchidas das sabedorias, inteligências e entendimento da vida sobre outras dimensões. Vale lembrar que na época dos shows a Maré tinha uma presença forte dos terreiros no território tais informações nos permitem articular as visualidades de valores e maneiras de se manifestar a vida, entre gestos seja eles ritualísticos, provisórios ou improvisados onde a relação com a morte já está impregnada de nexos e lexos da liberdade, tendo em vista que as religiões em si carrega o legado preto em resistência à escravização:

> É que a reinterpretação brasileira (quando não colonial) do legado simbólico africano sempre foi, predominantemente, ético religiosa e, mais raramente, política. Quando consegue, por intermédio de elaborações intelectivas e afirmativas, a tradição negra insere-se historicamente na formação social brasileira para oferecer, em termos éticos ou religiosos, outra cosmovisão da vicissitude civilizatória do escravo e seus descendentes. Dos símbolos, dos desdobramentos culturais de um paradigma (a *Arkhé* africana, manifestada num sistema axiológico em que se articulam valores éticos, cerimônias, sacrifícios e hierarquia), emergem representações capazes de atuar como instrumento dinâmico no jogo social de estratos historicamente à margem da cidadania plena. (Sodré, 2017, p.113)

— **Mais Bonita**: Quando eu escuto sobre os shows, encontro muitos elementos como as escolas, como estrutura, o envolvimento religioso, porque o Derley era pai de Santo, tinha festa junina, escola de samba e por aí vai. Vocês tinham essa dimensão, de como vocês estavam envolvidas em vários elementos culturais?

— **Marcela**: É, a gente mexia com isso tudo e era aquilo, que era bonito, da mistura de raça, de profissão, de religião, até os crentes ia pro show gay ver, pra tu vê! Mas hoje em dia tudo mudou, hoje em dia se você fazer um show gay… o ser humano é tão ignorante, que teve uma vez que teve um show gay na Baixa, na festa de rua, junina né, eu fiz aquele dance da macumba, não sei se vocês conhece. A travesti de lá de fora, a Marcinha do Corintho, e eu vim de mãe de santo, mas por debaixo eu tava de diaba, cara, foi surreal, minha prima era da igreja, tava assistindo e depois veio falar "ah negócio de macumba", sabe a lógica da pessoa?! Eles vê lá "a macumba", gente macumba pra mim é instrumento, é uma cantiga.

Figura 38– Fotografia – arquivo pessoal de Rosangela, filha de santo de Derley.



Na foto Derley em seu terreiro em uma das cerimônias religiosas data desconhecida.

Outro momento onde é muito forte a expressão do gesto a quem se foi se encontra no final dos shows, um dos momentos mais emblemáticos a ser destacado. Todas as artistas subiam ao palco e dublavam em coletivo a música "Ser de luz"[108], na versão de Alcione, em homenagem aos LGBTQIA+ mortos e às que vieram antes. Pantera ao lembrar deste momento trouxe a tona outra memória em que o axé tece as relações das pessoas que integraram os shows e na narração o gesto de lembrar quem se foi constrói um universo íntimo e particular destas experiências que vencem a morte.

— **Marcela**: É chamava todas que fizeram o show, aí cada uma falava uma coisa no microfone e homenageava aquelas que já se foram. Botava até aquela música do cantor, que foi do negócio das Olimpíadas, não?! Lá nos Estados Unidos, ai, esqueci, era inglês a música. Que vários cantor cantava. Tina Turner, Michael Jackson…

— **Paulo Victor**: We are the word?

[108] Composta por João Nogueira e Paulo César Pinheiro, essa canção se tornou muito conhecida em razão dela ter sido escrita como homenagem à Clara Nunes, após a morte da cantora. Para saber mais sobre, acessar esse vídeo com uma fala de João Nogueira a respeito da canção e morte da cantora. https://www.youtube.com/watch?v=ogDBDEIKKdc - Acesso em: 14/05/2022

— **Marcela**: É essa aí. Era essa e tinha uma outra. E tinha Um ser de luz, da Alcione, que quem era fã era o falecido Derley, o pai de santo. Ele ficava doidinho, quando eu até raspei santo na época, entrei para o candomblé. Eu fui no candomblé dele e ele não sabia que eu tinha feito santo na época, aí meu pai pequeno morava na favela também e falaram que tinha candomblé do Derley, que era Olubajé, eu tava de quelê de casa, eu era novinha de santo, mas falei "eu quero ir", mas eu não podia ir só, aí meu pai pequeno foi comigo. Quando eu cheguei toda de branco, cabeça baixadinha na porta do barracão dele, já tinha um povo já dentro e ele tava defumado, quando ele deparou comigo na porta, ele largou o negócio e ficou paralisado, aí ele começou a chorar, e ele falava que não imaginava nunca eu fazer santo, "eu te via no Noite das Estrelas, nos palcos, brilhando, eu nunca imaginei que você ia deitar pro santo". E aquilo ali foi um choque pra ele, porque eles ficavam brigando na época, ele e o Menga, pra quem ia me fazer e eu não gostava de candomblé, eu ia porque eram meus amigos, tinha a festa como todas iam, respeitava, só que não era meu eu ali, mas calhou de eu ter que fazer santo. Cara, ele chorou muito. Eu novinha, de quelê, virei. Que a emoção dele não podia me emocionar por causa do quelê, aí Iansã pegou minha cabeça, ele perguntou se podia vestir minha santa no Olubajé lá, e meu pai pequeno disse que "tá, é iaô, não coisa muito porque ainda tá nova de santo" e aquilo foi um presente pra ele e pra mim. Depois que passou tudo, ele viu que eu cumpri o resguardo, tudo certinho, "você é uma travesti de santo, você é do orixá, você não arrebentou quelê, você não arrebentou preceito, te admiro". Quando ele morreu foi um choque pra mim, aquilo ali foi cruel o que fizeram com ele, aquele cara foi cruel mesmo.

— **Paulo Victor**: Vocês eram muito amigos?

— **Marcela**: Era. Ele saia na escola de samba do Jacaré, destaque. Quando tinha show gay ele vinha, se apresentava como destaque e eu sempre acompanhava ele. Assim, ele me levava pra sair nas escolas, eu, Suzana, Carlota, Valquiria, e eu novinha, mas a gente ia com ele.

Esse acúmulo de elementos e seres que pulsam pluriversos constituem mundos. Ou seja, a vida como um conjunto de ecossistemas existentes na presunção das perspectivas das culturas africanas e indígenas que formam a malha sobre a qual se

desdobram as memórias de Érika e Marcela, nos encontros que elas falavam da Noite das Estrelas. Nesses eventos, parecia que se instalava um movimento memorial, no qual vivos e mortos comungam sobre a narrativa dos shows, e na rememoração, um gesto de trazer de volta as que se foram. Elas falavam da Noite das Estrelas, falando das que se foram, dos seus parentes e das que vieram antes que o próprio show.

— **Marcela**: Hoje não taria mais as antigas né, tem poucas. Teria que fazer a homenagem pra aquelas que se foram. E achar as novatas é difícil, porque nenhuma quer subir no palco, mas quer ficar jogando o cu pro alto no baile, aí não quer. Seria até uma boa montar esses shows ou na rua, ou ali na Quadra do Gato. Ressuscitar a Noite das Estrelas, porque o povo sente falta. Na época que teve a Parada Gay, que foi ali na Teixeira, que foi a Gilmara que botou, eu fiz uma música da Zezé Motta né, representando a Carlota. Teve mulheres das antigas que chorou, que quando eu desci do palco veio me abraçar, me parabenizar por aquilo ali, por ter lembrado, acho que foi até parente da Carlota, não sei se foi tia, entendeu?! Ela veio me abraçando e falou "ai ,o Carlinho era meu sobrinho", depois veio o sobrinho "dele", da Carlota. E aquilo me gratificou, de fazer uma homenagem pra uma amiga minha das antigas, fazendo Zezé, que aquilo ali era a marca dela na Nova Holanda, todo show gay ela poderia fazer qualquer música, mas ela tinha que fazer a Zezé que era a ordem do Jorge Negão. Era em qualquer lugar, não era só aqui, não, na Baixa também, o povo tinha já aquilo, uma marca registrada dela. Quando ela chegava "Ai, Pérola Negra tem que fazer a Zezé", aí ela fazia a música que ela queria fazer e depois vinha com "Zezé pro povo". O povo subia, as crianças gritavam.

Os encontros com Érika e Marcela, elas não se lembraram de data, de música... tudo se confundia nos compartilhamentos das memórias dos shows, mas elas não se esqueceram dos nomes das artistas. A importância de falar o que considero aqui como um gesto que rompe estas corpas dos silêncios da morte. Falar de quem veio antes tenciona a fala como existência material de uma ancestralidade LGBTQIA+ favelada, assim como discorre Jaqueline na entrevista que deu origem ao artigo Amar na Maré, do Entidade, para a revista Piseagrama 2021.

> Exatamente, o espaço público é pleiteado, ocupado e não é rechaçado, é ovacionado. As pessoas que estão naquele palco são ovacionadas, da criança ao idoso. Aos poderes que estão intrinsecamente cortando aquele lugar. É

> muito intenso, é muito forte, é muito foda. Você saber que esse movimento existiu, a gente viu e foi acessar ele pelas figuras vivas desse movimento. E também pelas figuras que infelizmente fizeram a passagem, mas que estão dando... eu sou macumbeira, então assim, para mim é isso. É ancestralidade na veia. E a minha ancestralidade não passa só por pessoas negras que foram escravizadas. Passa por pessoas que viveram antes de mim e que, porque elas viveram, eu vivo. Porque elas viveram muitas situações de violência ou não, que eu estou aqui podendo falar com vocês até. Então a minha ancestralidade vai além da minha bisavó. Vai de quem construiu o mundo para que eu pudesse estar nele. Isso é muito importante, essas pessoas são as minhas ancestrais. Elas podem não ter nenhuma relação carnal, sanguínea comigo, mas elas são minhas ancestrais também. Porque graças a elas eu posso virar para você e falar "eu sou uma mulher negra, sapatão, macumbeira, favelada, e está tudo bem. Eu sou isso e não tem ninguém que vai me tirar isso. Ninguém me tira o que eu sou. Então é muito importante para mim saber que essas pessoas existiram antes de mim. E por isso esse movimento é tão importante, é tão bonito estar podendo revisitá-lo neste momento.[109]

Durante os ensaios do processo do filme, seu pai faleceu. Paulo e eu falamos para ela tirar alguns dias de folga. Estávamos junto quando ela planejava os gestos de sua homenagem para além do ato fúnebre, encontrando na vida vivida com seu pai o gesto que espiava como tudo tinha que ser. Após dois dias, ela volta aos ensaios.

— **Jaqueline**: Eu tô aqui porque esse espaço tem sido muito importante pra mim neste momento de pandemia. Eu tô aqui porque não me agarro a essa história que meu pai descansou, pois eu sei que ele queria tá vivo.

> O corpo negro tem intimidade com a morte. Não apenas por conta dos ininterruptos atentados contra nossa vida material e/ou subjetiva, a morte matada empurrada goela abaixo dos vivos. O corpo negro é íntimo da morte dançada, com quem se partilha o café sem açúcar, a fumaça, a comida, a cachaça. A profunda conexão - ou as tentativas de reconstruí-la com o passado - presente dos ancestrais compreende a memória como elo fundamental de construção do futuro, individual e coletivo. Onde a vida é soterrada pela violência racista, é a memória, desobedecendo a morte, quem transmite as estratégias para a construção de novas possibilidades de existência. (Santos, 2021, p. 22)

Essas manifestações que constituem concepções da nossa cultura renascem no saudosismo dos gestos produzidos diante da morte. Pouco tempo depois do lançamento do filme Alessandra Makkeda[110], teve uma morte súbita o que pegou as pessoas que a

[109] https://piseagrama.org/artigos/amar-na-mare/ Visto em: 11/02/2023

[110] Alessandra Makkeda : Mulher preta trans começou sua trajetória no ativismo em meados dos anos 2000, integrando o Grupo Arco-Íris, onde foi intérprete de Libras no projeto de prevenção para homens gays com surdez e na organização da Parada do Orgulho LGBTQIA+I+. Ela também foi responsável por fundar o Instituto Transformar Shelida Ayana, composto por Mulheres e Homens Trans, Transmasculines

conheciam de surpresa. No entanto, na produção da escrita lembrei de uma conversa de Makkeda comigo. Que diante da feitura do filme ele próprio se torna instrumento e objeto das manifestações que eternizam as existências e movimentos compartilhados na tecitura deste texto.

Alessandra Makkeda: Olha bixa, eu luto pra imprimir junto a minha imagem a ideia de uma travesti que é intérprete de libras. Daqui a pouco as mais velhas e muita gente que tá no filme virarão outras matérias, transformando também a matéria do filme. O que fico feliz é que nesta matéria eu serei vista com a imagem que eu guerreio pra estampar, uma travesti preta intérprete de libras.

Com isso, é preciso afirmar nos gestos aqui invocados diante do luto apresentam imagens e movimentos que as concepções ocidentais não dão conta. As epistemes estabelecidas pelo gesto insujeito acontecem na malha de interações e afetos, que ligam o renascer ao ato de vencer a morte através um remonte memorial transfigurante do existir.

> A quebra não se define porque não cabe em si mesma, porque quando uma vidraça arrebenta, os estilhaços correm para longe, sem nenhuma ordenação plausível. Tendo como exemplo essa imagem, e finalmente me aproximando o mais possível de uma definição: o que aqui chamo quebra não são estilhaços, mas movimento abrupto, errático e desordenado do estilhaçamento. (Mombaça, 2021, p. 24)

A rota dos estilhaços, este movimento feito sem ordenação, é a matéria da negrura que escreve nos gestos que reuni neste grito para compor um outro tipo de noção das vidas pretas, no qual a solidificação da existência do valor e continuidade desta vida são escritos pelos gestos que em luto saudam a corpa. Suas vidas se entrelaçam na ancestralidade como princípio das cosmovisões africanas, onde em poética, o corpo compõe uma performance anelada pelos cosmo, as cosmologias da imorribilidade da vida preta. O mundo dessas vidas é a própria quebra da linearidade e lógica da morte. Corpos que habitam o movimento improvável.

---

e Travestis, que atua no combate à LGBTQIA+Ifobia. Conheci Alessandra novinha no projeto Rap da Saúde um projeto de promoção de Saúde da secretaria municipal de promoção de saúde. Alessandra a companhava o projeto sendo intérprete de Libras.

— **Marcela:** A vida, estrela é o brilho da vida né!? A noite é tudo, é mágica, é magia.

— **Érika**: Bom, eu acho que cada uma de nós já é uma estrela, só pelo fato de nós é afrontar essa sociedade, como nós afrontamos é superando barreira a cada dia, sofrendo preconceito, discriminação, sendo taxada como marginais. Eu acho que quando a gente supera tudo isso que a gente afronta, tudo isso nós já se sentimos uma estrela, porque não é fácil.

Ou, desejo de permanecer viva.

— **Érika**: Era muito gratificante fazer, porque a gente estava mostrando o nosso trabalho, pras pessoas que não tinham esse conceito, essa visão. Era um modo também da gente, como é que eu posso dizer… se posicionar como ser humano, independente que seja gay ou trans, ou travesti. Não pode deixar morrer essa coisa porque isso é como se fosse um grito, um grito nosso, um grito de sobrevivência.

No Filme Noite das Estrelas, essa ideia de um "grito nosso" se *monta* no aniversário de Madame, onde, na laje, os diálogos de liberdade se *montam* nas performances e corpas das artistas misturadas aos vídeos e fotos de registros dos shows, fragmentos de memória que resistiram aos sufocamentos da morte e que são entregues, como presente, para Paulo e eu. No filme, essa comunhão dos tempos com outras realidades – vivas e mortas – se metamorfoseia, se movimenta e festeja a travesti em seu aniversário, ao mesmo tempo em que decreta o seu nascer novamente. E, como quem aprendeu com as mais velhas a falar das que vieram antes e que estão comigo nesta escrita, registro aqui, para além da saudade, os nomes daquelas que imanam, com suas presenças, os movimentos de uma ancestralidade LGBTQIA+ favelada que nos leva a afirmar que a Noite das Estrelas está aqui.

Com isso é preciso agradecer a todas que são matéria carnal e invisível da produção e flexão imaginária que concebe esta pesquisa. Entre elas, as que não tiveram seus nomes citados mas, se fazer na junta da ancestralidade, o pilar que possibilita a inscrição e existência da performances pretas com amor e gratidão a Érika Ravache, Marcela soares, Catucha, Carlota, Beni, Bambi, Roberta de Sami, Menga, Duda, Danda,

Kaká, Suzana, Sérgio Pantera, Nem do Rubens Vaz, Alex, Ronaldo, Cristiano Pato Roco, Laura de Vision, Cindy Bela Boneca, Buzunta, Berg, Djalma, Gilmara Cunha, Pérola Negra, Soraya, Monique Raysson, Duda Vaz, Alessandra Makkeda, Mauro, Larissa, Fernando, Leticia, Valquiria, Lorrane, Roberta de Samy, Xica Manicongo, Tybyra, Jaqueline Andradre, Paulo Victor Lino, Dominick de Calafrio, Érika Ravache, Marcela Soares, Érika Batista, Megg Rayara, Rodrigo Reduzino, Fátima Lima, Jade Maria Zimbra, Marco Fera, Marcos Carvalho, Livia Laso, Jaqueline de Jesus, João Nyn, Jota Mombaça, Musa Michelle Matisse, Mariah Rafaela Silva, Carla Juliana Bezerra Santos, João Paulo Rodrigues, Matheus Affonso, Gabriela Freitas, Lais Dantas, Lais Laje, Marielle Franco, Iury de Carvalho Lobo, Ludmilah Morena, Tainã Miranda, Rodrigo Menezes, Adriele Vieira, Vicentina Flor, Diego Deleon, Pedro Bento, Peterson Oliveira, João Pedro Zabeti, Gabriel Horst, Romário Mello, Carlos Marra, Paulete, Larissa, Fernanda, Nataly, Cristiane, Zito, Menga, Derley, Luiz Otávio, Duda, Nádia Lucia, Bem Medeiros, Wellington de Oliveira, Bruno Santiago, Larissa Fernandes, Livia Laso, Marcos Carvalho, Alessandro Feccar, Madame Satã, Milu Magalhães, Lorrany Sabatella, Soraya Maria, Khatita Gringa, Monique Raison, Bateria do gato, Nyara Wassa, Joa Assunção, Kastellany, Arthur Azevedo, Codazzi Idd, Lua Brainer, Luis Otávio, Camila Rocha, Mauro Ferreira, Matheus Affonso e muitos outros esquecidos mas escritos nas revoltas que se juntam em nossas corpas.

Referências bibliográficas

AFFONSO, Matheus; ANDRADE, Jaqueline; LINO, Paulo Victor; LINO, Wallace. PROJETO ENTIDADE MARÉ. **Amar na Maré**. Piseagrama, Belo Horizonte, nº 15, 2021, p. 10-17. Belo Horizonte.

ARAÚJO, Helena Maria Marques **Museu da Maré: entre educação, memórias e identidades - Referências e anotações** Tese de doutorado de Pós Graduação do departamento de Educação da PUC-Rio. 2012

Arquivo de pesquisa do Projeto Entidade Maré.

BOITA,Tony; BAPTISTA, Jean; WICHERS, Camila **O que é museologia LGBTQIA+?** Revista Memórias LGBTQIA+, Ano 7, ed.12, 2020)

BONA, Dénètem Touam. **Cosmopoéticas do refúgio.** Tradução Milena P. Duchiade, Florianópolis, Cultura e Barbárie, 2020.

COATES, TA-Nehisi. **Entre o Mundo e Eu**. Tradução: Paulo Geiger. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

EVARISTO, Conceição, 1946-2017 **Becos da Memória** Evaristo. 3. ed. Rio de Janeiro.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo –Anotações sobre Escrevivência** . Organização Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes; ilustrações Goya Lopes. -- 1. ed. --Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, Conceição. **Olhos d'água** – 2. ed. - Rio de Janeiro, Pallas Míni, 2018.

FERREIRA da SILVA, Denise - A **Dívida Impagável**, Tradução: Amilcar Packer e Pedro Daher. Edição: Oficina de Imaginação Política e Living Commons, São Paulo: 2019 ISBN 978-85-7715-615-3

GADELHA, Kaciano. **Corpopolítica: Errâncias poéticas descolonizando roteiros.** Revista Palco Giratório: Circuito naciona/ SESC Departamento Nacional. 2018 ISSN 2317-1696

GOMES, Carolina Almeida. **A arte da pedagogia ou a pedagogia da arte- Um estudo de caso sobre a Cia Marginal.** Trabalho de Conclusão de Curso de Ensino do Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) Centro de Letras e

Artes como, orientado pela Profa. Dra. Marina Henriques Coutinho.

GONZALES, Lélia. **Primaveras para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa.** Diáspora africana: Editora Filhos da África, 2018. 486 páginas 1ª edição
Guia de ruas, Maré 2012.
HARTMAN, Saidiya. **Vidas rebeldes, belos experimentos: histórias íntimas de meninas negras desordeiras, mulheres encrenqueiras e queers radicais.** Tradução Floresta. São Paulo: Fósforo, 2022.
hooks, bell **Olhares negros: raça e representação**. Tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
hooks, bell, 1952 **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. Tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2020. 272 p. ISBN 978-65-87235-24-0
hooks, bell. **Vivendo de amor.** Tradução de Taísa Mendonça. 2010. https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/

JORGE, Andreza. **A morte.** revista Pandemia crítica. 11- 1 edições https://www.n-1edicoes.org/textos/43 Visto em: 03/02/ 2023

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Xica manicongo: a transgeneridade toma a palavra.** Revista docência e Cibercultura DOI: https://doi.org/10.12957/redoc.2019.41817

JUNIOR, Ademiel de Sant'Anna. **Exercícios de atrevivência** Dissertação de mestrado Universidade Federal do Rio grande do sul Instituto de Psicologia Programa de pós-graduação em psicologia social e institucional Linha de Pesquisa: Clínica, Subjetividade e Política 2021.

KILOMBA, Grada. Entrevista Revista Cult, n. 211. Abril, 2016. n-1 edições
https://www.n-1edicoes.org/textos/43

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Tradução de Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider: Ensaios e conferências.** Tradução de Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

LYRA, L. de F. R. P. de . **Uma academia toda nossa.** DAPesquisa, Florianópolis, v. 15, n. esp., p. 01-08, 2020. DOI: https://doi.org/10.5965/ 1808312915252020e0027.

Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/article/view/17928.

LYRA, L. de F. R. P. de. **Escrita acadêmica performática... Escrita F(r)iccional: Pureza e perigo.** Urdimento revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 2, n. 38, p.1- 13, ago./set. 2020. DOI: https://doi.org/10.5965/1414573102382020003 . Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/17759/11964

MARTINS, Leda Maria. **Performances da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória**. Revista letras número 26° Língua e Literatura: Limites e Fronteiras. 2003. (26), 63–81. https://doi.org/10.5902/2176148511881

MARTINS, Leda Maria. **Performances da Oralitura: Corpo, Lugar da Memória**. - 1.ed - Rio de Janeiro: Cobogó.

MEIRELES, Flávia. **Corpos/Corpas/Corpes Dissidentes e a Cena Artística**: **Políticas da diferença**. In: Moringa – artes do espetáculo. Volume 11, número 1, 2020. p. 33-47.

Memória e identidade da Maré - Núcleo de Memória e Identidade, 2012.

MOMBAÇA, Jota. **Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência.** São Paulo: Oficina de Imagina Política, 2016.

São Paulo: Oficina de Imagina Política, 2016.

MOMBAÇA, Jota. **O mundo é meu trauma**. PISEAGRAMA. Belo Horizonte, número 11, p. 20- 252017.

MOMBAÇA, Jota. **Não vão nos matar agora/ Jota Mombaça** Rio de Janeiro: Cobogó 2021.

MOTEN, Fred. **A Resistência do Objeto: O Grito de Tia Hesteri.** Tradução Matheus Araujo dos Santos. Dossiê A Música e suas Determinações Materiais 2022. https://revistaecopos.eco.ufrj.br/ ISSN 2175-8689– v. 23, n. 1, 2020 DOI: 10.29146/eco-pos.v23i1.27542

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Beatriz. Texto e na narração do documentário **"Orí"** de Raquel Gerber. 1989.

RAMOS, Sara Martins. **O tempo de exu: necropolítica, história e memória em**

kindred Revista de Literatura, História e Memória Dossiê: Manifestações de re-existência: a literatura em tempos de repressão ISSN 1983-1498 VOL. 16 - No 27 - 2020 U N I O E S T E / CA S C A V E L - p. 155-175

RATTS, Alex. **Eu sou atlântica sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento** Instituto Kuanza, Imprensa oficial. São Paulo 2006. ISBN 85-7060-359-2

RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas.** Rio de Janeiro, Morula 2018.

SANTOS, Carla Juliana Bezerra dos. **Pretofagia: monumento e cena como voz de fantasmas e lugar de afetos**. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado em Estética e Teoria do Teatro) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

SODRÉ, Muniz **Pensar nagô** - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. Bibliografia
ISBN 978-85-326-5708-4- Edição digital

SODRÉ, Muniz **Ubuntu negras utopias** - Organização Renata Souza. Rio de janeiro. Luiza Mahin Selo da mandata 2019

SILVA, Cláudia Rose Ribeiro. **Maré a invenção de um bairro.** Dissertação Fundação Getúlio Vargas Centro de Pesquisa e Documentação de história contemporânea do Brasil- CPDOC Programa de Pós Graduação em História Política e Bens Culturais – PPHPBC Mestrado Profissionalizante em Bens Culturais e Projetos Sociais, 2006.

SILVA, João Paulo Querino da.**Tybyra : uma tragédia indígena brasileira = 1yryrã :ymã mba'e wai nhandewa regwa pindó reta-re** São Paulo, SP: Selo doburro, 2020. ISBN 978-65-00-00866-1

SILVA, Mariah Rafaela. ***Éticas de vida, políticas de morte, racismo (trans)genderizado e o (con)fim do mundo.*** 2021 ORI - Grupo de Estudos e Pesquisas em Raça, Gênero e Sexualidades.

WALKER, Alice. 1944 - **O templo dos meus familiares.** Tradução Paulo Azevedo. Rio de Janeiro: Rocco, 1990.

Entrevistas

Documentário **Antes da Noite** 2021. Filme de Paulo Victor Lino e Wallace Lino. Entrevistas Érika e Marcela

https://www.youtube.com/watch?v=KoVp55PUq-Y

Experimento **10 anos de parada na Maré, uma declaração de amor ao LGBTQIA+ da Maré** 2020. Filme de Paulo Victor Lino e Wallace Lino. Entrevista Gilmara Cunha

https://www.youtube.com/watch?v=bouPZ_HZyB8